

AVENTURAS DE UM DESCONHECIDO

2ª edição

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro às cidades que me acolheram, Selbach na longínqua infância e posteriormente Porto Alegre e Boa vista.

Dedico também à memória do meu irmão José Olavo Junges, parceiro de inúmeras travessuras.

Dedico ainda à memória dos meus pais, Emílio Alberto Junges e Ana Hilária Junges, que me ensinaram a seguir o caminho do bem.

PREFÁCIO

Os livros quase sempre materializam o abstrato e solitário sonho de um escritor. Um sonho que, ao nascer, na maioria das vezes não encontra o caminho necessário para o seu próprio desenvolvimento. O escritor é um sonhador que sonha sozinho. Mas, que possui em si a fluência textual e um bom manancial histórico. Não pode, e não deve temer o seu caminhar por aquela estrada em que tantos nomes ilustres da Literatura deram os seus primeiros passos. A estrada das letras e da persistência. Os mais renomados escritores de qualquer época e de qualquer tema literário, um dia escreveram o seu primeiro livro. Estou tendo a rara oportunidade de assistir, muito mais que a edição de um primeiro livro, o surgimento de um novo autor, o nascimento de mais um escritor.

Quando os primeiros textos chegaram às minhas mãos, confesso que as minhas reações iniciais foram de admiração e de surpresa. Admirado pela beleza do que eu estava lendo. Surpreso pela pessoa que estava diante de mim. Uma pessoa que eu conhecia como vendedor, cobrador, jogador de futebol e contador de causos, o João Euclides Junges.

Pude, com a anuência do escritor, ler e reler cada um dos textos que foram selecionados para compor o sonho do autor. Pude, honrado e singelamente, oferecer algumas sugestões. Não sei até que ponto elas foram importantes para o desenvolvimento do livro, mas, sei que o livro se tornou muito importante, também para mim.

Agora estou aqui a prefaciando a obra que eu vi nascer. Uma obra que, aparentemente sugere apenas e tão somente uma interpretação humorística. Os causos aqui descritos nos levam a pensar nas inconsequentes travessuras de um menino de interior. O livro provoca a falsa impressão de que a pretensão do autor é mostrar o lado cômico de uma história e de uma época. Parece ser exatamente assim, mas não é. O que, verdadeiramente está escrito, não são as enormes gargalhadas que ecoaram nas lonjuras do passado: o que aqui está escrito descreve o coração da saudade, danificado pelo passar dos tempos. É a

trajetória de uma vida que, sem querer, retrata a vida de tantos que um dia saíram do lugar de onde não pretendiam sair. É uma história de vivências que, se lidas e interpretadas corretamente, nos remetem aos tempos de outra época e, ao caminhar dela.

A Vila de Selbach, hoje cidade, tantas e tantas vezes aqui mencionada, receberá em cada página do livro a justa homenagem que o menino saudoso sempre quis prestar. Conhecerá a manifestação carinhosa, quase infantil, do mocinho que saiu pelo mundo em busca do seu destino e nunca mais pôde voltar.

Cada uma dessas histórias, e muitas parecem estórias, foram escritas sob a proteção das lembranças e das distâncias. Em cada uma das narrativas existe a evidente preocupação de relatar, fielmente, lugares, fatos e pessoas, que de alguma forma fizeram parte em um determinado momento, da vida do escritor.

Todas as situações, por mais engraçadas que pareçam, encerram e conduzem uma lágrima disfarçada de sorriso. As travessuras infantis foram relembradas, para lembrar os amigos que foram separados pelos desígnios da vida. Muitos deles lerão este livro nas varandas do Infinito.

Aqui estão lembrados os parceiros do Futebol. Os Times em que jogou. Os lugares em que trabalhou. Os lugares onde morou. Algumas aventuras amorosas. As pescarias. Alguns detalhes pessoais. Mas, sobre tudo as inúmeras pessoas que fizeram parte da sua existência.

O Euclides teve a competência de retirar tudo o que estava armazenado em seu coração e espalhar pelos recantos do seu livro.

Nada mais direi, pois sou cúmplice desta empreitada. Porém, sinto-me na obrigação, e no dever, de convidá-los a ler as Aventuras de um desconhecido. As aventuras que começam em Selbach e terminam em Boa Vista. Aventuras que tiveram o início lá no Rio Grande do Sul e estão sendo concluídas aqui em Roraima. O desconhecido é, na verdade, o mais conhecido dos desconhecidos.

De minha parte, engrandecido pelo convite, emocionado pelo trabalho, feliz pelo amigo, resta-me agradecer a honrosa missão de, ao prefaciar esta obra, fazer parte de uma história. A História de um Desconhecido.

Édison Eroquês Daniel Velho

PRÓLOGO

SELBACH VISTA PELO AUTOR

Sempre que os poetas lembram as suas origens, chovem emoções em seus corações. Comigo não poderia ser diferente. Toda vez que lembro da minha infância em Selbach afloram emoções no jardim das minhas recordações. Nada daquele tempo em mim morreu quando lembro a minha Selbach, a Selbach antiga, ainda vila, lugar marcado por minha infância e que marcou a minha vida. Na minha meninice eu era um guri levado, aprontava uma arte atrás da outra. Era o meu jeito de ser feliz. Feliz pelas coisas que eu tinha, que eram poucas, feliz pelas pessoas que me deram o prazer do convívio, que eram muitas.

Eu era um menino sem maldades. Marotas, às vezes, eram as minhas brincadeiras. Aqueles frutos subtraídos dos pomares que insistiam em me atrair, hoje povoam as minhas lembranças. Lembranças que alimentam a minha saudade. Como esquecer a minha escola onde me ensinaram o caminho do bem. Quantas lembranças da linda igreja. Igreja de muitas brincadeiras durante as quermesses. A fé eu trouxe comigo, as brincadeiras ficaram por lá.

A Igreja de Selbach tornou-se, com o passar dos anos e da vida, um dos pontos turísticos da Cidade das Flores. Sempre apreciada pelos turistas e sempre amada pelos moradores. E que lindos eram os natais daquela época. Lembro-me do presépio que todos os anos, na véspera do Natal, era montado no interior da Igreja. Naquele tempo as datas comemorativas eram festejadas com muito mais intensidade, diferente dos dias atuais em que as belas datas são esquecidas, ou ignoradas. Havia amor no coração das pessoas. Amor generoso, dividido e compartilhado por todos. Todos sabiam que o Papai Noel morava no extremo norte, numa terra de neve eterna. Todos sabiam que ele viria de muito longe. Desta forma, o velhinho era esperado com ansiedade pelas crianças. Havia um sentimento de felicidade e de medo irmanados. Felicidade

pela espera festiva e religiosa; medo de que ele, por ser tão ocupado, não viesse. Sempre havia um Papai Noel que imitava o verdadeiro. Era um Papai Noel voluntário que emprestava a sua dedicação, o seu carinho, e o seu significado à população. Ao entregar os presentes, ele trazia um pouco de ternura, um pouco de paz, um pouco de emoção. Eu estava lá. Um dia o Papai Noel chegou e eu não estava mais lá. Não sei se ele sentiu a minha falta, mas eu chorei lágrimas amargas contemplando o horizonte das lonjuras, das recordações, da saudade.

Como esquecer as matinês nos ensolarados dias de domingo. Bailes alegres, onde as famílias se reuniam e onde os rapazes pediam permissão para dançar com as moças. Era lindo aquele tempo. Confesso que levei alguns foras, dançar ou não dançar, fazia parte das tradições da época. Éramos jovens e vivíamos os nossos amores inocentes. O romantismo era a tônica daquela época. Quando as luzes se apagavam no salão era chegada a hora de ir embora, ou convidar algum amigo para fazer uma serenata à mulher amada e romantizar ainda mais aquele final de noite. A nossa companheira nos bailes e serenatas era a tradicional caipirinha, “serona”, como, carinhosamente, meu pai chamava a sua bebida favorita.

E o que dizer dos carnavais de Selbach.

Houve um que ficou marcado para sempre no meu coração e nos corações de todos que participaram daquela brincadeira sadia. Eu e alguns amigos estudávamos e trabalhávamos em Porto Alegre. Chegamos em Selbach na véspera do carnaval, não lembro exatamente o ano, só sei que ainda estávamos nos anos 70. E, ao chegar em Selbach, fomos informados que os blocos de carnaval teriam entrada franca no Clube Aliança de Tapera, distante 9 km de Selbach. Rapidamente, com o auxílio da minha mãe e de outras mães que também sabiam costurar, improvisamos fantasias árabes. Como bem retrata a foto tirada no dia do evento e imortalizada no livro. E, assim, brincamos aquele carnaval em grande estilo e na maior alegria.

Lembro ainda do vento minuano. Lá onde as estações climáticas eram bem definidas, o frio predominava o inverno todo. As manhãs orvalhadas, ou as geadas intensas, enfeitavam a paisagem. Quando o vento sopra na

distância onde hoje vivo, sinto saudade dos amores inocentes que ficaram pelo caminho, das noitadas divertidas e das tardes românticas da minha época e da gente daquela época. Pessoas e lugares que insistem em não envelhecer quando fecho os olhos e volto, pela estrada do passado, em busca da minha história de mocito.

Volto para o jogo de futebol, minha diversão favorita, e favorita de tantos. Volto para o potreiro do Benno Ely (que foi prefeito) e encontro a gurizada do passado. Era uma reunião diária dos meninos daquela época, correndo atrás de uma bola de futebol. Mas, quando volto à realidade, encontro as páginas amareladas onde foi escrita a história do meu viver.

Naquele tempo o rio Colorado era um rio de águas límpidas e cristalinas, mas, como quase todos os rios que conheço, sentiu os efeitos nocivos que o progresso insiste em não perceber. Morrem os peixes, morrem os rios. Era divertida uma pescaria nas águas do rio Colorado, rio que banha a nossa cidade de Selbach. Rio que hoje vagueia por dentro de mim, deixando em suas margens lembranças daquela gurizada que, como se fosse uma obrigação das tardes, se encontravam para o tradicional mergulho.

Que bom é lembrar Selbach e poder eternizar para sempre a Cidade das Flores. Que bom é retirar do meu coração as velhas saudades daquele tempo e esparramá-las pelas páginas dos meus livros. Que bom é reviver algumas das muitas histórias que foram escritas pelos campos, pelos rios, pelas ruas, pelas praças, e, principalmente pela população da cidade da minha infância.

LADRÕES NA VILA

Uma diligência não pode ser lerda. Precisa da agilidade policial. Uma diligência, para prender um ladrão, deve ser feita com rapidez, porém, contrariando algumas normas e técnicas policiais, houve, lá no meu passado, uma diligência que se fez necessária para prender alguns ladrões invisíveis.

Aconteceu em uma noite de fevereiro no distante ano de 1959. Deve ter sido lá pelas 22h00. O Inácio havia recém deitado para dormir. O quarto dele ficava lá em cima, no sobrado de sua casa. Um belo casarão, diga-se de passagem. Da janela do quarto dava para se observar a rua que existia em frente da casa. Ele ainda estava acordado, quando ouviu dois disparos de arma de fogo. Os disparos geraram gritos. Gritos fortes, amedrontados, que quebraram o silêncio da pacata Vila de Selbach.

- Ladrões!... Ladrões!...- Gritos ecoando dentro da noite.

Num salto pulou da cama e abriu a janela tentando ver o que se passava lá fora. Não pôde ver muita coisa, pois havia árvores de cinamomo, muito altas, que encobriam a visão do que estava acontecendo. Curioso, mesmo sem ver o que acontecia, permaneceu ali na janela. Em dado momento ouviu um falatório vindo da direção sul. Não dava, porém, para entender o assunto que conversavam. O ronco do jipe da Polícia que, às vezes, passava de lá para cá, daqui para lá, subindo e descendo aquela rua em alta velocidade, por certo, determinou o silenciar daqueles gritos. Depois de um tempo o silêncio voltou a reinar outra vez. A noite voltou a ser tranquila como sempre era. Então, o Inácio, voltou calmamente para a sua cama. No outro dia, a notícia correu solta entre os moradores. De boca em boca foi aumentando e, como sempre acontece em assuntos duvidosos, a soma das opiniões multiplica o acontecimento. O evento virou notícia pluralizada pela população. Algumas inventadas, outras destorcidas. Diziam que ladrões tentaram invadir uma casa. No caso, a casa do Romeu, onde também funcionava sua alfaiataria. Quem eram os assaltantes? Quem os viu? Onde estava a polícia? Na verdade, o comentário foi maior do

que o acontecimento. Os policiais não descobriram nada. Os supostos assaltantes não deixaram vestígios.

Aquele episódio foi um fato anormal para uma vila tranquila e atraente, como é Selbach. Os dias, os meses e os anos passaram e, naturalmente, esse assunto foi caindo no esquecimento.

Mas, nem todos esqueceram...

Na casa do Inácio, eles tinham por costume ficar conversando após o jantar. Conversavam sobre diversos assuntos. Algumas vezes falavam coisas do dia a dia, em outras, sobre coisas do passado. Pois, foi exatamente numa dessas noites, que eu estive com eles. A conversa animada provocou algumas lembranças. O Beno (In Memoriam), irmão mais velho do Inácio, lembrou aquele episódio. Episódio que, segundo todo mundo, nunca foi esclarecido. Então resolvemos, o Beno e eu, desvendar os detalhes daquele caso, tão insignificante, mas ao mesmo tempo, tão intrigante.

Passaram-se oito anos daquele episódio. Para a nossa idade era muito tempo. Então, combinamos para, na noite seguinte, aprontar uma brincadeira ao amigo Romeu. Justo a ele, que era o único casado de toda a nossa turma. Pela manhã, quando eu estava passando em frente da casa do Inácio, encontrei o Beno. Ele aproveitou para me falar, em segredo, que outros amigos fariam parte daquela brincadeira. O Beno havia convidado o Mário e o Ervino. Elaboramos um plano para executar a brincadeira. Brincadeira que, ao princípio, nos parecia muito engraçada. Nós nos reunimos no pomar, ali perto da casa do Romeu.

A tarde estava sumindo lentamente. Devagar, o anoitecer começou a delinear-se. Achamos que era muito cedo. Queríamos, na verdade, imitar o ocorrido, mesmo que não por inteiro, pelo menos em partes. Decidimos esperar até às 22h00. Foi nesse horário que tudo aconteceu. Queríamos que as pessoas da Vila já estivessem dormindo. Nós sabíamos que o Romeu, até por ser casado, sempre se acomodava um pouco mais cedo. Durante a espera, desenvolvemos as nossas curiosas habilidades artesanais. Arranjamos um

carretel de linha de costura, um frasco de querosene e, um paninho para ser uma espécie de sonar. Invenção nossa, modéstia à parte. Amarramos uma das pontas da linha na cabeça de um prego na casa do Romeu. A outra ponta ficou conosco. A casa ficava bem próxima à garagem pertencente à família do Beno.

O silêncio era total na Vila naquele horário. Tal e qual, como antigamente. Colocamos, então, o nosso invento para funcionar. Sabíamos que uma linha devidamente esticada, quando friccionada por um pano embebido em querosene produz um ruído significativo. Era o que pretendíamos. Muito barulho. Esticamos bem a linha, molhamos o paninho com querosene. Começamos, então, a friccionar o pano na linha esticada. Imediatamente produzimos os sons esperados. Era uma multiplicidade de sons. Eram sons em diversas tonalidades. Não foi preciso friccionar por muito tempo, pois logo o Romeu abriu a janela na escuridão da noite e, com o seu revólver (naquele tempo o uso era permitido ao cidadão de bem), deu dois tiros para o alto, gritando:

- Ladrões!... Ladrões!...E, novamente aquele grito ecoou dentro da noite.

Depressa recolhemos a linha e saímos pela porta dos fundos da garagem. Sumimos na escuridão, que era ainda mais densa, entre as árvores do pomar. Logo os curiosos, tal e qual antigamente, se juntaram na frente da casa do Romeu e um dos vizinhos foi chamar a Polícia. Diferente da história verdadeira pois, para nosso espanto, o Romeu viu os ladrões. Tanto viu que em seu depoimento afirmou que eram ladrões profissionais os que tentaram roubar a sua residência. Os policiais, desta vez, se deslocaram em diligências rápidas, atrás dos supostos ladrões. Passaram a noite toda vasculhando os arredores da Vila e nada dos bandidos. Enquanto aquela confusão toda rolava na Vila, nós já estávamos em nossas casas. Antes da nossa dispersão, comemoramos a perfeita reconstituição daquela história antiga. Duas histórias que se encontraram. Na primeira, onde houve a presença dos ladrões, eles não foram vistos e nem perseguidos. Na segunda, em que não houve a presença deles, eles foram vistos e perseguidos. Porém, em nenhuma das duas versões ficou esclarecido de que maneira a história foi finalizada. Reconstruímos um pedaço

do tempo. Estávamos surpresos e felizes. Parecíamos adultos comemorando um feito histórico. O comprometimento policial, sem dúvida, foi o capítulo da história que nós não tínhamos planejado. Foi um capítulo à parte. Éramos todos meninos. Meninos felizes da Vila de Selbach. Eu era o mais novo daquela turma, estava com 12 anos. A história estava concluída e poderia ser contada depois dos jantares. Poderia, porque antes de nos separarmos para voltarmos aos nossos lares, fizemos um pacto: Nunca iríamos revelar nada do que houve naquela noite para ninguém. E assim foi feito.

Hoje, passados tantos e tantos anos, com o aval do Inácio, resolvi contar a verdadeira história do assalto, sem ladrões, à casa do Romeu. Ao recordar aquela brincadeira, presto uma homenagem póstuma ao Beno, ao Mário e ao Romeu, pois eles conhecerão o meu livro pelas janelas do infinito. Ao delegado e aos policiais que passaram a noite toda num velho jipe atrás dos fictícios ladrões, a minha gratidão e a minha saudade de um tempo que não voltará. Soube, por terceiros, que foram transferidos da Vila e, que, poucos sabem das notícias deles. Onde estiverem recebam a minha homenagem. Vocês fazem parte da história da minha história.

Foi a primeira vez que participei de uma brincadeira, a primeira de muitas.

PELADOS NA VILA

Era um final de tarde na pacata vila de Selbach. Sérgio Bock, o seu primo Sílvio e eu estávamos tentando encontrar alguma coisa para gastar as nossas energias juvenis. Caçar, jogar bola, pescar, jogar bolita, nadar... Pensávamos no que fazer. Resolvemos caçar. Caçar passarinhos, nas redondezas da vila. O Rio Grande do Sul reservava, não sei se por costume ou por tradição, um mês em seu calendário, para a chamada Temporada de Caça. Os adultos, quando a temporada estava aberta, caçavam livremente todos os animais ou aves que pudessem abater. Era permitido. Era uma espécie de lazer naquele tempo. Para os meninos, como nós, a temporada estava sempre aberta e disponível. Nós

três éramos da mesma idade. Tínhamos, naquela época, 14 anos. Munidos de bодоques entramos num sítio das redondezas da nossa vila. O sítio escolhido, ao acaso, era de um plantador de melancia. Estava, justamente, na época das melancias. Nossa intenção, porém, era somente caçar. Estávamos procurando na beira da plantação alguma coisa que se movesse para podermos demonstrar toda a nossa habilidade no uso dos famosos bодоques, também chamados de estilingues. Aliás, não para justificar a nossa presença ali, mas plantações de milho ou de melancia em beiras de estradas são sempre um forte atrativo para quem transita nelas. Não era, porém, o nosso caso naquele momento. Nosso intuito era caçar. Era a nossa Temporada de Caça. Estávamos tão concentrados em nossa missão, que nem percebemos quando o dono da propriedade chegou, pegando a nós três, como popularmente se diz, com a mão na massa. Ele estava armado com uma escopeta de cano grosso e, diga-se de passagem, muito zangado. Ele havia encontrado uma melancia cortada ao meio, bem perto da cerca de arame farpado onde nós estávamos. Não fomos nós, mas ele concluiu, por estarmos ali, no lugar impróprio e na hora errada, que éramos nós os autores do furto daquela melancia. Normalmente os guris correm em situações como esta. Nós, porém, julgando não ter feito nada errado, embora surpreendidos, ficamos parados esperando a reação dele. A reação esperada não nos foi favorável. Com a escopeta apontada em nossa direção ele gritou:

- Muito bonito, gurizada! Não contentes em roubar as melancias, ainda se dão ao luxo de ficar caminhando por dentro da plantação. Vocês não sabem que pisotear os ramos, danifica a produção?

- Nós só estamos caçando passarinhos, senhor, - respondeu o Sérgio, falando por nós. - Não mexemos nas melancias. Aquela que está cortada, não fomos nós que a cortamos. Não entramos na sua plantação. Caminhamos, cuidadosamente, pela beirada.

Aí é que ele ficou bravo de vez. A explicação piorou a nossa situação. Ele, indignado, vociferou:

- Vão enganar outro. Vocês pensam que eu sou trouxa?

A coisa ficou preta para o nosso lado. Ele sentenciou:

- Agora, como castigo, e para nunca mais pisarem no meu sítio, vão sair daqui pelados.

Não nos deixou alternativa. Tivemos de tirar a roupa sob os olhares severos dele e fugir em disparada, já que o danado ameaçou soltar os cachorros.

Aí começou o outro drama, como chegar às nossas casas. peladinhos e tendo ainda de passar por dentro da vila. Diante daquele quadro, onde havia um senhor extremamente zangado, uma escopeta de grosso calibre e o latido da cachorrada, não nos restou, sequer, a remota possibilidade de esperar para roubar as nossas próprias roupas.

O Sérgio e o Sílvio estavam hospedados na casa do Dr. Gilberto Wiesel, tio deles, gozando férias escolares, já que os dois residiam na vila de Sinimbu, hoje cidade e município próximo à Santa Cruz do Sul (RS). Entramos na vila em grande estilo, ou seja, pelados. Cada um de nós tapava o bumbum e o pirulito, com as mãos. Diriam, certamente, os mais antigos: “Tentando esconder as nossas vergonhas”. Situação no mínimo inédita, rara e constrangedora, ou talvez, bem divertida. Divertida, é claro, para os outros. Havia pessoas voltando para as suas casas, no final do expediente, após terem cumprido um dia de jornada no trabalho. E eram muitos. No caminho se depararam com aquele momento incomum: três guris pelados desfilando pelas ruas de Selbach. Eles curiosos e nós amedrontados. Eles querendo nos ver, enquanto nós tentávamos nos esconder. Momento bizarro, para não dizer trágico. Apesar do fato inusitado e da surpresa, parece que as pessoas que nos viram acharam graça daquele desfile despropositado. O nosso deslocamento dependia de lugares escuros, de habilidade para nos esconder e, principalmente, de pouca gente nas ruas. Ou seja: astúcia e calma. O momento não nos era propício.

Nossa primeira parada, para planejar como e o que faríamos, foi logo na entrada da vila. Repentinamente apareceram duas senhoras, que resolveram conversar animadamente, paradas, no meio da rua. Ficamos escondidos por alguns minutos dentro de um pomar, nas imediações em que aquelas tranquilas e calmas senhoras, sem pressa nenhuma, jogavam conversa fora. Corremos o risco de, novamente, sermos surpreendidos dentro de um pomar alheio. E, se fôssemos, não teríamos justificativa, pois não estávamos caçando e, para complicar, pelados. Muito impacientes com a paciência daquelas senhoras, tivemos de aguardar, indignadamente, a chegada do anoitecer.

Anoitecia quando resolvemos entrar na vila. Muito mais atentos que o normal e, muito mais sorrateiros também. Para não sermos notados, conforme o planejado, nossa primeira parada seria no centro de Selbach, precisamente em frente à praça. A praça principal e a mais movimentada da nossa vila, diga-se de passagem. Ali, por uma decisão consensual, resolvemos nos dispersar. Cada um seguiria seu próprio rumo. Não sei dos outros, mas eu saí em disparada em direção a minha casa. Entretanto, no meio do caminho topei com duas senhoras que transitavam pela calçada. O meu susto foi inexplicável, mas o delas foi muito maior. Ao me verem naquele estado, instintivamente, aquelas senhoras começaram a gritar. Aquela gritaria, desproporcional e fora de rotina, chamou a atenção de outros moradores da vila. Eu tinha de sair dali e, se possível, rapidamente. O jeito que encontrei para resolver o meu impasse foi sair, novamente, correndo em disparada. Foi o que fiz. Saí correndo em linha reta, sem olhar para trás, mas mesmo assim, ainda pude ouvir um comentário, cheio de pudor, de uma moça que atravessava a rua naquele exato momento. A voz dizia:

- Tu não tens vergonha de andar pelado por aí?

Exercitei a velha brincadeira do esconde-esconde. Só que, desta vez, era para esconder-me de mim mesmo. De árvore em árvore, de sombra em sombra, consegui chegar à minha casa. Não fui notado, naquele momento, e por sorte, pela minha mãe. Portanto, não tive de dar aquelas explicações que não a

convenceriam nunca. Fui direto para o banheiro. Depois de um tempo, e já tranquilizado, chamei por ela:

-Mãe, me alcança a minha toalha, por favor.

Mãe é mãe. Pronta e gentilmente, me atendeu. Resolvi assim o meu problema.

Eu queria saber, por lógica curiosidade, de que maneira os outros dois haviam resolvido o problema deles. Tomei conhecimento, posteriormente, ou seja, logo em seguida, que os meus amigos não tiveram a mesma sorte.

A distância entre a casa do Dr. Gilberto e a praça da vila era de três quadras. Diferente do meu trajeto, eles tiveram de passar em frente à Igreja Matriz, justo no início da missa, quando o fluxo de pessoas, normalmente, é muito intenso. E, naquele momento, era. Foi impossível, segundo eles, não serem notados. As pessoas que assistiram àquele desfile, inusitado e repentino, caíram na gargalhada. Ao perceberem que haviam sido notados os dois saíram, do mesmo jeito que eu fiz, em disparada na direção de casa, no caso, a casa dos tios. Mas o pior ainda estava por vir...

Acreditavam eles que naquele momento não haveria ninguém em casa, estaria tudo em silêncio, tudo tranquilo. Por certo, todos estariam na missa. Claro, deveriam estar na missa. Confiantes, entraram pelo portão, rápido e bruscamente. O Dr. Gilberto e a esposa Cirlei tomavam chimarrão, sentados na calçada em frente à casa. Eles, obrigatoriamente, teriam de passar por ali. De repente e, inexplicavelmente, estavam frente a frente os tios bem vestidos e os sobrinhos pelados, que chegavam da rua. Por certo, a palavra constrangedora, não foi suficiente para explicar a situação.

O Dr. Gilberto, como sempre, bem educado, fez um único comentário:

- Muito bonito, meus jovens! Que maravilha, desfilando peladinhos por aí!!!

Já a dona Cirlei, teve uma reação diferente. E, como não teria?

- Lindos, desfilando pelados pela vila. Onde vocês aprenderam isso? Ninguém anda pelado aqui pelas ruas de Selbach. E ninguém anda pelado aqui dentro da minha casa. Como vocês se atrevem? Que vergonha! Vão tomar banho, se vestir, para depois me dar as explicações necessárias. Veja Gilberto, como estão os tempos! - Falou ela indignada ao tranquilo Dr. Gilberto.

Enquanto tomava banho, o Sérgio imaginava a mentira que teria de contar para os seus tios. Contou a seguinte história, que na realidade era a história real:

- Estávamos eu, o Silvio e o Euclides caçando passarinhos nas imediações da vila, num terreno onde havia uma plantação de melancias. O dono do sítio, que chegou não se sabe de onde, confundiu-nos com ladrões de melancia que, vez por outra, frequentam o seu sítio. Ele estava de tocaia para surpreendê-los. Muito enfurecido, quando nos encontrou, e sem aceitar as nossas explicações, ordenou que tirássemos as roupas e voltássemos nus para nossas casas. Este, segundo ele, seria o castigo exemplar que receberíamos. Não estávamos roubando, estávamos caçando, porém, contra nós havia dois argumentos inquestionáveis: a escopeta que estava nas mãos dele e o latido da cachorrada. Ficamos no estado em que nascemos. Pelados. E, pelados, chegamos aqui. As nossas roupas ficaram lá no sítio.

O Dr. Gilberto, além de médico competente, era também um ser humano muito inteligente e, portanto, fingiu acreditar naquela história. Não havia uma explicação lógica, quanto mais uma convincente. Ele, Dr. Gilberto, simplesmente deu de ombros e soltou uma risada bem gostosa, antes de dirigir-se até o Hospital para dar uma olhada em seus pacientes.

Ninguém na vila acreditou em nossa história.

Na verdade, até nós três queríamos que essa história tivesse sido mentira!

SAPO NA PANELA DA VIZINHA

O nome sapo é uma designação genérica de anfíbios da ordem Anura, predominantemente terrestres, com pele rugosa e glândulas paratoides semelhantes a verrugas. Existem cerca de 4800 espécies de sapos. A maioria deles vivem próximos a uma fonte de água, muito embora existam os que vivem em ambientes aquáticos, como a Serrapilheira de florestas tropicais úmidas. Os sapos distinguem-se das rãs pelas membranas interdigitais pouco desenvolvidas e pela pele mais seca e mais rugosa.

Durante a minha adolescência em Selbach, em duas oportunidades apanhei do meu pai por culpa de um sapo. O primeiro episódio se deu quando cursava o primeiro ano ginasial, que hoje corresponde ao ensino médio e o fato se deu no recreio das aulas, que aqui denominam de intervalo. No recreio era comum os alunos reunirem-se em grupos para jogar conversa fora. De um lado ficavam as gurias e do outro os gurus, e foi em uma dessas ocasiões que eu avistei um sapo passeando no corredor do colégio. Na hora pensei com os meus botões: preciso dar um final triunfal para esse sapo...

O segundo episódio com sapo foi mais ou menos assim:

Anoitecia lentamente naquela tarde de inverno. Estávamos eu e o meu vizinho, Frederico Hoffmann, proseando na esquina próxima das nossas casas. Conversa vai, conversa vem, até que lá pelas tantas decidimos, em comum acordo, fazer uma brincadeira com a nossa vizinha. O ator principal desta brincadeira seria um sapo.

Aquele sentimento de cansaço, quando o dia vai chegando ao fim, não combinava comigo. Quem sabe uma sacanagem para aquele final de tarde, para encerrar o expediente. Tudo se deu assim.

De repente eu vejo um sapo morto dando sopa no canto da calçada. Ele parecia olhar para mim, embora estivesse morto, provavelmente atropelado por

algum carro. Logo a minha mente começou a trabalhar. Era preciso dar um destino triunfal para aquele anfíbio.

Quando o meu irmão surgiu no outro lado da calçada não pensei duas vezes, chamei-o para participar da brincadeira. Antes de chamar o Ratão, combinei os detalhes com o Fritz, apelido do Frederico.

- Ratão, vem cá. Tenho uma missão para você.

- O que devo fazer desta vez?

- Pega aquele sapo morto, - mostrei com o dedo, - e joga na cozinha da Cemilda!

A Cemilda, nossa vizinha, morava bem em frente da nossa casa. Enquanto o Ratão se preparava para jogar o sapo, eu e o Fritz procuramos um esconderijo para poder assistir, de camarote, o desenrolar daquela sacanagem.

O Ratão foi chegando bem devagarzinho, como quem não quer nada, e jogou o sapo pela janela da cozinha. A pontaria foi certa. O sapo caiu dentro da panela do feijão. A fuga teria de ser rápida e perfeita, mas deu tudo errado. Rapidinho, a vizinha correu até a janela, de onde viu o Ratão em fuga. Logo ela saiu correndo, chamando pela minha mãe:

- Hilária! Hilária!

- O que aconteceu? - mamãe perguntou assustada ao ouvir os gritos desesperados da vizinha.

- O teu filho, o Ratão, jogou um sapo dentro da minha panela de feijão!

- Deixa ele chegar em casa, vai apanhar de novo.

Eu, na maior inocência, fui para casa como se nada tivesse acontecido. Tomei banho, jantei e fui me deitar. O meu pai era um carrasco. Se o meu esporte preferido era aprontar uma brincadeira, o dele era bater nos filhos. Nada de palmadinhas ou surra educativa. O velho usava o cinto ou uma vara fina. Muitas vezes saíamos das sessões de surra com marcas roxas pelo corpo.

Naquela noite, quando o Ratão chegou em casa levou uma bela surra, antes de me dedurar. Lá do meu quarto escutei o meu pai dizer: “Agora é a vez do outro”.

Não teve jeito, também levei uma surra do meu velho. A brincadeira do sapo acabou saindo caro para mim e para o meu irmão, que entrou de gaiato na brincadeira que eu e o Frederico planejamos. Até hoje não fiquei sabendo o que aconteceu com o Fritz, não sei se ele também apanhou em casa, ou não. Quem sabe um dia eu crio coragem e pergunto.

CALDINHO DE MELANCIA

A melancia é originária da África. Presume-se que do deserto de Kalahari. O primeiro registro de colheita de melancia se deu há cerca de cinco mil anos, no Egito. Ela é uma fruta saborosa e considerada uma dieta saudável para crianças, homens e mulheres, especialmente, às grávidas. A melancia tem excelentes níveis de vitamina A e C, além de vitamina B 6. Também é uma ótima fonte de Potássio, mineral necessário para o equilíbrio de água encontrada dentro de cada célula.

Muitos acham a chuva triste; outros ficam felizes ao ver as gotas caindo do céu. Porém, outros gostam de aprontar uma sacanagem quando chove. Eu sempre fiz parte da turma da sacanagem.

Era uma tarde chuvosa na Vila de Selbach. Repentinamente o caminhão da melancia quebra o silêncio:

- Olha o caminhão da melancia! - gritava o motorista.

Estávamos reunidos na casa do Fábio, quando escutamos a gritaria. Ele foi o primeiro a ver o caminhão e deu a ideia:

- Vamos roubar uma melancia para comer no porão da casa do Sapo.

Enquanto planejávamos como seria o assalto, apareceu o Vianeí. Guri inteligente, sabia como ninguém articular um plano, sem deixar vestígios. O plano era: o Fábio, o Sapo, o Renato, o Elizeu e eu, ficaríamos incumbidos de distrair o motorista, enquanto o Vianeí chegava por traz do caminhão e roubava a melancia. E lá fomos nós botar o plano em ação.

- É tão bom receber vocês e conhecer pessoas novas, - falou o motorista.

Nosso plano era perfeito, tanto que ele não desconfiou de nada. Enquanto trocávamos uma ideia com o motorista, o Vianeí roubou uma melancia enorme. Como o Fábio havia sugerido, fomos comer a melancia na casa do Sapo. Quando estávamos terminando, o Renato avistou o Edson passando na rua, e logo sugeriu:

- Vamos chamar o Edson para tomar um caldinho de melancia...

O Edson era um guri esquisito e boçal, usava roupas coloridas e só falava na gíria. Queria ser o rei da cocada. Enquanto o Edson vinha em nossa direção, o Sapo mijou na melancia. Misturou tudo, formando um caldinho. O Edson logo recebeu as boas vindas do Vianeí.

- Edson, tu queres um caldinho de melancia?

- Quero sim, eu adoro um caldinho de melancia.

Ele pegou a melancia com as duas mãos e logo sentiu um desconforto ao engolir o caldinho de xixi. Ficou vermelho igual a um pimentão, primeiro olhou

pra todos os participantes daquela sacanagem e depois jogou a melancia no chão e disse anojado:

- Mmmiiiiijjooooo!!! E saiu correndo em disparada. Nós, é claro, caímos na gargalhada. Passou um bom tempo para o Edson sair de casa outra vez.

PESCARIA NO MUSCKHOP

Pesca é a retirada de organismos aquáticos do meio em que vivem e se desenvolvem, para diversos fins, tais como: a alimentação e a recreação (pesca recreativa ou esportiva). As principais espécies exploradas pela pesca, no mundo inteiro, pertencem ao grupo dos peixes, dos crustáceos e dos moluscos. No entanto, eles são também, além de capturados, cultivados pelo homem em ambientes propícios. A pesca é, igualmente, enorme fornecedor de emprego, contribuindo decisivamente para a economia mundial. Neste caso, particularíssimo, que vou relatar a seguir, é mais uma pescaria criativa. Pescaria como forma de lazer. Lazer em forma de pescaria, talvez ficasse melhor.

Estávamos no início de dezembro de 1970, quando o Inácio me falou do seu antigo desejo de pescar na fazenda do Musckhop. A fazenda está distante 25km da cidade. Precisamente na vila de Bela Vista. Combinamos a pescaria. A data de 22 de dezembro foi a que nos pareceu mais propícia. Chegou o dia. Preparamos tudo o que julgamos necessário para uma boa pescaria. O Libório, gentilmente, nos levou em sua kombi até a propriedade. Fomos o Inácio, o Ratão e eu. O Libório nos deixou na beira do rio e retornou a Selbach. Ficou, porém, com a responsabilidade de nos buscar no dia 24, véspera de Natal, pela parte da manhã.

Devidamente acampados, barraca armada, iniciamos o ritual exercido pelos grandes pescadores. Estava na hora de colocar o material de pesca na água. Enquanto o Inácio e o Ratão colocavam as redes no rio, eu fui incumbido de preparar o jantar, que seria um arroz de carreteiro. Fiquei distraído com os afazeres, em volta do fogo. Aproveitando a minha distração, o cachorro do Musckhop roubou a peça de salame. Para quem é alemão, salame é

indispensável. Na hora do jantar, eu fiquei em silêncio. Não contei nada para eles sobre o roubo do salame. Tudo ia bem, os dois elogiaram a comida, até que Olavo Ratão lembrou-se do salame:

- Clides, pega o salame para completar o jantar.

- Vocês não acabaram de elogiar a comida? Vamos deixar o salame para o café da manhã.

O meu irmão é um cara teimoso e continuou insistindo:

- Podes pegar o salame que eu quero provar um pedaço.

Não houve jeito. Não havia mais salame. Eu fui obrigado a abrir o jogo. No primeiro momento, o Ratão ficou uma fera, quase que me agrediu. Mas, aos poucos, com a ajuda do Inácio, ele foi se acalmando. Antes de dormirmos, ele me incumbiu de uma tarefa para o dia seguinte. Antes do amanhecer, o meu irmão me acordou:

- Levanta, seu merda. Vais pegar um frango na fazenda do Musckhop.

Enquanto os dois foram corrigir os malhadores, eu passei quase duas horas correndo atrás dos frangos da fazenda e não peguei nada. De volta ao acampamento, fui recebido pelos companheiros. O Ratão foi logo me xingando:

- Tu não presta para nada. Eu vou buscar esse frango.

Enquanto eu e o Inácio ficamos tratando os peixes aprisionados no malhador, o Ratão se dirigiu até a sede da fazenda, distante 500 metros do acampamento.

Passada quase uma hora da sua saída, o Ratão surge triunfante de dentro da mata. Na mão direita ele trazia um frango e na mão esquerda uma garrafa de cachaça. Eu e o Inácio ficamos surpresos e curiosos em saber como

ele havia conseguido pegar o frango e, de quebra, encontrado uma garrafa de cachaça.

Antes de chegar à sede da fazenda, o meu irmão deu uma bela observada no pátio e escolheu o frango que ele achou melhor, ou maior. Depois foi até a frente da casa e bateu palmas. Foi recebido pelo próprio Musckhop. Foi logo se apresentando como filho do Emílio, já que o meu pai era amigo do fazendeiro.

- Nós estamos pescando aqui no rio Jacuí. O nosso frango fugiu e se misturou com as galinhas da fazenda.

- O senhor consegue identificar o seu frango?

- Consigo, sim. Eu o vi lá fora, paquerando as galinhas do senhor.

E lá foram os dois tentando localizar o frango fugitivo. O meu irmão espichou o pescoço na maior cara de pau e localizou o frango.

- É aquele lá, com a mancha branca no pescoço.

- Agora tá difícil de capturar o teu frango. Eu vou te dar outro, que está preso no galinheiro.

Antes de o Ratão retornar para o acampamento, foi presenteado com uma garrafa de cachaça.

Passamos dois dias pescando na maior tranquilidade, comendo o frango cedido com muito capricho pelo fazendeiro. Finalmente, chegou o dia 24 de dezembro. Logo cedo retiramos o material da água, baixamos o acampamento e ficamos no aguardo da chegada do Libório.

O tempo foi passando e nada de o Libório aparecer. O desespero já tomava conta de nós todos. O desânimo era tamanho, que começamos a

gritar: “Libório, Libório, Libório”. Lá pelas cinco horas da tarde aparece o Libório, em companhia de um amigo com uma caixa de cerveja, querendo festejar a Noite de Natal na beira do rio. Nós quase jantamos o Libório, tanta era a nossa revolta. Contrariando o contrariado Libório (in memoriam), colocamos as tralhas na kombi e retornamos imediatamente aos nossos lares a fim de festejar a Noite de Natal em casa.

Uma semana após a pescaria, o Musckhop foi visitar o meu pai na cidade. O meu velho, durante a conversa, entregou a gente:

- Eles não levaram frango nenhum na pescaria. O meu filho fez toda aquela encenação para roubar o teu frango. Assim, após muitas risadas entre o meu pai e o Musckhop, ficou decidido que nós teríamos que pagar pelo frango roubado, o que foi feito alguns dias depois.

Nos pescamos poucos peixes. Mas, como em toda pescaria que se preza, sempre tem aquela história de que “o maior escapou” e acontecem coisas que, às vezes parecem verdade e às vezes parecem mentira.

CHURRASCO DE CASAMENTO

Casamento é o vínculo estabelecido entre duas pessoas, mediante o reconhecimento conjugal, religioso ou social e que pressupõe uma relação interpessoal de intimidade, embora possa ser visto por muitos como um contrato. As pessoas casam-se por várias razões, mas, normalmente, fazem-no para dar responsabilidade à sua relação afetiva.

Era um dia de sábado, início de noite, momento em que o sol se oculta no horizonte na direção Oeste. Acho lindo ver uma noiva sair da Igreja após ter dado o sim ao homem amado, e poder apreciar o pôr-do-sol. Foi essa a visão que eu tive naquele final de tarde, ao passar em frente à Igreja, no exato momento em que os noivos deixavam o templo em direção ao salão paroquial, para confraternizar com os padrinhos e convidados. Enquanto a comitiva ia em direção ao salão de festas, deu-me uma fome danada, já que havia um cheiro forte de churrasco no ar.

Não me convidaram para a festa. Não faz mal, pois, mesmo sem convite não dava para perder aquele churrasco. Logo pensei no meu irmão. O Olavo Ratão era o cara certo para me acompanhar a uma visita à churrasqueira do casamento. Passei em casa para pegar o meu irmão. Ele como amante de uma sacanagem, prontamente concordou em me acompanhar naquela arte.

No caminho da nossa casa até o salão topamos com o Valdir, que também aceitou o convite para carregar alguns espetos de churrasco. Quadrilha formada, agora era só atacar.

Chegamos em silêncio. Ficamos escondidos atrás de uma árvore de cinamomo, próximo ao local da churrasqueira, prontos pra dar o bote. De onde estávamos dava para ver os dois assadores encarregados de preparar a churrascada. Aliás, coisa fina, com carnes nobres, tipo: picanha, maminha, costela e, também, carne suína. Passados uns trinta minutos da nossa chegada, o jantar começou a ser servido. Adrenalina em alta, olhos atentos, aguardamos o instante de atacar. Não poderia haver falhas.

Assadores precavidos. Enquanto um servia a carne no salão o outro vigiava a churrasqueira, aguardando o retorno do colega, para só depois entrar no salão com os espetos. Quando tudo parecia perdido, eis que surge uma esperança. Um deles resolve contar uma piada e o outro não para de rir. Parece que a piada foi boa, pois, finalmente, os dois entraram no salão ao mesmo tempo. Havia chegado a hora do ataque

Tudo aconteceu muito rápido. Levamos poucos segundos pra roubar seis espetos repletos de carne assada. A nossa fuga foi um sucesso, mas o pior ainda estava por vir.

A minha mãe jamais aceitaria esse tipo de arte. Já o meu pai era uma incógnita. Ele sabia ser rude como ninguém, mas também tinha um lado divertido. Como eu, adorava uma sacanagem. Chegamos em casa com os espetos na mão, torcendo pra pegar o velho de bom humor. Com as mentiras na ponta da língua, entramos em casa:

- Mãe, esquento o arroz do almoço e prepara uma salada de alface pra acompanhar o jantar.

- Que carne é essa, meu filho? Ela perguntou.

- Nós ajudamos a servir as mesas no casamento. Como pagamento pelo trabalho, fomos agraciados com espetos de churrasco - respondi.

- Então vamos jantar todos juntos. - Disse a mãe.

Num canto da sala, o meu pai não conteve o riso, enquanto tomava uma caipirinha. Ele logo desconfiou:

- Isso está me cheirando à sacanagem, já que nenhum de vocês três vale nada - comentou o velho.

- Se vocês roubaram o churrasco, podem levar de volta. Eu não aceito esse tipo de coisa - retrucou a minha mãe.

Já o meu pai para nossa felicidade estava de bom humor.

- Vocês três juntos, coisa boa não é. Vamos jantar; depois vocês devolvem os espetos - ordenou a minha mãe.

- Mãe, relaxa. Nós ganhamos a carne do noivo; e, o senhor meu pai, sempre desconfiando da gente - disse eu.

- Ocorre que eu não sou ingênuo. Conheço as figuras - ele falou.

E novamente caiu no riso. Assim, com o aval do meu pai e a desconfiança da minha mãe, jantamos todos juntos na maior alegria.

Já os espetos! Bem, estes, ninguém de nós teve coragem de voltar ao local do crime para devolve-los. Ficaram lá em casa como troféus!!!

VINHO DO PADRE

O vinho é uma bebida alcoólica, produzida por fermentação do sumo da uva. Na Europa o vinho é legalmente definido como produto obtido exclusivamente por fermentação, parcial ou total, de uvas frescas inteiras ou esmagadas. No Brasil é considerado vinho a bebida obtida pela fermentação alcoólica de mosto de uva sã, fresca e madura. O vinho possui uma longa história que remonta, pelo menos, a seis mil anos antes de Cristo. Uma taça de vinho por dia é saudável. Entre os benefícios estão: aumento do DHL - o bom colesterol ajuda a combater o câncer, aumento da salivação e da atividade estomacal - no caso de falta de apetite, excelente na dieta de pessoas com hipertensão e torna o sono dos idosos mais repousante.

Eu fui coroinha na igreja católica de Selbach na época em que a missa era rezada em latim. Sempre tive curiosidade em saber qual era o sabor do

vinho tomado pelo padre na celebração das missas. A oportunidade apareceu quando eu tinha 14 anos e foi meu primeiro porre. Este fato é relatado em um dos meus livros, já a invasão ao porão da casa do Padre seria o meu segundo porre de vinho.

Dizem que o termo coroinha vem da antiga celebração da Santa Missa, em que partes do ritual eram cantadas em coro. Ocasionalmente, alguns dos meninos eram solicitados para auxiliar os padres no altar, donde lhes foi dado o nome de coroinhas. O padroeiro dos coroinhas é São Tarcísio, jovem mártir romano dos primeiros séculos da Era Cristã.

Após uma caminhada pela cidade, passando em frente à casa do padre, me deparei com dois vultos na escuridão, um de estatura mediana e o outro bem alto. Eu me escondi atrás de uma árvore, a fim de aguardar os acontecimentos. Era uma linda noite de lua cheia. Mesmo assim, a visibilidade na frente da casa do padre era precária por causa das árvores de ciprestes.

De repente, as luzes se apagam e algo diferente estava por vir. Fui me aproximando lentamente, no maior silêncio, enquanto dois ladrões arrombavam a porta do porão da casa onde o padre escondia o vinho das missas. Após arrombarem a porta, os dois entraram no porão. Eu não perdi mais tempo e invadi o recinto como um bólido, dando o maior susto nos dois larápios. O menor era o Sep (in memoriam) que gostava de um trago. O outro era o Rivelino (in memoriam), meu colega de futebol. Eu tinha dezessete anos e os dois invasores deviam ter em torno de vinte anos cada um. Eu sempre me lembro daquela noite, pois foi quando tomei o primeiro pileque, para valer, da minha vida. Primeiro abrimos um garrafão de vinho branco. Depois atacamos o barril de vinho tinto. Todos nós tomamos um baita porre.

Com a noite tranquila, tudo indicava que seria um serviço calmo. Estávamos alerta o tempo todo. Eu não sei ao certo o que aconteceu, quando o Sep tirou a rolha do barril e nós levamos o maior susto. O barril simplesmente estourou. Voou vinho para tudo quanto era lado. Com o barulho, alguém acendeu as luzes da casa. Só nos restou fugir, cambaleando e tropeçando nas próprias pernas, de tão bêbados.

- Ladrões! Ladrões! Ladrões! - gritava a empregada do padre.

Ouvimos uma segunda voz. Era o padre, acordado pelos gritos da empregada.

A nossa fuga foi lenta e calma. Finalmente, depois de alguns tropeços, chegamos à praça da cidade, onde não poderíamos mais ser vistos. Rapidamente nos dispersamos, cada qual indo para sua casa.

Cheguei em casa em visível estado de embriaguez. Deitei na cama e tudo começou a girar. No dia seguinte, acordei com uma baita ressaca. Foi o segundo e, talvez, o maior pileque de toda a minha vida.

Dias depois fiquei sabendo, por alto, que o Padre levou o caso ao conhecimento do Delegado da Cidade. Apesar de várias diligências os ladrões do vinho do padre nunca foram encontrados. Sorte nossa!!!

SUJEIRA NA PAREDE

Chovia em Selbach. Uma garoa fina teimava em cair na tarde monótona, sem nada para fazer. Em casa, eu lia um livrinho de faroeste e, ao mesmo tempo, pensava em fazer alguma arte mais tarde. Quando parei a leitura, peguei um guarda-chuva e fui até a praça da cidade, na esperança de topar com algum colega, possível parceiro na tal arte.

Dei um tempo na praça. Como não apareceu nenhuma alma viva, me dirigi até a Igreja Matriz, para puxar os sinos. São dois os sinos da Igreja: um com toque alto e, o outro, menor, com toque mais suave. A minha ideia era puxar o sino pequeno. Este, quando puxado em toques lentos, anuncia a morte de alguém. Naquela cidade pequena, onde todos os moradores se conhecem e as fofocas correm soltas, o alvoroço seria garantido. Quase deu certo...

Quando chegava bem perto dos sinos, pronto para dar o bote, surge a figura do Padre Cláudio. Ele quase me pegou com a mão na massa:

- Você por aqui, coisa boa não é.

- Padre, o senhor sempre me condenando. Eu só vim dar uma rezada.

- Tomara que seja verdade.

Saindo da Igreja, dei de cara com o Paulo Huppes, também de bobeira. O Paulo era um camarada do bem, pouco afeito a malandragens. Combinamos de bater uma bolinha no corredor da escola, onde o Padre Cláudio era o diretor.

Passamos um bom tempo dando cabeçadas na bola, sujando as paredes com o repique. Logo surgiram dois meninos, loucos para participar da brincadeira. Enquanto jogávamos, os meus ouvidos estavam atentos, pois o Padre poderia surgir a qualquer momento. E, não deu outra. De repente, escutei o seu roncar, ainda um pouco distante, mas já prenúncio de confusão. Alertei o Paulo:

- O Padreco tá vindo para cá.

- Vamos dar no pé, - sugeriu o Paulo.

Deixamos os meninos brincando com a bola e, rapidamente, nos dispersamos. O Paulo foi pra casa dele e eu para minha. Chegando em casa, me recolhi no quarto para continuar a leitura do livro. Passada quase uma hora, a mãe me chama.

- O Soldado Siqueira e o Delegado estão lá fora. Acho que eles querem jogar bola.

Quando saí dei de cara com o jipe da Polícia, uma cena, no mínimo, bizarra. Dentro do jipe, além do Delegado e do Soldado Siqueira, também estavam o Paulo e os dois garotos. O Delegado fez um convite estranho:

- Sobe aqui no jipe. Nós vamos fazer um piquenique.

A mãe tinha certeza que eu tinha ido jogar bola, já que os policiais jogavam Futebol de Salão no meu time. Foi mais uma sacanagem do Padre Cláudio. Ele pegou os meninos em flagrante sujando as paredes da escola com a bola de futebol e chamou o Delegado para dar queixa. Já na delegacia, os meninos deduraram a mim e ao Paulo. Fomos transportados, dentro do jipe da Polícia até a escola, a fim de limpar as paredes sujas. Antes, o Delegado resolveu nos sacanear. Ele deu uma volta pela cidade, para deixar a população curiosa. Ao ver aquele desfile diferente, com certeza alguém se perguntou: "Que palhaçada é essa?".

Fui salvo pela amizade que eu tinha com os homens da Lei. Após meia-hora de serviço, eu e o Paulo fomos liberados pelo Delegado, enquanto os meninos terminavam a limpeza das paredes.

UM DIA DE PADRE

A Bíblia ensina que devemos nos confessar a um Padre. “Por que confessar a um Padre, se Cristo é o nosso único mediador?”, pergunta o Protestante. Todo Católico deveria saber a resposta a esta pergunta sob o ponto de vista Católico. Em verdade todo Pontífice é escolhido entre os homens e constituído como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados cometidos.

A Confissão é um Sacramento Católico obrigatório para os fiéis e, o segredo da Confissão, faz parte do Direito Canônico, ou seja, trata-se de uma Lei que os Padres devem seguir. O Padre guarda em segredo o que ouve durante a Confissão. Se revelar algo pode, e deve, ser expulso da Igreja Católica e até excomungado. Eles aprendem nos Seminários que o segredo da Confissão é um princípio moral inquestionável.

Não é tempo de olhar o passado com irritação, mas, sim, de olhar o futuro com esperança. Todos nós, um dia, ficamos insatisfeitos com a nossa memória, embora o esquecimento faça parte do processo normal da nossa vida. Com relação às coisas que aprontei na minha adolescência, tenho boa memória. Lembro quando o meu irmão, Olavo Ratão (in memoriam), teve o seu dia de Padre.

Que melhor maneira para se distrair em dia de chuva do que fazer arte? Eu e ele nunca fomos amigos, começando pelo futebol. Eu torço pelo Internacional, enquanto ele é torcedor do Grêmio. Mas, quando se tratava de malandragem, as coisas mudavam e nos tornávamos aliados. Naquela tarde chuvosa em Selbach, o Ratão cruzou o meu caminho por acaso. Era o prenúncio de que alguma coisa diferente aconteceria. Nosso encontro se deu em frente à Igreja Matriz. Quando ele me viu foi logo me insultando com palavras de baixo calão. Era o jeito dele. Eu mantive a calma, como sempre, e agi com serenidade. Afinal, na bagunça éramos aliados. Por ser mais velho, ele aceitava que eu desse as ordens.

Antes de encontrar o Ratão, eu havia entrado na Igreja e constatado que havia seis senhoras aguardando para confessarem-se com o Padre Cláudio. O meu plano, já que o Padre não estava lá, era fazer com que meu parceiro substituísse o Padre, com o direito de confessar àquelas senhoras. Eu ficaria na retaguarda, cuidando dos acontecimentos na rua, para que nada de anormal pudesse ocorrer. E assim foi feito.

Eu entrei na Igreja no mais absoluto silêncio. Ajoelhei-me diante do altar, enquanto o meu irmão se posicionava dentro do Confessionário, sem que as velhas senhoras o percebessem. Eu puxei a fila da confissão, seguido pelas velhinhas. Enquanto eu me “confessava” com o falso Padre, combinamos os últimos detalhes do plano.

O Padre Cláudio tinha um cacoete: a cada duas ou três passadas, ele emitia um som parecido com um ronco. Depois de alguns minutos na espreita, ele deu o ar da graça. Quando eu escutei o ronco do Padre saindo da sua residência, dei três assobios, para alertar o meu irmão da chegada do Padre verdadeiro. O Ratão estava terminando de confessar a terceira fiel quando soou o alarme. Rapidamente, ele deu a bênção e pediu para a senhora avisar a próxima da fila que haveria a troca de Padre. Saiu de lá e, foi esconder-se no andar de cima da Igreja.

Quando o Padre Cláudio entrou no Confessionário, a fila já tinha aumentado um bocado. Ele não percebeu nada de anormal. O tempo foi passando e o Confessionário continuava muito frequentado, até que, passados mais de uma hora, ele saiu. Havia cumprido o seu ofício confessional. Aguardei até vê-lo entrar em sua casa, localizada ao lado da Igreja, para só depois sair do meu esconderijo, localizado atrás das árvores. Fui discretamente buscar o falso Padre que ainda estava lá dentro.

Resgatei o meu irmão na maior ansiedade, para saber detalhes das confissões. Ele me disse que só conseguiu confessar três senhoras. Como penitência, pediu que elas rezassem, cinquenta Pai Nosso, cinquenta Ave

Maria e cinquenta Glória ao Pai. Também pediu que elas rezassem mais dez Ave Maria, pelas Vocações Sacerdotais.

Acabava ali a nossa aliança. O Ratão foi para um lado da rua e eu debandei na direção oposta. O mais engraçado ocorreu no dia seguinte. Uma daquelas senhoras foi visitar a minha mãe. Eu estava estudando no meu quarto quando escutei a conversa das duas.

Ela disse:

- Ontem apareceu um Padre novo na Igreja. Parece que ele gosta de uma oração. Eu fiquei quase uma hora rezando na frente do altar. Eu ainda não entendi porque ele me deu tantas penitências. Eu nem tinha tantos pecados.

Lá do meu quarto eu não me contive e caí no riso. Riso silencioso e descontraído. Ficou mais engraçado ainda o relato da velhinha porque ela falou em alemão com a minha mãe.

- Engraçado, comentou a minha mãe, - ninguém falou nada sobre a chegada desse Padre novo aqui na Vila.

- Pois, é, respondeu a amiga da minha mãe, - eu fui uma das que se confessou com ele. Depois, o Padre Cláudio o substituiu, continuou ela.

Porém, o que eu mais queria saber, na verdade nunca soube. Quais eram os pecados daquelas velhinhas? O que teriam elas contado ao meu irmão, ou melhor, ao Padre Ratão?

Carrego até hoje a curiosidade. Por mais que eu insistisse, o Padre Ratão nunca me disse nada.

Um belo dia, como quem não quer nada, de mansinho, perguntei ao meu irmão:

- Por que é que tu não queres me revelar nada do que houve no Confessionário, naquele dia? Afinal, fui eu quem planejou a brincadeira.

- Eu sei. eu sei, - respondeu-me ele com ares de cândida santidade.

- Então, qual é o problema?

- Não é uma questão de problema, disse ele. É uma questão de juramento.

- Você jurou a elas que não me contaria nada? - insisti.

- Não Clides, não é isso. Eu nunca vou te contar nada. Nadinha!

- Mas, por quê?

- Ora meu irmão, você não sabe que o Direito Canônico é severo? Expulsa, ou excomunga o Padre que revelar o que foi dito no Confessionário.

Ele tinha razão. O Padre Ratão foi Padre para três pessoas. E, soube ser Padre.

Por respeito ao silêncio do meu irmão nunca mais perguntei nada.

Porém, hoje, repensando aquele momento religioso em que o Ratão foi Padre, eu me senti Autoridade Canônica. Afinal, quem Ordena um Padre é o Bispo.

Por isso, não tenho a pretensão de discordar dele. Estou buscando pedaços de lembranças, naquelas travessuras construídas através das brincadeiras de dois meninos de Selbach: O meu irmão Ratão e eu.

LANCHE NA CASA DO PADRE

Eu, quando moleque, sempre tive vontade de conhecer o interior da casa de um Padre. A minha curiosidade era saber o que havia de diferente no interior da residência. Falei com o meu amigo Valdir Hansen da minha vontade de invadir a casa do Padre Cláudio e ele, prontamente, concordou em me acompanhar.

O primeiro passo era saber onde a empregada escondia a chave na hora da Missa. A Peda, era assim que ela era chamada, além de cuidar dos afazeres da Casa Paroquial, era uma espécie de braço direito do Padre. Ela costumava, duas vezes por semana lavar roupa, passar e cuidar da limpeza da casa, e era ela, também, quem preparava as refeições diárias do Sacerdote.

Quase todos os dias havia Missa na Igreja Matriz de Selbach. Sempre às 19h. A tarde daquele dia caía lentamente. Estávamos em março de 1971. Eu fiquei de plantão atrás de uma árvore, espiando para ver onde a Peda escondia a chave da casa. Quando faltavam dez minutos para o início da Missa, ela saiu da casa e colocou a chave embaixo de um vaso de plantas. Saí correndo todo faceiro à procura do Valdir para combinar, com ele, os detalhes da brincadeira. Ficou acertado que a invasão se daria no dia seguinte.

Chegamos de mansinho, no maior silêncio possível, aguardando a saída da empregada atrás das árvores. Quando faltavam cinco minutos para o início da Missa, ela repetiu tudo como fez no dia anterior. Saiu, deixando a chave embaixo do vaso e, foi embora.

A duração da Missa era estipulada em uma hora. Tão logo teve início a celebração, nós invadimos a residência. Entramos na casa e, para minha surpresa, era uma casa normal, igual a tantas outras. Nas minhas fantasias, eu acreditava que pudesse haver algo de mágico em seu interior.

Primeiro atacamos a geladeira, já que estávamos com muita fome. Salame caseiro, iogurte, queijo, cuca, nata, pão de forma, mel de abelhas e

metade de um bolo recheado. Também havia refrigerantes. Mesa posta, nós fizemos aquele lanche sem nos dar ao trabalho de guardar o que sobrou na geladeira, deixando a cena do crime intacta. O próximo ataque era o quarto do Padre.

No quarto do Sacerdote havia uma suíte com banheira térmica. Tomamos banho pelados e, só depois, invadimos o quarto da Peda. Ali não havia nada de interessante, a não ser uma mesa com algumas barras de chocolate, que nós pegamos para comer no retorno para casa. Saímos pela mesma porta da entrada. Deixamos a chave no lugar, ou seja, embaixo do vaso.

No dia seguinte, o Padre Claudio deu queixa da invasão à casa paroquial e do furto, na Delegacia. Eu fiquei sabendo detalhes do registro da queixa, já que o delegado era meu amigo. Nós jogávamos futebol de salão no mesmo time. O diálogo com o delegado se deu na quadra de futebol de salão da comunidade, onde realizávamos nossos treinos. Foi bem assim:

- Ficastes sabendo do assalto à casa do Padre Claudio ontem à noite? - perguntou-me o delegado.

- Não, não estou sabendo de nada. Como foi esse assalto? - Era eu perguntando na maior cara de pau.

O delegado deu uma respirada e começou a contar o ocorrido.

- Os larápios foram ousados, entraram na casa paroquial no horário da missa, fizeram um baita piquenique, deixando tudo bagunçado e não se deram nem ao trabalho de guardar o restante da comida na geladeira. E ainda por cima tomaram banho na banheira do quarto do padre, vê se pode.

- Mas como é que eles entraram na casa, houve algum arrombamento?

- Os ladrões não arrombaram nada, utilizaram a chave da casa, que a empregada costuma esconder em um pote de flores. Foi alguém que sabia onde a empregada guardava a chave.

- Já tens algum suspeito? - perguntei ao delegado.

- Ainda não, mas tenho esperança de colocar as mãos nos assaltantes.

- Olha, eu acredito que os ladrões já se mandaram daqui.

- E o que te faz pensar assim?

- Ontem a noite eu vi um carro suspeito, com placa de Porto Alegre, rondando as ruas daqui.

- SÉRIO, Euclides? Me fala mais deste carro. Pode ser uma pista.

Inventei umas mentiras bem cabeludas e o delegado engoliu a história. Tanto engoliu, que procuraram o tal carro com placa de Porto Alegre, mas nunca encontraram o carro, e muito menos os ladrões da casa do Padre.

Foi mais um caso arquivado por falta de provas, na pequena cidade de Selbach.

MELANCIA E UVA

Houve uma época, na longínqua infância, em que a nossa diversão preferida era roubar melancia e uva. Esta história aconteceu num sábado à tarde. Meu irmão Olavo Ratão, Valdir, Miro e eu estávamos de bobeira, articulando um jeito de jogar fora as energias acumuladas, depois de uma semana de muito trabalho.

Diz um ditado: duas melancias não enriquecem nem empobrecem ninguém. Como resistir à beleza de uma apetitosa melancia? A ideia de atacar o sítio do Schneider foi minha, logo aprovada pelo restante da quadrilha.

O pôr do sol é o momento mágico, em que o sol se oculta no horizonte, na direção oeste. Com o pôr do sol partimos em direção ao sítio, localizado próximo à cidade. Éramos quatro pessoas estranhas invadindo, sorrateiramente uma propriedade particular. Logo estávamos “de cara” com as melancias. Cada uma mais linda que a outra.

Os cães são extremamente territoriais. Todas as pessoas estranhas que entram em uma propriedade são consideradas uma ameaça. Estávamos cientes do perigo. Qualquer descuido poderia ser fatal.

Silêncio... E, em silêncio absoluto, saboreamos a primeira melancia, e também a segunda...

Os cães são dotados de um faro aguçado e adoram atacar pessoas intrusas. No nosso caso, ladrões de melancia. Nós sabíamos que havia cães no sítio. Só não sabíamos a raça. De repente, os cães começaram a latir.

O Pitbull é considerado por muitos o melhor cão de combate. Já o Pastor Alemão tem alto nível de confiança e lealdade. Você manda, ele obedece.

Também poderia ser Vira-Lata. Na dúvida, largamos tudo e nos dispersamos. Cada um foi para um lado diferente, a fim de confundir os animais.

Empreendemos a fuga ouvindo os gritos do Schneider:

- Pega, pega! Ladrões! Ladrões!

Não demorou muito para ele soltar os cachorros! A nossa sorte foi estarmos fugindo por um terreno acidentado, cheio de ondulações, que não permitiam quem estivesse longe enxergar a superfície como enxergaria se fosse em um terreno plano.

Conseguimos despistar os cães. Chegamos salvos à cidade e, de barriga cheia. Combinamos que, no dia seguinte iríamos fazer uma visita ao parreiral do Maltona Pebi.

A uva traz uma série de benefícios para a nossa saúde. Fonte de carboidratos importantes para o fornecimento de energia para o nosso corpo, ajuda no controle do colesterol e, controla as doenças cardiovasculares. Mas não foram os benefícios da uva que motivaram o nosso interesse pelo parreiral. Foi mais por pura e simples diversão. Em uma cidade pacata e com poucas opções de lazer, a gurizada cria os mecanismos que, embora perigosos, se tornam risos e gargalhadas, posteriormente. Naquele domingo pintou um jogo de futebol no Estádio do Canarinho, distante três km da cidade. O nosso time era formado por meninos entre quinze e dezesseis anos. Vencemos a partida contra o time do Canarinho. Nossos problemas, porém, começaram quando retornávamos para casa, a pé. De repente, estávamos em frente ao parreiral da casa do Maltona Pebi. Agora, segundo já havíamos planejado, era só atacar.

Os cachos, tecnicamente, devem ser colhidos com determinados cuidados. Usa-se uma tesoura adequada e corta-se em um ponto específico, perto do ramo da produção. Esse procedimento não poderia ser feito naquele momento, por falta do material. Nós puxávamos os cachos de qualquer jeito, espalhando as uvas pelo chão, estragando um bocado delas.

Quando a sirene tocou, nós reconhecemos o apito do Pebi. Éramos 15 meninos. Os mais rápidos conseguiram fugir sem maiores conseqüências, porém, os molengões apanharam de relho, e como nós, também conseguiram fugir.

Em cidade pequena, todos os habitantes se conhecem. Não foi difícil para o Maltona Pebi saber quem eram os ladrões das uvas. No outro dia, logo no primeiro horário, o Pebi foi dar queixa do roubo das uvas na Delegacia de Polícia. Como todos os ladrões eram menores de idade, os pais foram intimados a comparecer na Delegacia.

Lá estava o meu pai, o pai do Valdir, e seu Jandir pai do Miro. Como todos se conheciam, foi feito um acordo. O seu Jandir pagou uma quantia em dinheiro para o dono das uvas, fazendo com que ele retirasse a queixa. Quando cheguei à minha casa, levei uma surra de cinto. Os outros, eu não sei se apanharam.

Hoje, quase setentão, fico lembrando das brincadeiras com a gurizada do meu passado e acho graça das besteiras que fazíamos. Porém, reconheço que aquelas surras foram merecidas e justificadas.

Participaram do assalto ao parreiral do Pebi: eu, Neri Ely (in memorian), Marcelo Staudt, Valdir Hansen, Miro Cornelli, Felipe Muller, Cláudio Birk, meu irmão Beto, entre outros. São lembranças que ficam na nossa memória. Fico pensando, se fosse nos dias atuais, o que esses jovens de hoje acostumados com jogos eletrônicos, celulares e frequentadores de shopping centers fariam se voltassem no tempo. A maioria não conhece nem pé de melancia, nem de uva, só conhecem as frutas nos supermercados. Outros tempos, outros tempos. Tempos bons que não voltam mais!!!

FAMÍLIA WIESEL

Crisma ou Confirmação é um Sacramento da Igreja Católica em que o fiel recebe, através da ação do Bispo, uma Unção com o Crisma invocando o Espírito Santo, e o unge com óleo. A Unção é uma cerimônia muito antiga. Não é apenas bíblica, é histórica também. Os reis da antiguidade eram ungidos com óleo fragrante para serem purificados antes da cerimônia de coroação.

Eu devia ter uns oito anos quando recebi o Sacramento do Crisma. Lembro-me que após aquela celebração foi servido um almoço lá em casa. Aliás, foi uma bela churrascada. O Dr. Gilberto com a sua esposa também estiveram presentes no almoço, como convidados de meus pais. As

solenidades religiosas sempre foram testemunhadas por parentes, amigos, vizinhos, e por pessoas especiais para a família.

O tempo passou, a distância aumentou, mas as lembranças envolvendo o Dr. Gilberto e a nossa família permaneceram fiéis em minha lembrança. Dentre tantos episódios que lembro, há um em especial, que por pouco não se transformou em uma grande tragédia.

O Médico estacionou o seu carro em frente à sapataria do meu pai. Enquanto ele e o meu velho conversavam, o meu irmão Fernando, à época com onze meses de idade, se arrastou, engatinhando, para debaixo do carro. Na hora de ir embora o Dr. Gilberto não percebeu a presença da criança embaixo do seu carro. Deu a partida no veículo, mas não chegou a andar mais que dois metros, quando notou algo de anormal. Desceu imediatamente do carro para verificar o que havia ocorrido. Era o Fernando que estava lá. Por muita sorte o meu irmão não foi atropelado, sofrendo apenas escoriações leves. Naquele dia o meu irmão nasceu de novo. E o Dr. Gilberto levou um baita susto.

O Ginásio é um tipo de escola secundária que existia em alguns países. Até 1971, no Brasil, o Ginásio constituía o estágio educacional que sucedia ao ensino denominado Primário. Nos meus tempos de Ginásio eu sempre gostei de sentar na última fileira da sala de aula. No primeiro dia letivo tive a felicidade de sentar ao lado da mulher mais linda da turma. Marilígia.

A Marilígia é filha do Dr. Gilberto, o amigo do meu pai. Logo nos primeiros dias de aula, nasceu uma amizade sincera entre nós, ao ponto de eu acompanhá-la, todas as noites, depois da saída da escola, até a sua residência, conquistando desta forma e, pelo desprendimento da atitude, a confiança dos seus pais. Nesse entra e sai da casa deles, conheci a outra filha do Dr. Gilberto, a Marta.

Sonhos são possíveis, são realizáveis, são vivenciáveis. As mais belas histórias de amizade eu vivi com as filhas do Dr. Gilberto. Formávamos um trio inseparável: a Marilígia, a Marta e eu. A Marta era meiga, carinhosa e, tal e qual Marilígia, igualmente linda, formosa, serena e educada. Os rapazes daquela época gostavam de fazer serenatas quando estavam começando o interesse por uma moça. As moças, quando interessadas, gostavam de receber as serenatas. Era o jeito mais fácil de provocar um encontro, de obter respostas,

mesmo que silenciosas. Creio hoje, revendo as coisas de longe, lá do passado, que provavelmente eu estava me interessando pela Marta. Ah, nessas horas as serenatas eram bem-vindas!

Lembro-me de uma ocasião em que fiz uma serenata para a Marta. Que sabia eu de serenata? Sabia pouco, mas o suficiente para entender que ela é um tipo de solenidade, quase sempre romântica, que abrange trechos musicais de pequena duração, usualmente cantadas ou tocadas à noite, de preferência debaixo de uma janela e dedicada à pessoa amada. A música costuma ser tocada para alguém que se ama, como uma forma de declaração de amor. Era eu tentando me declarar. E, logo para quem! Então chamei o meu amigo Ademir Cornelli para me acompanhar naquela bendita serenata. Ah, o violão foi-nos emprestado por um amigo comum. Eu não cantava nada e o Ademir não tocava nenhum instrumento musical. A ideia era eu cantar e ele dedilhar as cordas.

No início da madrugada fomos à casa da Marta. Chegamos como chegam os seresteiros, sem barulho, para não sermos notados. Quando já estávamos embaixo da janela do quarto da Marta pude perceber que era noite de Lua Cheia. A noite prateada pelo luar estava propícia e convidativa. Cantamos uma música inteira. Esquecemos que só se cantavam pequenos trechos. As cortinas brancas moveram-se calma e suavemente. O coração pulou forte. Ouvimos o leve barulho de uma janela se abrindo. Porém, quando a janela se abriu e o clarão da lua iluminou o quarto por inteiro, a surpresa. Não foi a Marta que veio nos receber naquele momento e, sim, uma de suas irmãs mais velhas, Tereza. Mas a Tereza deveria estar aqui no quarto da Marta, pensei, justamente hoje?

- Que romântico Cridi, falou Marta, - referindo-se a mim no dia seguinte, quando soube da serenata desastrada.

Eu tinha o hábito de chegar à casa das meninas em silêncio, apertava a campainha e ia me esconder na sala ao lado, onde ficava o escritório do pai delas, ou dava a volta para me esconder na garagem. Quase sempre era a Marta que vinha atender à porta, já sabendo que era eu o mentor daquela arte. Eu morria de medo de topar com a mãe das meninas. Houve uma ocasião em

que foi ela quem veio atender à porta, me deu um inesquecível pito, mas depois teve pena de mim e aceitou aquela brincadeira numa boa.

Outra lembrança marcante do tempo de Ginásio era o nosso time de Futsal, naquela época chamado de Futebol de Salão. Corria o ano de 1971 quando se realizou o primeiro torneio de Futebol de Salão da Cidade de Selbach. O nosso time era formado só por estudantes do turno da noite, na maioria meninos de 16 a 17 anos de idade. Os veteranos eram o Soldado Siqueira e o Cláudio Barth (in memoriam). Os nossos jogos lotavam o Ginásio Esportivo. A torcida era toda nossa. Sob o comando da Marilígia, os jovens faziam um barulho infernal, utilizando como instrumentos panelas e tampas sem utilidade, incentivando, dessa forma, os nossos atletas do início ao fim do jogo. O time base era formado pelo goleiro Genésio, eu atuava de ala pelo lado direito. Já o ala esquerdo era o Migue, o Siqueira de fixo e na frente o Ari Felipe. O forte do time eram as tabelas curtas executadas por mim e o Ari Felipe. Vale também destacar os chutes potentes do ala, Migue. Também atuavam os reservas: Cláudio Barth, Cláudio Birk, Valdir e Orlando. No jogo final vencemos a equipe dos Sindicatos pelo placar elástico de 4 tentos a 0, com dois gols meus, um do Felipe e o outro do Migue.

Eu sempre tive um carinho muito grande por todos da família Wiesel e me tornei fã incondicional do Dr. Gilberto, um homem íntegro e justo. Demonstrava ter a mais enobrecida confiança em minha pessoa. Sempre que as meninas pediam permissão para sair ele queria saber quem iria acompanhá-las. E, sempre que o meu nome era citado, a permissão era concedida na hora. Nunca cobrou nada de minha família por qualquer tipo de consulta médica. Pela amizade que nos unia parecia uma coisa normal. Mas, pensando melhor, não são todos que agem dessa maneira. Também nunca deixou de atender as pessoas de pouco poder aquisitivo, dava atenção para ricos e para pobres com a mesma igualdade, dedicação e carinho. Da sua boca só saíam palavras inteligentes.

Ele pensava antes de falar, tinha um coração enorme e foi esse mesmo coração que um dia... Bem, um dia...

Já havia sofrido três cirurgias no coração ao longo do tempo, quando se fez necessário uma quarta cirurgia. Dias antes, eu liguei para sua residência, em Selbach. Falamos por um longo tempo. Naquele dia eu notei um homem preocupado no outro lado da linha. Naquela ocasião ele me disse:

- Euclides, eu só tenho 10% de chances de escapar com vida da cirurgia.

Quando encerramos a ligação foi o meu coração que bateu mais forte, lembrando das últimas palavras do amigo.

- Eu estou nas mãos de Deus!!!

O meu querido amigo de longa data, o amigão do meu pai, morreu na mesa de cirurgia, conforme havia previsto. Aquele coração que ajudou tanta gente, finalmente parou de bater. Chorei por alguns minutos, lembrando os momentos felizes vividos na companhia de toda a galera da querida família Wiesel.

Selbach soube despedir-se do morador ilustre. No dia do enterro a cidade parou. Todos se uniram para o último adeus ao Dr. Gilberto Wiesel. Quem me deu a notícia do seu falecimento foi a sua filha mais velha, a França, por meio de uma ligação telefônica.

Jeito estranho de receber uma notícia que a gente não desejaria receber.

Hoje, após tantos anos de nossa separação, volto no tempo para recordar os momentos inesquecíveis ao lado da Família Wiesel. Lembro com carinho da Mariligia e da Marta, minhas amigas do coração, do Dr. Gilberto, da Dna Cirley e das filhas França, Tereza e do caçula Betinho. A casa de vocês sempre foi o meu refúgio, o meu segundo lar."

Restou a história, o respeito, o carinho, a lembrança e a saudade.

FUGA DA CASA DOS PAIS

Existem muitos motivos pelos quais alguns jovens querem fugir de casa. Alguns motivos são bons; outros, nem tanto. Provavelmente, a coisa mais importante que o jovem deve compreender é que fugir é muito mais difícil e menos glamoroso do que se pensa. Há dias de frio e noites insones; há uma sensação de estar perdido, sem saber para onde se deseja ir. Pode haver razões legítimas para que alguém fuja de casa. Nunca, porém, devemos tomar

uma decisão apressada, no calor do momento. Alguém pode vir a arrepender-se, logo ali, mais à frente. No meu caso, foi uma decisão apressada. Porém, hoje, analisando os detalhes daquilo que eu chamo de minha fuga, posso constatar que foi melhor assim. O meu destino já estava traçado. O mundo possui o inexplicável que só o passar dos tempos explica.

O que provocou a minha fuga de casa foram três suspensões, seguidas, que tive na escola onde estudava. Na primeira suspensão, lembro-me perfeitamente, eu e mais dois colegas esperamos o professor sair da sala de aula para atender a um telefonema na secretaria, para iniciarmos uma guerra de aviõezinhos de papel. Aqueles aviõezinhos voando de lá para cá, daqui para lá. Parecia-nos muito divertido. Mas, exatamente, no instante em que o professor retornava para a sala de aula, um engraçadinho desligou a tomada, deixando a sala na mais completa escuridão. Fomos pegos em flagrante. Com as mãos na massa. Nesses casos, em quase todos os colégios que se prezam, a punição é imediata e inevitável. Fomos levados, direta e imediatamente, para a Secretaria da escola. A brincadeira custou para nós, nada menos que três dias de castigo. Eu e mais dois colegas fomos suspensos e só poderíamos retornar às aulas portando a assinatura dos nossos pais ou dos responsáveis.

A minha segunda suspensão foi por causa de um sapo. Um sapo que resolveu visitar os corredores do Colégio. Era hora do recreio, intervalo das aulas. De repente eu vejo um sapo pulando na calçada, perto do lugar onde eu estava. Na hora pensei no que poderia fazer com o pobre animal. Eu precisava fazer alguma coisa. Recreio sem bagunça não é recreio. Não pensei duas vezes: vou assustar as garotas. Peguei o sapo e, com muita criatividade e ousadia, segundo a minha própria avaliação, joguei o bicho em direção das meninas que, agrupadas, conversavam animadamente no corredor da escola. O sapo caiu, exatamente, no meio delas. Pontaria certa, o que provocou gritos de pânico entre as garotas atingidas. Elas correram em disparada em direção à saída. É evidente, que aquela barulheira iria chamar a atenção do Diretor da escola. Ele veio imediatamente verificar o motivo da gritaria. E, imediatamente, fui reconhecido como o autor daquela brincadeira. Resultado: mais três dias de suspensão. Mas o pior e, sem nenhuma graça, foi à notícia seguinte: dessa vez eu só poderia retornar à escola acompanhado dos pais.

Senti a crueldade da inocente brincadeira ao dar a notícia em casa. Bueno, fazer o quê, o serviço já estava, irremediavelmente, feito.

No dia seguinte a minha mãe, furiosa, mas aparentando calma, dirigiu-se até a escola para falar com o Diretor. Ao retornar para casa, as lágrimas rolaram no seu rosto. Doeram em mim as lágrimas de minha mãe. Depois, mais calma, e com a lucidez de sempre, ela disse em alto e bom som: - Esta foi à última vez que venho aqui na tua escola sofrer uma advertência por tua causa. A última vez, enfatizou.

Aquelas lágrimas mexeram comigo. Quando a gente tem a consciência do que é uma lágrima de mãe, a gente morre um pouco por dentro. Um pouco de vergonha, um pouco de arrependimento. Prometi, para mim mesmo, nunca mais magoar a minha mãe.

Selbach é uma cidade pequena. Padece, como outras cidades do mesmo porte, de oferecer poucas oportunidades de emprego. Eu venho de uma família humilde. Meus pais não tinham condições financeiras de bancar os meus estudos. Eu trabalhava como servente de pedreiro durante o dia para poder estudar no turno da noite. A empresa do meu patrão havia sido contratada para construir um posto de gasolina na localidade de Arroio Grande, distrito de Selbach, distante 10 km da cidade. Eu trabalhava lá. Todos os dias, logo pela manhã, eu tomava um ônibus para ir até o local do meu trabalho, só retornando para casa no final do dia. Tudo ia bem. Eu, até, já estava mais comportado, mais amadurecido. Porém, um dia, houve uma mudança de horário na escola. Decidiram que, todas as segundas-feiras, o início das aulas seria antecipado, passando das 19h15 para as 18h30. Logo no primeiro dia de horário antecipado eu cheguei atrasado à escola. Era impossível chegar no horário, já que a condução que me trazia de volta do trabalho só chegava em Selbach às 18h20. Até tomar banho e jantar, fatalmente chegaria atrasado à sala de aula.

Chegando à escola, eu fui encaminhado até a sala do diretor da escola, o Padre Cláudio. Ele não acreditou na minha versão e me suspendeu por mais três dias. Era semana de provas e eu não poderia faltar às aulas. Mais

uma vez eu estava suspenso. Mas, desta vez, a culpa não foi minha. Mas, como explicar isso lá em casa?

Sentei no banco da praça pensando nas lágrimas da minha mãe quando soubesse e, como ela, eu também chorei. Passei horas sentado ali no banco da praça. Chorei muito. Custei a me acalmar. Quando a calma veio, trouxe com ela uma sugestão: fugir de casa. Por medo de ser mal interpretado, por medo de magoar a minha mãe, pela vergonha da terceira suspensão, decidi fugir de casa. Comecei a buscar os caminhos para executar a minha dolorosa decisão. Uma longa caminhada começa pelo primeiro passo.

Pedir demissão é sempre um momento delicado na carreira de um profissional. É, também, importante saber fechar o ciclo, de modo a deixar as portas sempre abertas. Sair bem é tão importante quanto entrar bem. Pensando nisso, tive que inventar uma estória para o patrão me liberar. Disse a ele que iria jogar futebol em Porto Alegre. E, como eu jogava bem, foi fácil ele acreditar em mim.

Preparei tudo o que julgava necessário para fugir. Parece que o tempo havia parado durante aquela semana, amentando a minha ansiedade. Aos poucos uma enorme tristeza tomou conta do meu coração. Na mala velha do meu velho pai eu levaria os meus pertences. Cheguei a pensar que minha mãe evitaria a minha partida se ela soubesse que desta vez eu tinha razão. Porém, a decisão estava tomada. Chegava o momento da partida. Fui ajudado pelo Beto, meu irmão, que tinha apenas 14 anos. Quatro anos a menos que eu. Era um domingo. Embarquei naquela noite no ônibus noturno que vinha de Cruz Alta e passava por Selbach, com destino a Porto Alegre. Previsão de chegada: 06h50 da manhã de segunda-feira.

Na noite da partida, após o jantar, eu saí para visitar alguns amigos e só retornei à meia-noite, para pegar a minha mala. Entrei em casa cumprindo o ritual de todos os dias. Todos as noites, quando eu chegava da escola, a minha mãe acordava. Bastava um simples toque no trinco da porta para que ela despertasse. Naquela noite, porém, eu tropecei nas cadeiras, caí com a mala, fiz uma barulheira daquelas e a minha mãe não acordou. Naquele momento

compreendi que o meu destino já estava desenhado. Aos que fogem não é permitido conselhos, nem despedida.

Embarquei no ônibus tendo apenas o meu destino como parceiro. Olhei pela janela a cidade que me viu crescer. Imaginei as lágrimas da minha mãe. Pensei coisas, as quais deveria ter pensado antes. Lágrimas, teimosas, rolaram pelo meu rosto. Lembrei-me de uma frase que alguém disse: “Quando se abre a porta do futuro é bom não olhar pelas janelas do passado”.

Pensei naquela carta de despedida que deixei em cima da mesa, onde tentava explicar para minha mãe as razões da minha partida.

Meses depois da minha saída, recebi uma carta do diretor da escola. Uma carta muito interessante e, um pouco intrigante. Dentre tantas explicações, havia um parágrafo que dizia: - Espero que você receba esta carta com um sincero pedido de desculpas.

Sei, hoje, que depois de ler a carta que lhe deixei, minha mãe procurou o Dr. Gilberto e, juntos solicitaram uma sindicância para averiguar as anormalidades provocadas pelo Diretor da Escola Estadual São Thiago, o Padre Cláudio. Ele foi afastado do cargo de Diretor da Escola.

Não fiquei feliz por ele ter sido afastado. Sempre fui brincalhão, mas nunca desejei maldade alguma para nenhum ser humano. As desculpas, mesmo muito longe do ocorrido, foram aceitas. Quero que o padre Cláudio seja feliz onde estiver.

Aquelas lágrimas sofridas transformam-se em sorrisos todas às vezes que tenho a oportunidade de visitar a cidade de Selbach. A cidade da minha infância. A cidade dos meus sonhos. A cidade do meu coração!!!

PENSÃO DA INDEPENDÊNCIA

Para que um jovem deixe a sua casa é necessário que haja uma causa motivadora. Algumas dessas causas são boas, bem pensadas; outras, às vezes, são precipitadas. Fugir é um ato extremo. De alguma forma a fuga teve como causa uma coisa repentina. Provavelmente quem foge só compreenderá bem depois da fuga, que fugir é muito mais difícil e muito menos glamoroso do que, no início, se imagina. Tomar uma decisão apressada no calor do momento pode ser cruel e fatal. Eu fugi. Porém, diferente de tantos, quando saí de casa tive a sorte de encontrar vários anjos. Deus colocou, para me ajudar, um anjo em cada esquina da minha vida. As ruas do mundo são bem maiores do que aquelas que povoam a nossa imaginação andeja.

Cheguei à Rodoviária de Porto Alegre, fugindo de casa, com uma mala na mão, muita determinação e muita esperança no coração. Era o dia 22 de outubro de 1973. Tomei um táxi e, não sei porquê, fui para a Pensão da Independência. Alguém havia me dito que nessa pensão poderia encontrar algumas pessoas de Selbach. Pois é, eu acho que esse foi o motivo da escolha. Enfim, estava eu na cidade grande, sozinho na Pensão da Independência. Ao chegar à pensão, fui recebido por dois amigos de infância, oriundos de Selbach, conforme me haviam informado: o Nery (In memoriam) e o Frederico. Estes foram os primeiros a me ajudar. O Fritz conseguiu uma vaga para eu morar lá. Para quem sai pelo mundo, nos braços dos próprios sonhos, igual a mim, qualquer recanto é uma moradia. Estava feliz pelo aconchego imediato e pela presença de jovens da minha cidade. Estava só, mas não estava sozinho.

Descansei um pouco, mas a manhã passou voando. Não sei se dormi direito, mas se dormi, foi pouco. Tinha uma coisa na cabeça: arrumar um emprego logo.

À tarde, dei uma volta pelas redondezas da Pensão, para me acostumar com o barulho dos carros e o movimento de gente indo e vindo. No final da tarde, fiz um lanche numa padaria ali perto. Quando a noite chegou, eu estava exausto e dormi cedo.

No dia seguinte, bem cedinho, saí à procura de emprego. A sorte estava ao meu lado. Logo, na primeira tentativa, consegui o tão sonhado e necessário trabalho, na Banca de Revistas Tio Patinhas, de propriedade do pai do Chico, seu Antônio Hoff. A minha amizade com o Chico vinha de longa data. Ele tinha parentes que moravam em Selbach. E, aquela cidade era o destino preferido dele nas férias escolares. Nos conhecemos lá e acabamos ficando amigos.

Fiquei um ano trabalhando na Banca de Revistas Tio Patinhas, um período de aprendizado e gratidão. Gratidão pela família Hoff, que me acolheu de braços abertos. Aprendizado pelo conhecimento que adquiri como funcionário da empresa.

Hoje, recordo com saudade de todos. Lembro do meu patrão, seu Antonio Hoff (in memoriam), homem integro e correto. E o que dizer de sua esposa Helga (in memoriam), a matriarca da família Hoff, sempre alegre e prestativa. Todas as tardes ela preparava um lanche para os funcionários.

Lembro também do Antonio Carlos, irmão mais velho do Chico, que todos os dias dava uma passada na Tio Patinhas antes de ir para a Faculdade de Engenharia. O Carlos também fazia parte do grupo de escoteiros. Tenho saudades também das irmãs do Chico, Carmen (in memoriam) e Maria Helena. Tive pouco contato com a Carmen, mas com Maria Helena foi diferente, gostava de conversar com ela. Moça linda e inteligente, ficamos amigos.

Os bons tempos que passei ao lado da família Hoff, ficaram armazenados no meu coração, para sempre!!!

Voltando a Pensão da Independência:

Eu sempre fui um sujeito divertido. Sempre fui favorável a uma bela sacanagem. Na pensão, havia noites que não se achava nada para fazer. A única diversão era assistir televisão. Foi em uma dessas noites que eu resolvi sacanear os meus colegas de quarto. Os dois estudavam no turno da noite. Então foi fácil preparar uma armadilha à base de água. Estávamos em pleno verão e naquela noite fazia um calor danado. Peguei uma latinha de leite em pó, enchi de água e coloquei em cima da porta do quarto, amarrada a uma cordinha. Ao abrir a porta a latinha viraria e derramaria toda a água. O primeiro a chegar

foi o Carlos. Ele empurrou a porta todo faceiro e, conforme o que havia sido premeditado, levou um belo banho.

- Sacanagem, isso não vai ficar assim.

Eu, deitado na cama, no maior silêncio, louco para soltar uma gargalhada.

- Vai ter troco, seu João Euclides. Vai ter troco, - enfatizou.

No dia seguinte, ele tomou todas as precauções possíveis. Primeiro, empurrou a porta com todo cuidado. Aguardou alguns segundos e só depois entrou no quarto. Naquela noite, eu dormi articulando uma brincadeira para o dia seguinte. Peguei a mesma lata cheia de água e coloquei em cima da porta. Amarrei uma cordinha e estiquei a mesma até a beira da minha cama. O Carlos foi novamente o primeiro a chegar. Como na noite anterior, deu um toque na porta, aguardou um pouco e, só depois entrou no quarto. Eu, na maior cara de pau, puxei a cordinha e dei outro banho no meu colega.

- Putz, que merda! Essa você me paga. Quando vai acabar o teu estoque de água?

Parece que desta vez o meu colega se aborreceu de verdade. Com certeza, um dia o troco viria.

O Wianey Carlet foi outro colega da pensão com quem tive contato direto. Conheci o Wianey na Pensão. Conterrâneo de Três Passos, nasceu em 16 de junho de 1948. Era meu vizinho de quarto. Eu fiz um buraquinho na parede de madeira e, todas as noites antes de dormir batíamos aquele papo. Houve uma noite em que nos empolgamos além da conta e, sem querer, despertamos a dona da pensão. Ela pediu silêncio. Prontamente, nós diminuimos o volume da conversa. No dia seguinte, ela ficou sabendo quem eram os hóspedes do barulho. A partir daquele dia, eu tive de assumir outra postura, mais cuidadosa e muito mais defensiva. Afinal, não devemos provocar discórdias para com a dona da pensão. A dona da pensão da Independência.

Houve outra noite em que o silêncio da pensão foi quebrado por um engraçadinho. O cara começou a rir sozinho. Parecia um espectador assistindo a uma comédia. A risada chamou a atenção da dona da pensão. O quarto dela ficava no andar de cima e o meu quarto no térreo. Lá vem a velha:

- Euclides, a gente até que gosta muito de você, mas essa tua risada é horrorosa!

Depois desse elogio preferi me calar para o bem de todos os pensionistas, mesmo sabendo que não era eu o dono daquela risada. O silêncio imperou. Todos dormiram.

Havia noites que eu nem na pensão estava e era acusado, injustamente pelas travessuras dos outros. Os meus colegas também aprontavam, mas eu era sempre o principal suspeito. Esses julgamentos precipitados começaram a me incomodar. De tanto incomodar comecei a refletir. Depois que a gente adquiriu uma determinada fama, as pessoas nos julgam por ela. Parece que sabem os nossos passos; parece que sabem onde estamos: parece que tentam adivinhar as coisas que pretendemos fazer antes de nós. Eu já havia mudado tantas coisas em minha vida, nesse dia eu decidi mudar mais uma. Mudar a mim mesmo. O primeiro passo que dei para promover a mudança foi o silêncio. Parei de fazer barulho à noite e me libertei daquela imagem de baderneiro, reconquistando a confiança da dona Maria, que era, afinal, a dona da pensão que me acolhia. Com o passar dos dias e, com o resultado da mudança, nos tornamos bons amigos. A escola da vida pode ser cruel às vezes, mas educa e ensina. Aprendi.

O Wianey deu um até logo à pensão da Independência no dia em que foi contratado para integrar o Setor de Esportes da Rádio Gaúcha. Lembro-me do dia em que o Wianey fez o teste para trabalhar na Rádio. Foi no Ginásio de Esportes do Rosário, onde ele narrou um jogo de Futebol de Salão. O teste deu certo e o meu amigo foi embora da pensão, para nunca mais voltar. Eu não pude acompanhar o teste do amigo, já que na mesma hora participava de uma partida de futsal em outro lugar. No intervalo do jogo, eu pensei: O que fazer para pedir a “Proteção Divina” para o teste do Wianey. Nessa hora somos tão pequenos, mas podemos nos agigantar. Eu creio em um Deus que nunca dorme, nunca descansa, porque sempre se faz presente, auxiliando as pessoas que recorrem a Ele. Naquele instante eu pedi toda a proteção possível para que tudo desse certo no teste do meu amigo. Deu tão certo que ele se tornou uma das maiores vozes do jornalismo esportivo do Rio Grande do Sul.

Meses depois de sua saída da pensão, Wianey voltou com uma carta de recomendação para o Senhor Jaime Schmidt, treinador dos Juniores do Internacional. “Este é o rapaz que te falei, ele atua nas duas pontas”, dizia a carta. E agora, o que fazer? A apresentação para trabalhar no Banco Safra e o teste no Inter coincidiam, seriam no mesmo dia. Havia conseguido o emprego no Banco por causa do futebol.

A noite anterior foi quase em claro, pensando na escolha da melhor opção. Levantei às 7h com a decisão tomada: era uma segunda-feira e com 20 anos, a mesma idade do Falcão, que jogava nos juniores do Inter, não tive coragem de trocar o certo pelo duvidoso. Foi uma escolha difícil e não sei como teria sido se tivesse escolhido a outra opção. Como diz o ditado, o cavalo não passa encilhado duas vezes em nossa frente.

Aquele encontro, foi meu último encontro presencial com o Wianey, ele seguiu a sua vida como jornalista da RBS, e eu segui carreira bancária até os meus 26 anos, quando decidi mudar de ares. Troquei a Estância de São Pedro pela terra de Makunaima. Estava em Boa Vista-Roraima, contratado para jogar no time do River Esporte Clube.

Voltando ao Banco Safra:

Quem abriu as portas para esta nova oportunidade foi o Ademir Chiossi. Foi ele, um dos primeiros que conheci quando cheguei à pensão da dona Maria. Trabalhava no banco e cursava Faculdade de Educação Física. Tornamo-nos bons amigos. Por suas mãos dei início a uma nova experiência profissional no Banco Safra. Ademir é natural de Sarandi, cidade localizada perto da cidade de Passo Fundo.

VOLTANDO A PENSÃO DA INDEPENDÊNCIA

Enfim, o troco, prometido pelo Carlos, chegou. Era uma noite gelada de inverno e eu fui jogar futebol com alguns amigos. Após a partida, vencida pela nossa equipe, fomos até um restaurante comemorar a vitória. Só retornei no início da madrugada. O frio era tanto que eu “batia os dentes” como dizem os lá do Sul. Logo que cheguei à pensão fui tomar banho. Liguei o chuveiro e, para

minha tristeza, a água estava gelada. Não havia a água quente que tanto desejava. Parecia que o chuveiro estava queimado, danificado. Aquele foi o pior banho da minha vida. Eu corria de um lado para o outro, embaixo do jato gelado de água, parecendo uma mosca tonta. Eu sei que um banho gelado recupera os músculos mais rapidamente, como também melhora a circulação, mas não naquela temperatura. No dia seguinte, fiquei sabendo que aquilo foi obra do Carlos. Ele desligou o fio do chuveiro, só para me sacanear. Era o troco. O Carlos e eu estávamos empatados.

* * * *

Depois de tanto tempo, tão distante daquela época e, ao mesmo tempo tão longe de Porto Alegre, durante as narrações esportivas da Rádio Gaúcha, ouvindo os comentários do Wianey, vem-me à lembrança, a velha e saudosa pensão da Independência. A pensão da minha independência. Volto no tempo e encontro, como se fosse agora, os velhos amigos que encontrei e deixei por lá: Wianey, Nery, Fritz, Chico, Carlos, Ademir, Pedro e, a dona Maria, proprietária da inesquecível e para mim, histórica, pensão da Independência. Daquela turma toda dois já partiram para o andar de cima, o Nery e o Wianey. O coração do amigo Wianey parou de bater dia 29 de setembro de 2017, aos 68 anos. Partiu em silêncio, para nunca mais voltar!!!

Descanse em paz amigo da Pensão da Independência!!!

CABRITOS E A PIRÂMIDE

Sempre que o Sérgio Bock vinha até Selbach curtir as férias escolares, nossa diversão preferida era bater uma bolinha na quadra de Futebol Sete, da Escola Estadual São Thiago. Depois os anos passaram, eu me mudei para Porto Alegre, perdendo, momentaneamente, o contato com o amigo Sérgio. Num certo dia, passeando por Santa Maria, encontrei o Sérgio. Na ocasião visitava a casa de seus pais. Já estava casado com uma moça linda de Santa Maria, porém, residindo em Canoas, cidade próxima a Porto Alegre. Morava em um bairro colado a zona central de Canoas.

Retornei para Porto Alegre e, logo na semana seguinte, combinamos um jantar na casa dele. Na oportunidade foi-me servida uma bela churrasqueira. Juntos, novamente, eu e o “bicho à toa” chamado Sérgio Bock. Depois de passadas duas semanas daquele belo churrasco, o amigo me liga com um pedido no mínimo estranho:

- Euclides, há um lugar disponível em teu apartamento para hospedar um cabrito?

- Mas que maluquice é esta, Sérgio? Quem é o sujeito que tem o apelido de Cabrito?

- Não, Euclides, é um cabrito verdadeiro. No caso, o marido da cabra.

- Mas como eu poderei abrigar um cabrito num apartamento?

- Não sei. Mas preciso do teu favor. Há um camarada que me deve uma bela grana, há muito tempo, e resolveu quitar a dívida com cabritos. Há um cabrito amarrado aqui no quintal de casa. Em breve, receberei os outros.

- Caramba, meu amigo, quer dizer então que são mais de um cabrito?

- Sim, de acordo com o valor da conta, serão vários cabritos. Porém, ele irá me pagando aos poucos.

- Vou pensar, meu amigo. Vou pensar. Alojjar cabritos no centro de Porto Alegre, convenhamos, não é uma proposta muito tentadora. Mas, amigo é amigo.

Em Porto Alegre eu dividia um apartamento, que pertencia ao Bruno, com os irmãos dele: o Nery (in memoriam), o Luiz, Gilberto (in memoriam), apelidado de Banana, e mais o amigo Roberto Seibel. Havia só dois quartos no apartamento. Nós dormíamos em beliches, não havendo, portanto, lugar para acomodar o cabrito do Sérgio. Até pensei em colocar o cabrito para dormir com o Banana, mas logo desisti da idéia, o cabrito dormindo com o Banana tinha tudo para dar errado.

Cabrito é o termo usado para eleger os animais jovens da subfamília dos caprinos. O cabrito fornece couro e carne. As fêmeas são grandes fornecedoras de leite. É muito comum, também, algumas pessoas utilizarem o termo cabrito (no Rio Grande do Sul usava-se o termo para empréstimo), quando realizam um empréstimo bancário. O Sérgio continuou insistindo para eu achar um lugar para acomodar o danado do cabrito, me ofertando até uma bela quantia em

dinheiro. Levar o cabrito para o apartamento não daria certo. Resolvi ajudá-lo de outra forma:

- Olha Sérgio, acomodar cabritos aqui no apartamento é impossível. Mas eu posso tentar vendê-los por um bom preço.

- Está bem, - concordou ele. Podes vender.

Mexi com os meus pauzinhos e consegui vender o cabrito para o irmão de um colega de Banco, que tinha um sítio nas redondezas de Porto Alegre. A cada trinta dias o Sérgio recebia um cabrito, em forma de pagamento daquela dívida mencionada anteriormente. Consegui vender todos os cabritos que o Sérgio, mensalmente, enviava. Num determinado dia o Sérgio me liga com uma voz diferente, parecia nervoso, agitado do outro lado da linha.

- Euclides, a turma da Polícia Federal bateu aqui em casa atrás dos cabritos. Segundo os policiais me disseram, os cabritos foram todos roubados. Fica na tua, por favor. Tu não viste nada. Tu não sabes de nada.

- Podes deixar, dificilmente irão me procurar. Só se você mencionar o meu nome.

- Eu dei muita sorte, - continuou o Sérgio, - devo ter despistado os policiais, já que até ontem ainda havia um cabrito aqui em casa.

Os dias foram passando e o episódio dos cabritos ficou esquecido, só que, ser amigo do Sérgio e eu sou, é ter pequenos sobressaltos sempre. Não deu outra. Dias depois lá vem o meu amigo com outro convite mirabolante:

- Ei cara, eu estou entrando em um negócio espetacular. Trata-se da venda de produtos de limpeza. A tarefa consiste em recrutar pessoas que queiram participar do negócio. À medida que você convence alguém a participar da empreitada você sobe de posto e ganha pontos.

Era a famosa Pirâmide.

- Estou fora Sérgio, não tenho jeito para vender produtos de limpeza e nem talento para convencer as pessoas a entrar num negócio que desconheço.

Devagar os dias foram passando. Parecia que o Sérgio havia desistido de me introduzir na Pirâmide, até que ele voltou a me pressionar. A sua insistência foi tamanha e, tão convincente, que eu raspei minhas economias de anos, entrando no negócio. Fiz um péssimo negócio. Acho que muitos outros também fizeram. Aquilo nada mais é do que uma pirâmide financeira. O sucesso do empreendimento apoia-se unicamente no crescimento exponencial

de novos membros, daí o nome "Pirâmide". As primeiras pessoas da lista recebem o dinheiro das que estão entrando. As pessoas do nível inferior da Pirâmide, sempre perdem o dinheiro investido. Eu perdi todo o dinheiro investido. O que me restou foram produtos de limpeza, que levei para minha mãe, em Selbach: desinfetante, sabão líquido e água sanitária. E, assim, minhas economias de anos se esvaíram, parando no bolso dos mentores da Pirâmide.

Há tempos não vejo o meu amigo Sérgio. Um dia desses, vi uma reportagem na TV de bodes subindo em lugares muito íngremes para procurar um determinado tipo de alimentação. Lembrei-me dos bodes, da Pirâmide e do meu amigo Sérgio Bock, filho da irmã do amigo do meu pai.

Depois que os anos passam são as recordações que movem os nossos pensamentos.

EU E MEU VELHO

Meu pai e eu nunca fomos grandes amigos. Não era, porém, falta de carinho ou falta de respeito. Eram as nossas diferenças que interferiam no nosso relacionamento. Ele educava usando as normas do ensino tradicional antigo, enquanto eu vivia a modernidade dos tempos. Houve o momento em que resolvi seguir meu próprio caminho. O jeito encontrado foi fugir de casa. A partir da minha saída, tudo mudou. O meu pai convivia, desde pequeno, com problemas de saúde. Foi acometido de paralisia infantil antes dos dois anos de idade. Em função da doença, ele andava de muletas. A poliomielite - nome científico da doença - quando ataca crianças, pode ser moderada ou severa. A complicação mais séria afeta as pernas. Foi o que ocorreu com o meu pai. A doença foi severa para com ele.

Respeitando a doença, o meu relacionamento com o meu velho sempre foi conturbado. Lembro que naquela época, em nossa casa, a nossa maior diversão era um velho rádio. O nosso velho rádio era compartilhado por todos os membros da família. Meu pai poderia ter sido um grande ditador. E, ditador severo. Quase todas as noites, entrávamos em conflito. Eu queria ouvir

músicas da Jovem Guarda ou música internacional, que era a moda entre os jovens. Eu gostava dos Bee Gees e dos Beatles, enquanto o meu pai curtiá Tónico e Tinoco, Milionário e José Rico, Tião Carreiro e Pardino, Moreno e Moreninho, ou seja, o lado sertanejo que vivia dentro dele. Meu velho adorava música caipira. Nessas horas o rádio era disputado, mas ao final, sempre prevalecia a vontade dele.

Eu tive de ir à luta muito cedo. Mais cedo do que eu deveria e mais sozinho do que eu esperava. Com doze anos de idade arranjei meu primeiro trabalho. Trabalhava como engraxate de sapatos para auxiliar no orçamento familiar. Todo o dinheiro arrecadado era entregue ao meu pai.

Todos os dias eu era escalado para ir até o mercado fazer as compras. Na maioria das vezes, eu desviava uma parte do troco. Eu até que achava justo e merecido, pois eu trabalhava para obter aquele dinheiro. Porém, um dia, o meu velho desconfiou da minha honestidade e mandou a minha mãe verificar no mercado o valor exato das compras. É claro que ela descobriu. Levei uma bela surra e tive que devolver o troco que eu havia escondido debaixo de uma pedra, do lado de fora da casa.

Em outra ocasião meu pai incumbiu-me de comprar um frango na tenda que havia ali pelas redondezas. Depois de efetuar a compra e retornar com o frango vivo para casa, o frango me atacou. Deu uma baita bicada no meu braço e ainda deixou alguns riscos de esporas nas minhas pernas. Eu não pensei duas vezes. Prontamente soltei o danado do frango que eu tinha acabado de comprar. O velho, meu pai, ficou “p” da vida comigo. Desta vez, porém, eu tive sorte. Com ajuda dos vizinhos, o galo foi recapturado, foi pra panela, eu escapei da surra e o almoço foi garantido.

E assim, nesse ambiente alegre, mas conturbado, eu fui crescendo, aprontando uma arte para cada dia e, realizando-as. O meu velho era muito enérgico e eu era muito levado. Dois modos que, definitivamente, não se completavam. E, antigamente, a corda sempre arrebentava do lado do mais fraco.

A nossa outra diversão era jogar futebol, além, é claro, de aprontar sacanagens. Eu apanhava quase que diariamente. A minha mãe me segurava e o meu pai me batia com o cinto. Eles achavam que eu merecia, eu achava que, às vezes, não.

Houve outro episódio muito interessante que marcou a minha infância para sempre: foi num dia em que o meu pai e eu choramos juntos. Foi na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Eu tinha onze anos naquela época. Era preciso derrotar Portugal ou o Brasil estaria eliminado daquela Copa. Quando Pelé saiu de campo contundido, Portugal já vencia a partida por 2 a 0. Depois do atendimento na beira do gramado, Pelé retornou ao campo, bastante lesionado e sem nenhuma condição de jogar, só para fazer número, pois o regulamento da competição não permitia substituições. Mesmo assim acreditávamos na virada. De repente Eusébio recebeu a bola livre, na entrada da pequena área e fulminou o goleiro Manga. Terceiro gol de Portugal. O Brasil se despedia da Copa melancolicamente. Eu e o meu pai choramos copiosamente, ouvindo pelo velho rádio, sintonizado na Rádio Guaíba. A narração emocionada foi do saudoso Pedro Carneiro Pereira, que é, na minha modesta opinião, o melhor narrador de futebol de todos os tempos. Portugal venceu aquele jogo por 3 tentos a 1.

Apesar de sisudo, meu pai adorava uma brincadeira. Era comum, lá no Sul, na Sexta-Feira Santa, a invasão aos galinheiros mais descuidados para arrecadar algumas penas para as solenidades e comemorações que eram realizadas durante o Sábado de Aleluia. O mais divertido era convidar o dono das galinhas subtraídas para o almoço, para a janta e, até para a canja que era servida durante os bailes comemorativos. Pois, lembro agora, que em uma dessas ocasiões o meu velho pediu para o seu ajudante na sapataria providenciar um frango no galinheiro do vizinho. Lá se foi o seu Darci Seger executar a ordem do chefe. Aliás, essa missão também fazia parte do engraçado e divertido ritual. Ele, apesar da lua cheia, executou a missão com muito êxito. Trouxe um belo frango. Coube à minha mãe a tarefa de preparar a galinhada. O vizinho, é claro, foi convidado para o jantar. Como sempre, a

galinhada saiu perfeita, pois a minha mãe era exímia cozinheira. Após o jantar, o meu pai abriu o jogo, contando ao Guido Huppés a procedência do frango. No primeiro momento, o vizinho não gostou muito. Aos poucos, porém, foi relaxando e aceitou a brincadeira numa boa. Afinal, era uma brincadeira considerada sadia, festiva e alegre naquele período do ano. O Sábado de Aleluia foi alegremente comemorado.

O meu pai tocava sanfona de quatro baixos com muita competência. Todas as noites, após o jantar, ele distraía a nossa turma, tocando músicas da época. Houve uma ocasião em que o meu velho convidou alguns amigos para curtir a sua sanfona. Era uma noite de sábado, céu estrelado, noite propícia para uma sacanagem. O meu pai convidou a turma para provocar um alvoroço na cidade. A brincadeira seria a troca dos anõezinhos das residências.

Os Sete Anões é um grupo de personagens que aparece no conto de fadas escrito pelos irmãos Grimm, no livro intitulado Branca de Neve. Foi muito celebrado nas animações da Disney, no final da década de 1930, como Branca de Neve e os Sete Anões.

Na maioria das casas de Selbach, os anões serviam para enfeitar os jardins em frente às residências. Imagine você acordar, em um domingo, e se deparar com anões estranhos enfeitando os jardins de sua casa. Anões vivos, reais, em lugar das estátuas costumeiras. Anões que sorriam, que gesticulavam, que se movimentavam. Foi um corre-corre danado. Os moradores da avenida principal, unidos, tentando localizar os anões trocados e, de quebra, também a Branca de Neve que também, naquele momento, foi modificada e trocada. Foi uma brincadeira muito divertida e criativa. Os mais antigos ainda lembram daquele episódio e, ainda hoje acham graça e dão risadas.

Quando o meu avô paterno faleceu, a minha avó foi morar com a minha tia Hilda, na cidade de Não Me Toque. Assim, a casa dos meus avós ficou vazia e o meu pai, que era o único dos irmãos que não possuía casa própria, se achou no direito de morar na casa que era dos pais dele. Passamos pouco tempo morando naquela casa, já que uma liminar impetrada por um de

seus irmãos fez com que fôssemos despejados. Antes da invasão, nós morávamos de aluguel em uma casa de dois andares. No andar de cima era a nossa residência e na parte térrea funcionava a sapataria do meu pai. Tivemos que acampar na sapataria, já que a moradia de cima fora alugada para outra família. Na sapataria não havia lugar para abrigar todos os membros da nossa família. Naquele dia eu pude sentir, pela primeira vez na minha vida, o peso da palavra amizade.

Parecia um anjo caído do céu. Mal sabia eu que aquele anjo era o primeiro de muitos na minha vida. Fabrício Staudt (in memoriam) foi o primeiro amigo a estender a mão, convidando a mim e o meu mano, Ratão, para dormirmos na casa dele, onde morava com os pais e um bocado de irmãos. Somando com as mulheres, eram mais de dez, com certeza. Pelo menos a casa deles era bem grandona e ainda havia o porão, onde os meninos dormiam. O Marcelo nasceu no mesmo ano que eu e era na época um grande amigo. Também havia a Heloísa que estudava na mesma sala que eu. Eu e o meu irmão passamos quase um ano dormindo na casa da família Staudt. Com a morte do seu Artur, coube à esposa, dona Davinda, tomar conta dos filhos. Ela era uma mulher incrível, dotada de um enorme coração. Costumava dizer que eu era como se fosse um filho para ela, tamanha a amizade que me unia àquela família querida. Foram inúmeros jantares, sem contar os lanches servidos, diariamente, quando chegávamos da escola. Todas as noites era a mesma rotina. Antes de dormir, na hora do lanche, ficávamos conversando até o sono chegar. Participavam da conversa o Marcelo, a Heloísa, a Glacir e eu. Glacir era a mais velha da nossa turma e, com certeza, a mais inteligente. Bons tempos aqueles! A Glacir se formou no curso de medicina e hoje trabalha em Porto Alegre. Dra. Glacir é médica cardiologista. A Heloísa é dentista e seu consultório é na cidade de Cascavel, no Paraná. E o Marcelo se formou em Engenharia Civil e hoje atua na cidade de Santa Terezinha do Itaipú, também no estado do Paraná.

O cultivo de verduras e legumes pode ser feito em casa por meio de uma pequena horta. Quase todas as famílias interioranas do Sul do Brasil dispõem de uma horta caseira. A horta da família Staudt, além de abastecer o

seu próprio consumo, também comercializava os seus produtos na pequena cidade de Selbach. Quem cuidava das hortaliças era o João (In memoriam), irmão mais velho do Marcelo e do Fabrício. O João era um sujeito tranquilo e trabalhador. Todos os dias éramos abastecidos de verduras e de legumes frescos, sem o uso de produtos tóxicos, destaque para a alface e para o agrião, minhas verduras preferidas.

Era a dona Davinda, com a ajuda das filhas, quem preparava as refeições. Ela pilotava um fogão como poucos. Seus pratos eram variados e deliciosos. Foram inúmeros jantares, incontáveis almoços. Ela nunca reclamou de nada e jamais aceitou qualquer tipo de ajuda financeira. Família Staudt, uma família querida, que tatuei no meu coração para sempre.

A caipirinha é uma bebida alcoólica de origem paulista. É uma das bebidas brasileiras mais conhecidas nacional e internacionalmente. É feita com cachaça, limão taiti não descascado, ou qualquer outro limão verde, açúcar e gelo.

Lembro-me como se fosse hoje. Estávamos no ano de 1977, início do mês de março. Exatos cinco anos que eu havia me mudado para Porto Alegre. Era uma quinta-feira, no finalzinho do expediente bancário. O carteiro entregou-me uma carta, enviada pelo meu irmão Olavo Ratão. Na carta ele dizia que o pai fora hospitalizado e a mãe achava que ele não voltaria mais para casa. Levei um baita susto, e logo no dia seguinte peguei o ônibus com destino a Selbach. Ao chegar a nossa casa, falei com o médico. O doutor Rosalino fez-me saber do quadro clínico do meu pai.

O velho tinha câncer no pulmão e no fígado. Ele fora operado na véspera e, segundo o médico, nada mais poderia ser feito. O fígado é o órgão responsável pela maior parte das reações metabólicas, sendo que qualquer problema que ocorra ali é de grande preocupação. O meu pai foi acometido de uma cirrose hepática, em função de ingestão de bebida alcoólica por longo tempo.

O câncer de pulmão é um tumor caracterizado pelo quadro do mecanismo de defesa natural do pulmão. A causa principal do câncer de

pulmão é o tabagismo. Os sintomas iniciais são: tosse, falta de ar, chiado no pulmão, presença de sangue no escarro e dor no peito. O fumo, associado à bebida alcoólica, acabou com a vida do meu pai. O velho nunca se queixou de qualquer tipo de doença, além daquela, adquirida na infância. O câncer chegou fulminante. Os primeiros sintomas foram dor no peito e desconforto ao ingerir qualquer tipo de alimentação.

Passei aquele final de semana ao lado do meu pai. Ele estava hospitalizado no único hospital que havia na cidade. Na segunda-feira retornei a Porto Alegre, com a finalidade de pedir as minhas férias junto à direção do Banco Safra. Como eu tinha férias vencidas, fui prontamente atendido e voltei para casa.

Eu me revezava com a minha mãe para que ficasse sempre alguém junto com o meu pai no hospital. Queríamos, em meio à dor dele e a nossa, que ele pudesse partir desta vida com um pouco mais de conforto e de dignidade. Ele ficou quarenta dias padecendo no leito do hospital. Eu fiquei cuidando dele nos seus últimos vinte dias de vida. Na doença, eu percebi o quanto eu gostava do meu pai, assim como o quanto ele gostava de mim. Nossas diferenças se esvaíram e o que restou foi só amor. As diferenças, às vezes, aproximam as pessoas que se julgam distanciadas. Foi o caso.

Alguns dias antes de morrer, o meu pai, já bem debilitado e com a voz fraca, me fez dois pedidos:

- Clides, você não vai embora antes da tua mãe chegar, - ele não queria ficar sozinho. Cuida bem da tua mãe e dos teus irmãos, - foi o segundo pedido.

Graças a Deus consegui, posteriormente, auxiliar financeiramente a minha mãe e os meus irmãos.

O meu pai tinha um crucifixo de Jesus, que ele apertava entre os dedos e nunca mais soltou, ficando com ele até o dia da sua morte. Ele veio a falecer no dia 11 de abril de 1977.

No seu enterro parece que eu estava anestesiado. Não consegui chorar. A dor ficou presa dentro do meu peito. Depois de alguns dias, para esquecer aqueles momentos amargos, eu me desloquei de ônibus até São Miguel do Oeste, no Estado de Santa Catarina, para visitar os meus primos que residiam naquela cidade, aproveitando os meus últimos dias de férias. Lembro-me da minha prima Francisca que me recebeu com muito carinho.

Passei três dias lá, retornando, em seguida, a Porto Alegre. Quando eu abri a porta do apartamento que eu dividia com dois amigos, as lágrimas rolaram no meu rosto. Finalmente consegui colocar para fora todo o sofrimento preso no meu peito. A ficha caiu. O meu pai já não existia mais. Era necessário recobrar as forças e trabalhar em dobro, para poder cumprir a promessa feita a ele: “Cuida bem da tua mãe e dos teus irmãos”, já que eu era o filho mais velho do saudoso Emilio Alberto Junges.

Sei, hoje, que muitas coisas amargas que ficaram lá no passado, renascem em minha memória em forma de lembrança e de saudade.

Vejam que ironia do destino! Quantas vezes discuti com meu pai por causa das músicas que tocavam no rádio. Eu queria ouvir Jovem Guarda, enquanto ele preferia as músicas caipiras. Meses após sua morte, voltei a Selbach para visitar minha mãe e meus irmãos. Ao chegar, o velho rádio do meu pai começou a tocar uma melodia sertaneja que ele adorava: “Nesta longa estrada da vida, vou correndo e não posso parar, na esperança de ser campeão, alcançando o primeiro lugar”. As lágrimas rolaram pelo meu rosto quando a música terminou. Foi como se eu finalmente tivesse entendido o gosto do meu pai.

E, assim, a partir daquele dia, a música sertaneja entrou na minha vida para sempre!!!

SASE E A SERENATA QUE DEU CERTO

Corria o ano de 1980 quando recebi o convite para disputar o Campeonato Estadual de Amadores, pelo time de Selbach. Na época eu ainda residia em Porto Alegre, trabalhando no Banco Noroeste. Sempre às sextas-feiras, após o expediente bancário, lá ia eu de ônibus até Selbach, 280

km, a fim de defender as cores da equipe da Sase- Sociedade Atlético Selbaquense. Eu jogava por amor ao clube e à cidade, e a única ajuda recebida era o dinheiro da passagem de ônibus, patrocinada pelo saudoso empresário Olavo Muller.

A estreia da equipe da Sase se deu na cidade de Ibirubá, contra a equipe da Juventude Operária. Ainda sem condições de jogo, aguardando liberação da Federação Gaúcha de Futebol, atuei de forma irregular, me utilizando da ficha do meu irmão Luiz Fernando. Vencemos aquele jogo pelo placar mínimo, com um gol meu, mas na súmula o gol foi do meu irmão. Os jogos eram disputados sempre aos domingos e nosso local de encontro, após as partidas, era a Praça Central da cidade, em frente à Igreja Paroquial São Thiago. Houve uma noite de domingo em que estávamos reunidos em frente à praça, jogando conversa fora, quando o meu amigo Loversi Hansen deu a ideia:

- Que tal fazermos uma serenata para uma gata qualquer?
- Acho a ideia genial, mas na casa de quem? - perguntei.

Passamos um bom tempo pensando quem seria a moça contemplada com a serenata. Foram inúmeras as sugestões dadas pelos meus colegas, até que prevaleceu a minha sugestão.

- Já que não chegamos a um consenso sobre a garota a ser visitada, que tal visitarmos o Dr. Rosalino, lá sempre tem cerveja e algo para beliscar. Estou com sede e com fome.

Todos aceitaram a minha sugestão.

Escolhi a residência do Dr. Rosalino Guareschi, para aquela serenata, já que todos nós gostávamos dele e, se conseguíssemos tirá-lo da cama, o sucesso da serenata seria certo.

Logo apareceu um violão e, como sempre, ninguém sabia tocar nada. Por um instante me voltaram às lembranças da serenata frustrada na janela da Marta. Pensei com os meus botões, enquanto olhava para o relógio da matriz, tomara que essa serenata tenha um melhor desfecho que aquela em que errei de janela. Quando tirei os olhos do relógio da matriz o mesmo apontava duas horas da madrugada. E lá fomos nós em direção à casa do nosso amigo Rosalino. Além do Lolo também me acompanharam naquela noite romântica, o Ademir e o Pingo. Chegamos no maior silêncio, como pede uma serenata romântica. Como ninguém de nós sabia manusear as cordas do violão, coube a

mim chacoalhar as cordas, enquanto os meus colegas cantavam uma melodia romântica bem ao nosso estilo, isto é, desafinada. Normalmente as serenatas são bem recebidas quando a janela é aberta pela pessoa homenageada. Tivemos sorte, fomos recebidos pelo próprio Rosalino, através da janela do seu quarto. Com cara de sono, porém simpático como de costume, achando graça dos cantores sem futuro. E, na maior educação, pediu silêncio para não acordar a esposa, no que foi prontamente atendido.

Ordem restabelecida, porta aberta e geladeira liberada, a ordem era atacar. Armamos uma mesa na área de fora, com cerveja gelada e tira gosto à nossa disposição. Fomos tão bem recebidos naquela noite que passamos a visitar com certa frequência a residência do amigo. Toda vez que o time da Sase vencia o seu jogo, a festa estava garantida na casa do Rosalino, já que o mesmo fazia parte da diretoria do clube e, assim como todos nós, também era um apaixonado pelo time da Sase.

Desta vez a serenata tinha dado certo, ou quase... Faltou à esposa levantar.

A pior parte, quando eu atuava pelo time de Selbach, eram as viagens de ônibus, principalmente as de retorno a Porto Alegre. Era comum eu trabalhar na segunda-feira com cara de sono, devido à noite mal dormida. No campeonato daquele ano nós perdemos a chance de disputar o quadrangular final do Estadual de Amadores por puro detalhe. Sofri uma distensão na coxa direita em jogo realizado contra o time de Arroio do Tigre, me tirando do restante do campeonato.

Foram inúmeras as lembranças do meu último ano como atleta da Sase, e aqui vou citar duas.

O primeiro jogo memorável foi contra o time de Redentora. Naquele dia eu fiquei no banco de reservas, por não ter condições físicas de jogar os noventa minutos. A partida foi disputada no Estádio Municipal de Selbach e a equipe visitante armou uma baita retranca. Apesar das dificuldades, a Sase foi sempre superior ao seu adversário, mas essa superioridade não era transformada em gols. A equipe amarela de Redentora conseguiu suportar o assédio dos Selbaquenses até os 20 minutos do segundo tempo, quando entrei na ponta direita, o que mudou totalmente o panorama da partida. No nosso primeiro gol Müller chutou, o goleiro deu rebote e eu entrei para abrir o placar.

Nelcir marcou o segundo gol, em grande jogada minha, após vencer dois adversários na corrida. No terceiro gol, chutei forte da entrada da área e novamente o arqueiro deu rebote e o Müller assinalou o gol. O mesmo Müller faria também o quarto gol, num grande lançamento do meia Alcides Hansen, que também havia entrado no decorrer do segundo tempo.

Outro jogo memorável foi contra o Grêmio de Ibirubá, encontro dos dois melhores times da fase de classificação e, outra vez, jogamos em nosso estádio. A expectativa em torno da partida, já considerado um clássico regional, era muito grande levando um enorme público ao Estádio Municipal. A partida só foi decidida nos minutos finais. Eram decorridos 38 minutos do segundo tempo quando houve um escanteio em favor da Sase.

Batido o escanteio a bola sobrou livre para mim na entrada da pequena área, fuzilei a meta adversária de perna esquerda, decretando a vitória da Sase por um tento a zero. Vitória muito comemorada pelos torcedores de Selbach, já que o time se sagrou Campeão do primeiro turno da sua chave.

A minha despedida do time da Sase foi em janeiro de 1981, dias antes de mudar para Boa Vista. Jogamos na Vila de 15 de Novembro, hoje cidade, contra a equipe local, vencendo a partida por 2 tentos a 1. Eu assinalei o primeiro gol e sofri uma penalidade máxima no segundo tempo. O Presidente da Sase naquela ocasião era o saudoso Darcy Ely.

O time base da Sase no campeonato de 1980 atuava com os seguintes atletas: Abel no gol, Lolo na lateral direita, os zagueiros eram o Genésio e o Jair, na lateral esquerda o Jacinto. Meio campo era formado por Nelcir, Juarez e Ademir, e no ataque, eu na ponta direita, Müller de centroavante e na ponta esquerda Migue. Atuavam também os atletas, Marcos, Valdir, Beto, Sadi, Sérgio e Alcides. O técnico daquela equipe memorável era o professor Adãozinho.

As serestas não existem mais e eu nunca aprendi a tocar violão. Nunca fiquei longe dos gramados e da bola até o dia que comecei a ter problemas nos quadris. Hoje tenho próteses nos dois quadris, mas nunca esqueci as minhas raízes. Ao longo da vida foi desse jeito que construí muitas sólidas amizades, através do esporte. Hoje, revirando a minha saudade, abri algumas gavetas que estavam esquecidas nas lonjuras de outro tempo. Encontrei muitas boas lembranças dentro delas.

BANCO SAFRA E NOROESTE

Houve uma época em que trabalhar em uma instituição bancária proporcionava status. Hoje, tudo mudou. Os Bancos particulares pagam muito mal aos seus funcionários, já os Bancos públicos pagam um pouco melhor, mas só admitem através de Concurso Público. Eu fui admitido no Banco Safra no dia 18 de abril de 1977. O meu teste para fazer parte do quadro de funcionários do Banco se deu dez dias antes da minha admissão.

Era um dia entediante. Eu queria algo para fazer naquele sábado à tarde. De repente surgiu o Ademir Chiossi me convidando para assistir a um jogo amistoso do time do Banco Safra.

O primeiro tempo da partida acabou com o placar em branco, com poucos lances interessantes. Já o segundo tempo seria repleto de grandes emoções. O time do Banco só tinha onze atletas e um deles se lesionou aos 45 minutos do primeiro tempo. Eu fui chamado para substituí-lo. Eles me deram uma chuteira de número 43, bem maior que o meu pé, número 40.

Fui escalado na ponta direita. Sem poder chutar a bola com perfeição, coisa que eu sempre soube fazer, o jeito foi correr com ela nos pés e, servir aos meus companheiros. No final, vencemos o jogo por 4 a 0. Os quatro gols, modéstia à parte, saíram de cruzamentos meus.

O Arnaldo era o goleiro do time do Banco. Exercia o cargo de Chefe da Expedição. Depois do jogo, o Arnaldo foi falar com o Ademir para saber quem era aquele furacão que havia mudado o resultado da partida. O furacão a que ele se referia era eu. A sorte estava do meu lado.

A pergunta do Seu Arnaldo foi direta.

- Queres trabalhar no Banco, temos uma vaga disponível no cargo de contínuo?

Fingi pensar um pouco e só depois respondi...

- Sim, aceito o convite.

Segunda-feira, logo no primeiro horário, eu fui ao Banco para uma entrevista de emprego. Caí nas graças do Arnaldo, pois a minha habilidade como atleta corria solta entre os funcionários, atingindo, por tabela, toda a Gerência.

No domingo seguinte foi marcado um jogo em Guaíba, cidade próxima de Porto Alegre. O jogo foi de manhã, com almoço ao meio-dia, à base de churrasco. Toda alta cúpula do Banco prestigiou o evento. Eles queriam confirmar as minhas qualidades como atleta. Eu não decepcionei. Vencemos a partida por 2 a 1, com gols meus. O segundo gol, conforme avaliação dos entendidos, foi um gol de placa: dominei no peito, dei um balãozinho no zagueiro e, na caída da bola, estufei as redes adversárias. No dia seguinte eu estava contratado para trabalhar no Banco. Contínuo era o meu novo cargo. Cargo que duplicava os meus vencimentos mensais, se comparados ao emprego anterior.

O trabalho é a recompensa pelo nosso esforço, pela nossa busca, pela nossa dedicação. Dentre as maiores recompensas que o trabalho nos lega, além do salário, é aquilo que ele nos concede socialmente. Comigo o trabalho foi sempre generoso. Proporcionou-me muitas oportunidades paralelas a ele. O objetivo principal, além da função, é sermos felizes no trabalho e, no ambiente em que trabalhamos. Eu sempre fui feliz onde trabalhei. Aprendi que é com simplicidade, humildade, dedicação, obediência profissional e muito esforço que vencemos os empecilhos da vida. Por tudo isso, e por mais alguns detalhes significativos, a minha vida mudou para melhor. Aos poucos, fui me enturmando no novo emprego. Por fazer parte do meio, fui conquistando novas amizades. O Ademir, por exemplo. O Ademir sempre foi um grande companheiro dentro e fora do Banco. Também, não posso esquecer o Mauro Lázaro Fernandes, outro grande sujeito, e o Neiton Blumberg, nosso caçula, bom de bola e grande companheiro. O apartamento do Mauro ficava próximo da pensão em que eu e o Ademir morávamos. Sempre que podia eu me deslocava até lá para tomar caipirinha na agradável companhia do Carlos Selbach e do Marcos, que era o irmão mais novo do Mauro.

Os amigos entram na nossa vida por acaso e os melhores ficam para sempre; foi o que ocorreu entre nós. Nossa diversão preferida era curtir o Gilberto Gil, o Caetano, a Elis Regina, sempre com o volume ao máximo, acompanhado daquela famosa caipirinha preparada com muita competência pelo Marcos.

O meu trabalho no Banco era bem complexo. Além de fazer trabalhos externos, eu também auxiliava a turma da Expedição. Lembro-me que certo dia

houve um problema que eu tive de contornar. Havia um colega nosso que tinha o péssimo hábito de jogar as cartas na lixeira para ficar com o dinheiro da postagem, já que, na época, os Correios não emitiam recibo. Por questões éticas vamos utilizar o pseudônimo de Aroldo para este funcionário. Aroldo tentou me incentivar para que eu desse o mesmo destino que ele dava às cartas, quando escalado para efetuar esse trabalho. O que ele pensava e fazia, não era, exatamente, o jeito que eu fui ensinado a proceder. Eu jamais aceitaria fazer isso. Prevaleceu a educação que recebi dos meus pais. Eu já era adulto e responsável pelos meus atos. Seria uma idiotice muito grande, se eu não soubesse a diferença entre lesar um Banco ou apanhar frutos nos quintais de beira de estradas. Os furtos de minha infância eram brincadeiras pueris, engraçadas, sem objetivos financeiros. Não prejudicavam as pessoas, não causavam danos materiais aos outros. Eram brincadeiras. O que ele insinuava que eu também fizesse, era crime real, prejudicial e mal-intencionado. Continuei trabalhando e jogando pelo Banco por um bom tempo. Foi um bom período da minha vida.

* * *

Certa vez o Ademir me convidou pra almoçar no Restaurante Universitário. Ele conhecia um dos porteiros, que facilitaria a nossa entrada sem a apresentação da Carteira de Estudante. Um dia, o Ademir não pôde ir. Eu cheguei quieto, mas o porteiro era outro:

- Por favor, senhor, a carteirinha.
- Eu esqueci a minha carteira no trabalho.
- Sem apresentação da Carteira de Estudante o senhor não pode almoçar.

Saí dali com cara de taxo, partindo para o plano B: comer um pastel com ovo, acompanhado de uma vitamina de abacate.

Como todos puderam notar nos meus relatos, em cada esquina Deus colocou um Anjo para me ajudar. No caso das refeições, não seria diferente. Passei quase um ano chegando nervoso para almoçar, até conhecer o Elias, responsável pela emissão das Carteiras de Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele conseguiu uma carteira falsa de estudante do curso

de Engenharia Civil e, de quebra, me deu uma pasta com o logotipo do Curso. Na época, eu cursava o primeiro ano do Segundo Grau, mas no restaurante eu era aceito como estudante do Curso de Engenharia.

Eu trabalhei dois anos no Banco Safra. Depois, passei pelo Comind e pela Auto Locadora Gaúcha, até chegar ao Banco Noroeste. Quem me convidou para trabalhar lá foi o meu amigo Paulo Bastos, Gerente do Banco. O Noroeste seria o meu último emprego em Porto Alegre. Há um episódio, que vou relatar, pois merece destaque na minha passagem pelo Banco.

No dia 31 de dezembro de 1979, final de expediente, todos os funcionários já tinham ido embora. Ficamos eu e o Gerente. Eu era conhecido no Banco pelo apelido de lura, nome do ponta-direita do Grêmio. Segundo meus colegas, eu e o lura tínhamos o rosto e o futebol parecido, utilizando a velocidade como principal arma.

- lura, você vai fazer o que hoje à noite? - perguntou-me o gerente.

- Não sei ainda, estou meio jogado às traças.

- Hoje você é o meu convidado. Vou te aguardar, lá em casa, no início da noite.

Cheguei ao apartamento do Paulo às 20h. Quem me deu as boas vindas foi o pai dele. Minutos mais tarde o Paulo apareceu.

- lura, te prepara que a noite promete. Nós vamos jantar na casa de uns amigos. Vou te apresentar como um alemão, gerente de um Banco da Alemanha. Vai escolhendo o teu nome artístico.

Ninguém gosta de admitir esta dura verdade: todos mentem, seja para agradar alguém, levar vantagem na vida, ou para uma simples brincadeira entre amigos, que era o nosso caso. A Imigração e a Colonização Alemã no Brasil tiveram um importante papel no processo de diversificação da agricultura e no processo de urbanização, tendo influenciado, em grande parte, a arquitetura nas cidades e, em suma, a paisagem físico-social brasileira. Eu aprendi o idioma alemão com os meus pais e com meus avós.

Chegando ao apartamento dos amigos, o Paulo foi logo me apresentando em grande estilo:

- Esse aqui é o Helmuth Schmits, funcionário do Deutsche Bank, de Berlim.

E agora? Eu teria que ser engraçado e só falar no idioma alemão e, me policial, para não falar nada em português. Ser engraçado não é tirar sarro das pessoas ou ser desrespeitoso. Na verdade, ajuda você a ver o lado bom da vida.

Fui bem recebido pela turma toda, parecendo uma celebridade, e todos perplexos com a minha pouca idade e já gerente de um dos maiores Bancos do mundo. Serviram-me do bom e do melhor, me dei bem, misturando alemão com inglês na hora de falar com a turma.

As pessoas valorizam muito a festa de Ano Novo, porque sentem o desejo de se renovar: lentilha, carne de porco, nozes, castanhas, regados com muita cerveja, champanhe e, para terminar, vários tipos de sobremesa.

Final de festa. Já passava da meia-noite quando o Paulo reuniu a turma e me entregou de bandeja...

- O Helmuth, não é alemão, coisa nenhuma. Trata-se do lura, meu colega do Banco, procedente da cidade de Selbach.

Na hora a indignação foi geral. Os mais bebidos queriam o meu pescoço. Os mais brincalhões, porém, aceitaram, numa boa. Na verdade, eu era um alemão brincando de ser alemão. Quanto a ser Gerente de Banco, era outra coisa.

Nós, gaúchos, sempre tivemos o espírito aventureiro. Voar sem ter asas, sair por aí sem destino certo e voltar quando tiver vontade, ou não voltar nunca mais. Conhecer outros lugares, investir no desconhecido sem medo e, se possível, criar raízes. Aos poucos o meu descontentamento no trabalho era visível. Cansado de ser bancário, fazia-se necessário mudar de ares e, talvez, de emprego também. A oportunidade de mudar para bem longe surgiu no final de 1980.

O Governador do então Território Federal de Roraima, Ottomar de Sousa Pinto, fretou um avião para transportar agricultores de Cruz Alta e da região, para ajudar no desenvolvimento da agricultura de Roraima. O meu irmão mais novo, Olavo "Ratão", e o Cláudio Birk, meu colega de infância, aceitaram o convite. E, vieram para Boa Vista. O meu irmão ficou deslumbrado com as belezas de Roraima, me chamando, posteriormente, para morar e trabalhar aqui em Boa Vista. Foi à oportunidade que eu tanto aguardava para colocar na estrada o meu espírito aventureiro.

Início de ano, vida nova e com novos ventos soprando no horizonte. A decisão estava tomada, mas faltava ainda uma última providência. Teria de pedir o meu afastamento do Banco onde eu trabalhava. Renunciar uma carreira que poderia ter sido promissora. Deixar os colegas de trabalho e os parceiros da bola. Foi um momento difícil, confesso.

- Seu Paulo, eu preciso que o senhor me faça um grande favor.

- Grande lura! Que favor é esse que estás me pedindo?

- Eu quero que o senhor me mande embora do Banco.

- Impossível! Não posso tomar essa atitude agora. Além de ótimo funcionário, você é o artilheiro do meu time.

- O meu irmão, - expliquei, - mudou-se para Roraima e, entre outras coisas, me convidou para trabalhar lá e jogar futebol no River, time que disputa o Campeonato Roraimense.

- Não posso demiti-lo, - disse ele, taxativo.

A minha primeira tentativa havia fracassado. Precisava da demissão, mas não sabia como pedi-la novamente. Já estava com os pés na estrada. De repente, surgiu a oportunidade que eu aguardava para conseguir o meu definitivo afastamento. Feriado em uma quinta-feira. O Gerente Adjunto reuniu todos os funcionários do Banco para dar um ultimato:

- Quem faltar na sexta-feira estará automaticamente demitido.

Nem pensei duas vezes: faltei ao trabalho na sexta-feira. Na segunda-feira, logo cedo, entrei no Banco e bato de frente com o meu Gerente, meu amigo e meu parceiro de tantas jornadas. Logo que me avistou, ele veio em minha direção, colocou a mão no meu ombro e, me levou até à sua mesa. Gelei. Pensei com os meus botões: estou frito. Para minha surpresa, ele me recebeu com a voz mansa e com aquela educação que sempre o caracterizou.

- lura, eu tenho certeza que Deus vai continuar iluminando o teu caminho e você se dará bem nessa nova aventura. O senhor acaba de ser demitido do Banco Noroeste de São Paulo.

Uma mistura de alegria e tristeza tomou conta de mim. Alegria, por ser demitido e poder receber todos os meus direitos trabalhistas; triste, pela despedida. Ninguém gosta de despedida e muito menos despedir-se do amigo de todas as horas. Segurei-me para não chorar, quando o Paulo me deu um

abraço de despedida. Saí do Banco pela porta da frente, igual como quando entrei, para nunca mais voltar.

A vida aponta os caminhos... A gente escolhe as estradas.

FUTEBOL DE RORAIMA

Eu cheguei a Roraima no dia 19 de janeiro de 1981, véspera do feriado em homenagem a São Sebastião, santo muito popular e padroeiro da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Reza a lenda que, na batalha final que expulsou os franceses que ocuparam a cidade, São Sebastião foi visto, de espada na mão entre os portugueses, mamelucos e índios, lutando contra os invasores.

Boa Vista tem muita influência do Rio de Janeiro, começando pela televisão. No dia 29 de janeiro de 1975 a Rede Amazônica de Televisão, com sede em Manaus, instalou oficialmente a TV Roraima (canal 4). No início, a programação da nova emissora recebia a programação gravada em Manaus e enviada para cá em malotes, sendo exibida três ou quatro dias após a sua chegada. Retransmitia a programação produzida pela Rede Bandeirantes de São Paulo.

Em 1976, a Rede Amazônica firmou contrato com a Rede Globo, embora permanecesse com a Band até 1982, quando dá exclusividade à programação da Rede Globo, que incluía os jogos do Campeonato Carioca de Futebol. Isso incentivou toda uma geração de roraimenses a torcer pelos times do Rio de Janeiro e, em parte, se explica o grande número de flamenguistas e vascaínos existentes em Roraima.

Meu irmão, Olavo Ratão, estava em Boa Vista desde outubro de 1980, quando veio junto com uma comitiva a convite do Governador do então Território Federal de Roraima, Brigadeiro Ottomar de Sousa Pinto. Na época, o Governo fretou um avião e trouxe moradores de Cruz Alta e das regiões adjacentes, para trabalhar na agricultura de Roraima e meu irmão veio nessa turma.

Logo no dia da minha chegada o meu irmão, Olavo Ratão, agendou um encontro com os diretores do River, um dos principais times do futebol local. O encontro com os diretores do Clube aconteceu na Peixada Panorama,

localizada às margens do Rio Branco, onde hoje funciona a belíssima Orla Taumanan. Eu e o Ratão jantamos com o Presidente do Clube, Raimundo Bezerra de Oliveira, dono da transportadora Rápido Roraima e com o seu vice, o saudoso Artur Machado. Este notou a presença, em uma mesa afastada, do jornalista Jadir Correa, à época diretor da TV Roraima.

- Olha só, temos um representante da imprensa aqui - disse ele, -referindo-se ao Jadir. Já estou vendo a manchete do esporte televisivo de amanhã: "River contrata atletas desconhecidos na calada da noite".

No dia seguinte eu fui apresentado para fazer o meu primeiro coletivo no time do River, no campo de terra da Igreja da Aparecida. Muitos torcedores compareceram ao treino. Lembro-me do saudoso Toninho, administrador do Estádio Canarinho (hoje Estádio Flamarion Vasconcelos), torcedor símbolo do River e muito amigo do meu irmão. A Diretoria do Clube estava lá, assim como o repórter da Rádio Nacional de Boa Vista (depois Rádio Difusora de Roraima), Amanajás Gouvêa. Atuei por trinta minutos. O calor de Roraima era intenso. Precisava de um tempo para melhor me preparar e me adaptar. Tive rendimento satisfatório, tanto que agradei aos torcedores e dirigentes presentes, pois realizei algumas jogadas de efeito, aproveitando a minha habilidade com a bola nos pés. Também concedi uma entrevista ao Amanajás, contando um pouco da minha trajetória pelo futebol.

Eram tempos difíceis do futebol de Roraima. Os atletas vinham para o treino de carona, de bicicleta e alguns vinham na caminhada mesmo. O repórter Amanajás se deslocava pela cidade para cobrir os treinos dos times locais em uma bicicleta seminova. Tempos, aliás, que predominaram nos anos 80. O profissionalismo só foi implantado na década seguinte. Atuávamos sem receber qualquer tipo de salário ou apoio financeiro. O treinador do River era o saudoso Williams Lira. Imediatamente, ele gostou do meu rendimento, me efetivando como titular da ponta direita. Antes do início do Copão da Amazônia, competição que foi disputada no período de 1975 a 2003 entre os times do Acre, Amapá, Rondônia e Roraima, à época ainda no amadorismo, a diretoria do Clube demitiu o Lira, contratando o Paulo da Araçatuba. Naquele ano, nossos representantes no Copão foram o Roraima e o River, este por ter sido vice-campeão local.

Com a chegada do novo treinador, eu perdi o meu espaço no time e acabei na reserva. Eu sempre fui um atleta impulsivo e jamais aceitaria a reserva sabendo do meu potencial. Fiquei aguardando uma nova oportunidade, de preferência em outro clube.

Williams Lira ficou bem abatido com a demissão, mas não ficou desempregado por muito tempo. Logo foi convidado - e aceitou - o convite para comandar a equipe do Náutico Futebol Clube. Assim que ele assumiu o Náutico, me chamou para jogar no Mais Querido - como o Náutico é conhecido. Saí do River na hora.

Com a nossa chegada, o Náutico deixou de ser o saco de pancadas do Futebol de Roraima, título que dividia, até então, com a equipe do Grêmio Atlético Sampaio - o GAS. Minha estreia com a nova camisa foi em um amistoso na cidade de Mucajaí, onde enfrentamos a equipe do Progresso. Vencemos por 3 a 2. Eu fiz dois gols e fui escolhido pelo meu treinador como o destaque do jogo.

O primeiro grande teste do time do Náutico deu-se no decorrer do Campeonato Roraimense daquele ano. Medimos forças contra a forte equipe do Roraima. Vencemos por um a zero. Eu tive a felicidade de assinalar o único gol daquela partida e atendi à orientação do Lira.

No intervalo do primeiro para o segundo tempo, o treinador pediu para eu provocar a expulsão do Carlos Alberto, principal jogador do time adversário. Ele já fora advertido pelo árbitro por jogada violenta. Iniciei a segunda etapa atuando pelo lado esquerdo do campo, aproveitando o clarão deixado pelas subidas do Carlos. Na minha primeira investida, levei um rapa por trás. No segundo lance, ele deixou o braço, me dando uma cotovelada, ocasionando a sua expulsão de campo. O árbitro principal não viu o lance, quem denunciou o Carlos Alberto foi um de seus auxiliares.

Os coletivos do Mais Querido eram realizados sempre no horário das seis horas da manhã. O meu amigo Violino era nosso convidado para completar o time de reservas no treinamento. Todos os dias, antes dos treinos, eu ia até a casa do Violino, levando alguém comigo para empurrar uma kombi velha do meu amigo, que só pegava no tranco. Toda vez que era acordado, ele colocava a cabeça para fora da janela com cara de sono, tentando ligar as turbinas do cérebro e acionar a memória.

O Náutico não era mais um saco de pancadas. O time terminou o campeonato nas primeiras posições. Ainda havia muito a ser feito e o nosso comandante, Williams Lira, tinha convicção disso. Para disputar o campeonato seguinte, ele pediu reforços ao eterno presidente do Náutico, Oiama Teixeira. A principal contratação foi o Chiquinho Ventura, meia, habilidoso. Era o camisa 10 que faltava pra qualificar ainda mais o nosso elenco. Já tínhamos os irmãos Ventura - Marcos, Cláudio e Paulo Henrique, este ponteiro esquerdo pequenino, porém habilidoso com a bola nos pés. Com eles, também vieram somar, o Vicente (in memoriam) e o Abel, dois atletas de destaque.

No campeonato disputado no início de 1982, o Náutico já era um time de respeito, temido pelos seus adversários, chegando até as semifinais para disputar um jogo memorável contra a forte equipe do São Raimundo. O Náutico tornou-se grande, graças ao dedo do seu treinador, o estrategista e disciplinador Williams Lira, querido por todos.

O primeiro tempo do jogo contra o São Raimundo foi todo nosso. Vencemos por dois a zero, um gol meu e o outro do craque Chiquinho Ventura. No primeiro tempo dominamos completamente o adversário. Já no tempo seguinte, foi um desastre.

O time do São Raimundo, repleto de bons jogadores, mudou a história da partida. Comandados pelo veterano Reis, eles aproveitaram o cansaço do time do Náutico para virar o marcador. Perdemos por 3 a 2. Além do Reis, também se destacaram naquela partida o Tião, Edmar, Renier (in memoriam), Rates e o pequenino e ágil goleiro César (in memoriam). O São Raimundo ainda teve o jogador Renier expulso na metade do segundo tempo e mesmo com dez homens em campo venceram a partida.

No ano de 1981, atuaram pelo Náutico: Lourenço, Célio, Bibiom (in memoriam), Gato, Paulo Carmelita (in memoriam), Pedro Fialho, Deilton, Renan Beckell, eu, entre outros. Em 1982, jogaram Chiquinho Ventura, Paulo Henrique, Marcos, Cláudio, Abel, Dosa, Célio, Betão, Vicente, Luizinho, eu, entre outros.

O Campeonato de 1982 foi o último que disputei como atleta federado, migrando para o futebol amador do Parque Anauá. Deixei o Náutico sem grandes alardes, para defender a Eletromóveis, que pagava o meu salário. Quando a imprensa notou a minha ausência, já havia trinta dias do meu afastamento. Quem se deu conta do meu sumiço foi o diretor da TV Roraima,

Jadir Corrêa. Em um de seus comentários diários na TV Roraima, ele perguntava:

- Cadê o Euclides? Cadê o melhor ponta direita do futebol de Roraima?

Por ironia do destino, o Jadir testemunhou a minha chegada e também a minha saída do Futebol Federado.

Também atuei na seleção de veteranos da Federação Roraimense de Futebol, na gestão do eterno presidente Zeca Xaud. Estávamos no ano de 1988, e a minha estréia se deu em um jogo amistoso realizado na cidade de Alto Alegre, contra uma seleção formada por atletas do município. A partida terminou empatada em um tento para cada lado. O gol da seleção roraimense de veteranos foi de minha autoria, por sinal um belo gol. O lateral Valência arremessou a bola com as mãos por cima dos zagueiros em uma cobrança de lateral e eu entrei em velocidade e na saída do arqueiro coloquei por cobertura, a bola ainda bateu na trave antes de entrar.

No futsal roraimense a equipe da Loja Perin sempre reinou absoluta, vencendo inúmeros torneios. Lembro de um que ficou para a história de nossas conquistas. Foi o primeiro torneio organizado pela Federação de Futebol de Salão de Boa Vista, sob a coordenação de Sebastião Corrêa Filho. Na partida final vencemos a forte equipe do Baré por quatro tentos a dois. O destaque do time do Baré era o atleta Querido, na minha opinião um dos melhores atletas de Futebol de Salão de Roraima. O time da Loja Perin disputou aquele torneio defendendo as cores dos Economistas, já que o regulamento só permitia a inscrição de clubes filiados ou associações. O time da Perin/Economistas venceu aquele torneio com a seguinte formação: Nelcides Polleti (in memoriam) no gol, Tevaldo na ala direita, eu atuei na ala esquerda, o Pastor era nosso fixo e na frente o Fernando Junges. Participaram também do nosso elenco o goleiro Audivan (in memoriam) o pivô Vicente (in memoriam) e o ala Clóvis Patz.

Lembro das palavras do Sebastião depois da nossa conquista: O time de vocês foi uma grata surpresa para mim, e você joga muito. Onde você aprendeu a jogar Futsal? Minha resposta: O Rio Grande do Sul é um formador de atletas de Futebol de Salão, todas as cidades tem um time forte nesta modalidade

Bons tempos que ficaram para trás e infelizmente não voltam mais!!!

LOJA ELETROMÓVEIS

Eu trabalhava no escritório de uma beneficiadora de arroz quando a Salete convidou o empresário Aníbal para jantar lá em casa, onde morava eu, o Cláudio, a Salete e o meu irmão mais novo, o Olavo “Ratão”. A ceia, ou jantar, é uma refeição na noite, normalmente a última do dia. Quase sempre os jantares são realizados para se desfrutar da companhia de amigos.

No caso da Salete, seria um jantar romântico, já que ela queria namorar o Aníbal. Quem apresentou os dois foi o Ratão, amigo dele. Eu o conheci naquela noite, que considero memorável, porque aquele jantar mudaria a minha vida profissional para sempre. Ali, fui convidado para trabalhar no crediário da Eletromóveis, de sua propriedade. No escritório da beneficiadora eu recebia dois salários mínimos da época, enquanto no novo emprego eu teria carteira assinada, receberia os mesmos dois salários, mas, com promessa de aumento em noventa dias. Não pensei duas vezes. Na mesma semana mudei de emprego.

Todos dizem que não existe amizade entre patrão e empregado. No máximo respeito e um pouco de puxação de saco. O vínculo patrão/empregado sempre tende a ficar forte após alguns anos de serviço. Mas, para que isso ocorra é necessário que o empregado seja eficiente e o patrão compreensivo. No meu caso as coisas aconteceram de forma abreviada. Tudo aconteceu muito rápido. Logo que assumi as minhas funções, caí nas graças do Aníbal e nossa amizade transcendeu ao nosso local de trabalho. Eu sempre separei as coisas. Nunca misturei profissionalismo com amizade. Amigos, amigos, negócios à parte. Aprendi, acho que com meus pais, a respeitar aquela linha tênue que delimita as atitudes do ser humano. Honestidade acima de tudo. Um pouco de sorte também. Há quem diga que a sorte é amiga inseparável da competência. Eu tinha dois meses de trabalho na Eletromóveis quando as coisas começaram a mudar para melhor.

Gerente é o indivíduo responsável pelo planejamento e controle da execução dos trabalhos de seus subordinados no dia a dia de uma determinada empresa. O Ricardo Tajujá era o gerente da loja. Um belo dia, ele chegou para o Aníbal solicitando a contratação de um cobrador, em virtude do grande

acúmulo de clientes inadimplentes. A minha mesa de trabalho ficava ao lado da mesa do chefe. Aguardei o gerente se afastar e fui falar com o Aníbal.

- Seu Aníbal, eu quero fazer as cobranças da Loja.

- Tu tens alguma experiência em relação a cobranças?

- Tenho, sim. Em Porto Alegre eu trabalhei na Auto Locadora Gaúcha, no departamento de cobrança e, antes, no Banco Safra, além de contínuo, auxiliava o pessoal da cobrança.

- Tu podes usar duas horas do teu trabalho para cobrar na rua. Chama o Ricardo.

Prontamente o Ricardo veio.

- Diga, seu Aníbal.

- Ricardo, a partir de hoje o Euclides é o nosso cobrador. Ele irá acumular os dois cargos.

- Não acho uma boa ideia. Ele não conhece as ruas da cidade.

- Ah! Ele pega um mapa da cidade e dá o jeito dele.

Assim, após esse pequeno impasse, ficou decidido que eu seria o cobrador da Loja, acumulando o cargo de cobrador com o cargo de auxiliar de crediário. Eu fazia as cobranças pedalando uma bicicleta. Além das duas horas diárias que me foram dadas para cobrar na rua, também saía para cobrar aos sábados à tarde e domingos pela parte da manhã. Fui tão bem sucedido no cargo de cobrador que ao término do primeiro mês, além dos dois salários pré-estabelecidos, recebi mais oito salários de comissão, totalizando dez salários mínimos. Cheguei à minha casa feliz da vida. Joguei o dinheiro em cima da cama sentindo uma sensação de alívio. Contei a grana várias vezes. Era o fruto do meu trabalho. Imaginei por horas como agir com aquele dinheiro. Uma coisa, porém, já estava decidida; separei dois salários para enviar à minha mãe, a quem sempre ajudei. Muitas vezes eu comprometi as minhas necessidades básicas, para manter o meu compromisso de filho. Porém, nunca havia conseguido estabelecer um valor fixo. Agora não, tudo seria diferente. As minhas condições financeiras me possibilitariam o envio de um valor fixo mensal. Sempre pensei que é obrigação dos filhos ajudar aos seus pais. Também, acho correto os pais ajudarem os filhos quando necessário. Uns ajudam mais, outros menos. No caso da minha mãe havia, também, a promessa feita ao meu pai antes da sua morte.

Não recordo bem, mas devo ter cobrado, utilizando a bicicleta, por uns seis ou sete meses, até adquirir uma moto. Quando eu comprei o meu primeiro transporte, além de não estar habilitado, não sabia como dirigir. Quem me ensinou a pilotar a moto foi o meu irmão, Fernando, à época, recém-chegado a Boa Vista. Logo que adquirimos a moto, era o meu irmão quem dirigia para mim. Para conduzir moto no Brasil, é necessário ter ao menos 18 anos de idade e possuir a Carteira Nacional de Habilitação de categoria A. Com a bicicleta aposentada, comecei a fazer as minhas cobranças de moto, mesmo sem possuir a carta de habilitação. Inúmeras vezes fugi dos policiais. Uma dessas vezes merece registro.

Blitz não tem aviso. Geralmente elas surpreendem os motoristas e são rigorosas. Eu escapei de várias, até que um dia trafegando na av. Mario Homem de Melo, sentido centro/bairro, avistei o pessoal do Detran. Meu conselho: nunca fuja de uma blitz. Você pode levar um tiro ou atropelar alguém. Sempre escutei esse aviso. Mas, na hora em que avistei os policiais, eu agi por instinto e dei meia volta. Não tinha mais como voltar e só havia duas alternativas: seguir em frente ou retornar pela calçada. Não pestanejei; dei meia volta, subindo na calçada. A manobra tinha tudo para dar errado, já que um policial notou o meu retorno. Ele subiu na moto e veio em minha direção. Como sempre acontece, nos momentos críticos da minha vida, o meu Anjo da Guarda estava de plantão outra vez. Retornei na contramão, por cima da calçada. Na primeira esquina, dobrei à direita, andei por uns cinquenta metros e, antes de o policial surgir na esquina, retornei em velocidade bem reduzida. Logo o policial dobrou a esquina em alta velocidade, sem se dar conta do meu retorno. Ele passou por mim como um bólido, para meu alívio. Com o coração na mão, segui em frente e fugi da blitz. Acho que não conseguiram anotar o número da placa da minha moto, porque nunca recebi qualquer tipo de notificação ou multa referente àquele incidente.

Outro nome que marcou a minha passagem pela Eletromóveis foi o do Antonio Carlos Mussum. Mas por outro motivo, que não a cobrança. Os cães são o nosso elo com o paraíso. Eles não conhecem a maldade, a inveja, ou o descontentamento. Liberdade, igualdade e solidariedade são sentimentos compartilhados por um cachorro vira-lata. A razão de eu gostar tanto do meu cachorro era porque, quando chegava à minha casa, ele sempre me recebia

com alegria. Ele estava sempre lá. Parece que sabia os horários que eu chegava e, ficava no portão me esperando. Era sempre uma festa. Uma festa que se repetia. Lembro o dia, em que eu fui presenteado com um cachorro de cor negra, tão negro que, em noites sem luar, ele não apareceria na foto. Passei duas semanas tentando colocar um nome que fosse do meu agrado, mas nada me agradava. Um dia, o meu vizinho Gilson Oliveira de Souza, chamou o meu cachorro de Antonio Carlos. Logo me deu um estalo, lembrando o comediante Mussum.

Finalmente o meu cachorro amigo seria batizado com o nome de Antonio Carlos Mussum. Ele não tinha raça, era simplesmente, um dócil vira-lata que cresceu e se tornou um grande parceiro. Ninguém acreditava que aquele cachorro, lindo e inteligente, não passava de um simples vira-lata. Todos os dias, quando eu me dirigia para o trabalho na Eletromóveis, ele me acompanhava até a primeira esquina. Só retornava para casa quando eu e minha moto sumíamos no horizonte. Todas as tardes, quando eu voltava para casa, ele estava de plantão, aguardando o meu regresso. Era só eu descer da moto para ele pular no meu colo, muito feliz. Eu adorava quando ele me distraía com as suas travessuras. Até que um dia... Como ele fazia todos os dias...

Enquanto me aguardava na rua em frente à nossa casa, um caminhão, em alta velocidade, atropelou o meu amigo e ele morreu instantaneamente. Com ele foi um pedaço do meu coração e a certeza que eu e o Antonio Carlos Mussum, juntos, nunca mais cruzaremos a ponte do arco-íris. Em memória, nunca mais eu quis ter outro cachorro. Resta-me a certeza que o meu amigo estará em algum portão lá no infinito, que eu desconheço, aguardando a minha chegada. Vamos fazer uma festa.

Houve uma ocasião em que tive que sacanear o meu patrão. Inventei uma mentira para ir namorar a garota que viria a ser, no futuro, a grande paixão da minha vida. Final de expediente. Hora de ir para casa. Porém, antes de me retirar, fui falar com o chefe.

- Seu Anibal, eu posso chegar mais tarde amanhã? Eu tenho uma consulta médica agendada para o primeiro horário.

- Ok, liberado.

A paixão é uma emoção de ampliação quase patológica. O sujeito acometido da paixão perde a sua individualidade em função do fascínio que o

outro ser exerce sobre ele, perdendo também a sua identidade e o seu poder de raciocínio. No dia seguinte, logo cedo, antes de abrir o comércio, eu peguei a gata, com o coração acelerado e rumamos, os dois, em busca da felicidade. De moto, fomos até a praia do Caçari. Chegando lá, toda a minha atenção foi voltada para a parceira, admirando-a de camarote, aquela beleza feminina na plenitude da sua juventude. Com as mãos suadas e trêmulas iniciei as primeiras carícias. Antes de relaxar, ainda senti um friozinho na barriga. Ficamos duas horas curtindo aquela praia deserta. Ao retornar para a cidade, eu estava completamente apaixonado por aquela menina. A minha felicidade era inteiramente correspondida.

Existem pesquisas científicas que mostram que a paixão, apesar de intensa e arrebatadora, é um sentimento passageiro. Estima-se que não dura por muito tempo. Já o amor tem o sentido de gostar muito. Um amor apaixonado, fundamentalmente, é baseado na aparência física e no grau de romantismo intenso. Finalmente, além de apaixonado, eu estava amando de verdade.

Cheguei à Loja por volta das dez horas e fui recebido pelo meu querido chefe.

- Como foi à consulta?

- Nada grave, o médico pediu um hemograma completo e um exame de fezes.

Eu estava bem. Estava pronto para jogar futebol pela equipe da Loja.

Futebol de Várzea é uma denominação brasileira, convencionada ao futebol praticado de forma amadora e organizada. Antes do meu ingresso no quadro de funcionários da Eletromóveis, o Aníbal nem sonhava em colocar uma equipe de futebol para representar a sua Loja nas competições amadoras. Torcedor apaixonado do Vasco da Gama, ele costumava acompanhar os jogos do seu time pela televisão, vibrando muito com os gols do seu ídolo, Roberto Dinamite. Na década de 80, o futebol amador de Roraima vivia um momento esplendoroso. A principal competição de Boa Vista era coordenada, com muita competência, pelo velho Gercino Nascimento, um homem apaixonado pelo esporte amador, funcionário do governo do estado. Era ele quem organizava os eventos esportivos no parque Anauá. Um dia, surgiu a oportunidade de inscrever uma equipe com patrocínio da Eletromóveis, para disputar os torneios amadores no parque Anauá. No início, o Aníbal relutou em colocar o time da

Loja na disputa de torneios amadores. Só depois de muita insistência dos atletas da Loja ele concordou em inscrever a equipe.

À medida que íamos vencendo, ele foi tomando gosto pela competição, dando todo apoio necessário. Antes da fase decisiva do campeonato, eu pedi o meu desligamento da Federação Roraimense de Futebol, para poder disputar o restante da competição, defendendo as cores da Eletromóveis. No fim da primeira fase, duas equipes se habilitaram pra disputar o título: Eletromóveis e Loja do Papai. Esta era formada por atletas veteranos, oriundos do futebol federado, como Chico Roberto, Caetano e vários outros.

Os números eram todos favoráveis à nossa equipe. Primeiro, tivemos a melhor campanha. Depois, nossa equipe jogava bem compactada em todos os seus setores. O nosso favoritismo saltava aos olhos, além de contarmos com um treinador qualificado e estrategista, o saudoso Tracajá.

Finalmente, chegou o dia da grande decisão. O Aníbal contava como certa a vitória da sua equipe, ao ponto de preparar a festa antes do início da partida. Ele mandou carnear um boi da própria fazenda para o churrasco. Também colocou a cerveja para gelar. Tinha tanta confiança na vitória que contratou um conjunto de pagode para animar a torcida na beira do campo.

No início da partida e, até a metade do primeiro tempo, o domínio do time da Eletromóveis era gritante. Perdemos várias oportunidades de marcar; algumas, por detalhe, não se converteram em gol. No segundo tempo, as coisas mudaram de figura. Prevaleceu aquela máxima do futebol: “Quem não faz, leva”. No final do jogo, o placar acusava 4 a 1 em favor da Loja do Papai. A frustração e o desânimo eram visíveis no semblante do nosso chefe, e dono do time, o Aníbal Pereira de Lucena.

O time da Eletromóveis era formado, na sua maioria, por atletas amadores, que não faziam parte do quadro de funcionários da Loja. Destaque para aqueles que me vem à memória agora: Pacuíno (In memoriam), Chiquinho, Geraldo, Fernando, Edson Bittencourt, Genival, Emilio Ioris, Dedeco (In memoriam), Paulo, Wanderlino e Clóvis Ioris.

Já os atletas que trabalhavam na loja eram minoria: eu, o Sergio Ioris, Olmir Ioris e o Aníbal. O chefe era uma comédia. Não jogava nada, mas sempre entrava alguns minutos, quando a vitória estava garantida. Era a forma de agradá-lo e, por tabela, uma bela puxação de saco. O patrão merecia.

Ao término do primeiro campeonato disputado pela Eletromóveis, muitos apostavam que o Aníbal, em virtude daquele fracasso, pudesse tirar o time de campo. Impossível, para um guerreiro e empresário bem sucedido como era o nosso chefe. O bom líder é aquele que vê potencialidades nos outros. Ele sempre foi mestre na observação e fez daquele fracasso, por ser altruísta, uma das etapas para atingir o sucesso no futuro. Vendo o empenho e a paixão do nosso líder, só restava a nós, atletas, redobrar esforços para fazer o nosso melhor, sem olhar para trás. Visualizar o futuro, criando expectativas para um projeto vitorioso. A história da Eletromóveis, no Parque Anauá é longa e teve uma série de reviravoltas, mas pode ser resumida assim: a equipe de futebol da Eletromóveis, nos cinco anos em que eu joguei lá, venceu a maioria dos títulos disputados, com destaque para última taça levantada.

Corria o ano de 1986. Com boa estrutura e grande apoio do nosso líder, uma equipe quase imbatível, vencemos o campeonato de ponta a ponta. Foram 26 partidas invictas! Na ocasião, eu marquei 64 gols, com média de mais de dois gols por partida. Naquela equipe vitoriosa, havia atletas experientes e alguns já veteranos, com destaque para o velho Roberto, ex-Baré. O Roberto era exímio lançador e todo jogo me colocava inúmeras vezes na cara do gol, como se diz no mundo da bola, com seus lançamentos precisos. Também batia faltas com grande maestria. Destacaram-se, ainda, o meu irmão, Fernando e, o saudoso engenheiro Paulo Carmelita (In memoriam). Eram dois xerifes cuidando da nossa zaga. Do goleiro, a ponta esquerda, todos sabiam o que fazer quando de posse da bola. O time principal atuava da seguinte maneira: Carlão no gol; os dois laterais eram o Massa e o Pacuíno; a dupla de zaga com o Fernando e o Carmelita; no meio campo atuavam o Ruimar (In memoriam), o Geraldo e o Velho Roberto; no ataque, Odílio na ponta direita, eu de centro avante e, o coronel Dias na ponta esquerda. Tínhamos um ataque avassalador. Odílio, com seus cruzamentos precisos, e o Dias, sempre entrando em diagonal, para completar as jogadas. Além das muitas e repetidas assistências, ele também sabia fazer gols.

Nunca mais o Aníbal contou vitória antes do fim das partidas. Primeiro vamos ganhar, depois comemorar. Aquele primeiro desastre foi um aprendizado para o dirigente que soube, como ninguém, dar a volta por cima e se tornar o maior vencedor do futebol amador de Boa Vista de todos os tempos.

Também participaram daquela equipe vencedora o Rubem Bento e seu irmão Barac. Eles entravam no decorrer das partidas e eram uma espécie de curingas do time.

A maior parte dos funcionários da Loja era de solteiros e mulherengos, começando pelo chefe, que adorava um rabo de saia. Mulherengo é o cara que é doente por mulher, que fica com umas e outras e demonstra isso sempre que pode. Houve uma ocasião em que o Elton desconfiou que alguém da Eletromóveis tinha um caso com a sua esposa. O Elton era funcionário do Bradesco e todos os dias, no final do expediente, vinha buscar o dinheiro arrecadado. Como lidar com crise no casamento? Não sei. Mas, sei que o Elton não conseguiu manter um relacionamento duradouro no seu casamento. As coisas já eram complicadas lá no sul. As brigas com a esposa, segundo alguns confidentes, eram constantes, vivendo dentro do lar um sofrimento intenso, com discussões diárias. Um dia, sem comunicar a esposa, conseguiu transferência para trabalhar no Banco Bradesco de Boa Vista. Três meses após a fuga estratégica, a sua esposa, Carla, descobriu o seu paradeiro e, veio de Porto Alegre para Boa Vista, ao encontro do marido fujão. Alugaram uma casa ao lado da Eletromóveis. Enquanto o Elton trabalhava, a sua esposa ficava se insinuando para a moçada que trabalhava na Eletromóveis. Aparecia sempre vestida com trajes chamativos ou de minissaia. Os boatos na época eram fortes, mas eu nunca tive notícias que alguém da nossa turma tenha saído com a mulher do Elton. A reconciliação dos dois durou só noventa dias, já que as brigas entre eles eram diárias. Aproveitando uma passagem aérea ganha em sorteio interno do Banco, o Elton conseguiu se livrar da Carla. Era o fim do casamento entre os dois. Só que até hoje o Elton desconfia que alguém da Loja, teve um caso com a Carla. Eu continuo achando que não.

Tudo eram flores na Eletromóveis, até pintar o Plano Cruzado. Era um conjunto de medidas econômicas, lançado pelo governo brasileiro, em 28 de fevereiro de 1986. Foi o primeiro plano econômico nacional em larga escala desde o término da Ditadura Militar. Foram implantados conjuntos de medidas que afetaram a maior parte da população brasileira. Algumas medidas adotadas pelo governo Sarney atingiram o meu departamento. Dentre elas o congelamento de preços de bens e serviços e a redução gradativa das taxas de juros vigentes na época. A taxa de juros cobrada pela loja era de 10% ao mês, e

a minha comissão pelo trabalho de cobrança era de 4%. À medida que os meses iam passando, minha comissão ia diminuindo, gradativamente. Esperei chegar o mês de novembro para conversar com o meu chefe, sobre aumento de salário.

- Seu Aníbal, o meu salário caiu pela metade, em função do Plano Cruzado. Por esse motivo, estou pedindo um aumento salarial.

- A situação não está bem para ninguém. Passamos por uma transição econômica, o que impossibilita qualquer tipo de aumento salarial, - argumentou ele.

- Quem sabe poderíamos mudar a forma de calcular a minha comissão de cobrança? - Argumentei.

Utilizei de todos os métodos possíveis tentando sensibilizar o meu chefe, mas infelizmente, o aumento foi negado. Naquele dia, voltei para casa frustrado e pensativo, tentando desenrolar a enrascada. No dia seguinte, decidi sair, em caráter irrevogável.

Cheguei à Loja, sentei em frente da mesa do meu chefe, meu amigo, meu companheiro de tantas jornadas e, com as mãos trêmulas, entreguei a minha carta de demissão. À medida que o Aníbal lia a carta de demissão, suas feições iam mudando ao ponto de perder a fala por alguns segundos. Dei baixa na minha Carteira de Trabalho no dia 30 de novembro de 1986, recebendo todos os meus direitos trabalhistas.

O meu vínculo de trabalho com a Eletromóveis tinha acabado para sempre... ou não. Eu saí da Loja, mas continuei tendo grande apreço e admiração pelo meu ex-chefe. Todos sabem que o mundo dá muitas voltas. No dia 2 de março de 1992, fui convidado para trabalhar outra vez no departamento de cobrança da Eletromóveis, agora no cargo de cobrador externo. O meu escritório era na minha própria casa, já que, na época, eu acumulava outras atividades.

Tudo ia bem novamente até que, um dia, as luzes se apagaram e a Eletromóveis encerrou as suas atividades. O Aníbal deixou de ser empresário do comércio para se dedicar as atividades agropecuárias. A minha carteira de trabalho deu baixa definitiva como funcionário da Eletromóveis no dia 16 de abril de 1996. Agora, sim, é definitivo, podem apagar as luzes, a Eletromóveis não existe mais.

Espero que esta singela história, perpetue uma grande empresa, um grande empresário e os nomes que por aqui desfilaram. Espero que um dia, as páginas amareladas deste livro, mantenham vivas as histórias e as pessoas que viveram num tempo que não tem volta.

ARTES DO OLAVO RATÃO

Eu aprontei muito na minha infância, mas nada se compara ao sacana do meu irmão Olavo Ratão (In memoriam). A seguir vou relatar algumas de suas travessuras. Em casa todos me chamavam de Clides. Lá vinha meu irmão:

- Clides, eu encontrei um ótimo lugar pra roubar balas e bombons.

- Sério! Me conta onde é?

- Na loja do Cláudio Seibel. A chance de sermos pegos no furto é quase zero.

O meu irmão tinha razão, já que a loja era dividida em dois espaços, um maior onde ficavam roupas, tecidos e miudezas, e outro espaço menor, onde ficavam os produtos comestíveis. A concentração dos vendedores se dava na parte superior da loja, facilitando a nossa tarefa. Eram duas entradas, uma em cada espaço. Eu entrei na porta das miudezas e como não havia ninguém, logo ataquei o pote das balas e dos bombons, enchendo um bolso com as guloseimas. Logo após o furto apareceu uma pessoa para me atender. Pedi um quilo de arroz, compra solicitada pela minha mãe. Depois saí de fininho para não deixar nenhum vestígio.

Noite fria, um frio de lascar, quando minha mãe me acordou assustada e apreensiva. Com certeza os termômetros deviam marcar algo em torno de zero grau naquela madrugada.

- Clides, levanta e vai procurar o teu irmão!

- Procurar onde a esta hora da madrugada?

- Anda, levanta, estou com um mau pressentimento.

A contragosto me levantei da cama para ir atrás do meu irmão, Olavo Ratão. Eu tinha dezesseis anos na época e o meu irmão quatorze. Cheguei lá fora e me deparei com uma geada intensa, enfeitando a paisagem e, de cara avistei o Ratão deitado na grama do jardim, completamente bêbado, já quase

em estado de coma. Sem perda de tempo arrastei o meu irmão até o banheiro, a fim de reanimá-lo com um banho quente. Minha tática deu certo e aos poucos o meu irmão voltou a si, saindo do estado crítico em que se encontrava.

Naqueles tempos de inverno, com geadas intensas, as madrugadas tornavam-se mais geladas e, se não fosse à intuição da minha mãe, fatalmente, o meu irmão teria amanhecido sem vida, com hipotermia.

Ananás e abacaxis são plantas símbolo das regiões tropicais e subtropicais. A parte comestível do abacaxi é a parte do miolo, suculenta, contendo açúcar e vitamina C. Sensível ao frio, mas resistente às secas.

Dia muito chuvoso. Era a época do verão. Eis que surge um caminhão repleto de abacaxis, um mais bonito que o outro. Sempre que aparecia uma novidade na Vila de Selbach, era uma festa para aquela população, quase na sua totalidade, de origem alemã. E, para a turma da malandragem não era diferente. Naquele dia o nosso bando estava composto por cinco elementos. Todos estavam loucos para aprontar uma sacanagem. Guri de interior não vive sem elas. O motorista do caminhão caiu na besteira de convidar a nossa galera para auxiliá-lo na venda dos frutos. Mal sabia ele que naquela gangue ninguém valia uma moeda furada. Cada um de nós, conforme o combinado, receberíamos três abacaxis do motorista a fim de auxiliá-lo nas vendas. Foi isso que pensou o motorista do caminhão. Ocorre que, no meio do caminho, o João Williat teve uma daquelas ideias brilhantes.

- Que tal a gente dar o cano no cara e comer os frutos?

Achei a sugestão do João sensacional e que, de imediato, teve a aprovação do resto da turma. Nosso bando era composto por cinco elementos: eu, João Williat, Valdir Hansen, Olavo Ratão e Ademir Cornelli. Uma chuva fina teimava em cair naquela manhã de verão, quando chegamos ao sítio do João, localizado na entrada da Vila, sentido Sul. O relógio da parede do sítio marcava dez horas da manhã. Chegamos a fim de saborearmos os frutos desviados. Passamos o resto da manhã comendo abacaxis e contando causos. Ficamos escondidos na propriedade dos pais do João até às 16h e, com a diminuição da chuva, saímos do esconderijo em direção ao centro da Vila. Chegando lá, tivemos a confirmação da partida do caminhão. Caminho livre para retornar a nossa rotina.

Aniversário é a repetição do dia e do mês em que se dá determinado acontecimento, como o nascimento de alguém. Agora imagina você comemorar um aniversário de mentirinha. Foi o que aconteceu comigo, por culpa do meu irmão, Olavo Ratão. Sexta feira, final de expediente e lá vem o Ratão com suas ideias mirabolantes:

- Conheci umas gatas, uma mais linda que a outra e eu falei para elas que amanhã é o teu aniversário.

- Que brincadeira de mau gosto é essa. A minha estreia no mundo aconteceu no mês de fevereiro e nós estamos em junho.

- Agora já está feito. Vamos preparar uma festinha para comemorar a data e vai ser amanhã à noite.

O meu irmão adorava uma mentira. Naquela tarde, ele pegou o carro da empresa Agromac, em que trabalhava como vendedor de produtos agrícolas e foi passear com um bocado de garotas, lotando o veículo com a mulherada. Primeiro ele mentiu que era sócio da empresa em que trabalhava. Depois mostrou uma mansão dizendo ser de sua propriedade. Logo uma das garotas questionou:

- Por que tu moras em uma casa simples, se tu tens uma casa linda ao teu dispor?

- Acontece, garota, que eu não gosto de solidão e o meu irmão é bem caipira, pouco afeito a luxos. Assim, prefiro morar com o mano e deixar a mansão alugada.

O meu irmão passou uma temporada em Boa Vista, menos de um ano talvez, aplicando das suas na moçada de Roraima, quando resolveu mudar de ares e tentar a sorte em Porto Velho, capital de Rondônia. Lá também teve um comportamento descompromissado, conforme a sua personalidade, aplicando algumas travessuras, ao ponto de ser expulso da cidade pelo pai da mulher que viria a ser a mãe do seu primeiro filho. Quando o pai da garota ficou sabendo que a sua filha estava grávida, esperando um filho do Olavo Ratão, jurou o meu irmão de morte. Assustado, o Ratão teve de fugir de Porto Velho, retornando a sua terra natal, para agitar a vida dos meus irmãos, que ainda residiam em Selbach.

Numa certa noite o Ratão foi até o bar do Neco, a fim de beber umas e outras. Lá chegando, pediu um copo de caipirinha. Depois pediu outro copo da mesma bebida. É recomendável consumir álcool devagar e com moderação. Porém, algumas circunstâncias mudam o rumo dos fatos. Foi o que ocorreu com o meu irmão naquela noite. Ficou bêbado rapidinho, provocando um alvoroço dentro do bar. Valente, começou a perturbar a ordem, derrubando mesas e cadeiras. A única alternativa encontrada pelo dono do bar foi chamar o policiamento para retirar o meu irmão do recinto. Já na delegacia, começou a insultar o delegado, sendo, por esse motivo, trancafiado em uma cela nos fundos da delegacia. Revoltado, o Ratão não parava de falar palavras de baixo calão, insultando os homens da lei, até chegar o meu irmão Beto, que para sorte do Ratão, era amigo do delegado. A ideia do delegado era lavrar o flagrante e deixar o arruaceiro preso, mas ao saber de quem se tratava a figura, relaxou a prisão e o Ratão foi solto. Mesmo em liberdade não parava de insultar o delegado e os soldados que efetuaram a sua prisão.

Passados alguns dias do reboiço provocado pelo Ratão na delegacia, eis que ele apronta mais uma das suas. Desta vez a vítima foi a minha irmã, Maria.

Ele chegou como chegam os falsários, de mansinho, tentando surrupiar a Maria.

- Mana, me arranja um troquinho para comprar cigarro.

- Estou lisa, não tenho nem um centavo aqui comigo.

- Me arranja uma folha do teu talão de cheques, amanhã eu te devolvo o dinheiro.

A Maria relutou em emprestar o cheque, mas de tanto o Ratão insistir acabou cedendo, mesmo ciente que corria um grande risco.

No dia seguinte o meu irmão levantou cedo e viajou para o Estado do Paraná, a fim de comprar uma carrada de estrume, encomenda solicitada por um agricultor da região, já que o Ratão trabalhava com compra e venda de estrume. Os dias foram passando e o meu irmão sumiu da área. A Maria não lembrava mais do episódio do cheque, até que um belo dia o danado deu o ar da sua graça.

De posse do cheque, o Ratão utilizou o mesmo para efetuar a compra do estrume, e quando o cheque bateu no Banco foi imediatamente devolvido por insuficiência de fundos. Dias depois o cheque foi reapresentado, chegando ao conhecimento do meu irmão Carlos Humberto, funcionário do Barrisul, na época. A Maria teve de fazer um empréstimo bancário para cobrir o valor do cheque para evitar que o seu nome fosse para a relação dos clientes devedores. Dividiu o financiamento em várias parcelas. Após, mais esta presepada, o Ratão não apareceu mais na cidade de Selbach, migrando para o estado do Pará, onde fixou residência na capital, Belém.

Em Belém, o Olavo Ratão deu uma acalmada, parando momentaneamente de enganar as pessoas, montando uma empresa de dedetização, conseguindo fechar alguns contratos de grande porte. Teve uma ocasião em que ele deu a maior sorte na hora de receber o pagamento por um serviço prestado. Foram dedetizados os prédios em que o Vivaldo Barbosa (Biba), era o encarregado de efetuar os pagamentos. O Biba é cunhado do meu irmão Fernando e irmão mais velho da Heloísa, esposa de Fernando. Na hora de preencher o cheque nominal a José Olavo Junges, o sobrenome Junges chamou a atenção do Biba, sobrenome pouco comum aqui no Norte do Brasil. Mesmo sobrenome da família do Fernando, seu cunhado. Sem perda de tempo pediu para sua secretária encaminhar o Ratão até a sua sala.

- O senhor conhece o Luís Fernando Junges, de Boa Vista?
- Claro que conheço, é meu irmão.
- E eu sou irmão da Heloisa, esposa do Fernando.

Ao saber da novidade o Olavo logo ficou empolgado, bem costumeiro partindo dele. Com a novidade, logo se tornaram amigos, e assim, aos poucos, o Biba foi conhecendo o lado divertido e também o lado enrolado do meu irmão, ao ponto de propor regras para lidar com as espertezas do Olavo: "Amigos, amigos, negócios a parte".

A cidade que ele escolheu para viver, foi onde ele perdeu a vida.

Certo dia ele perdeu o controle de seu carro, batendo em uma árvore no canteiro central de uma grande avenida, dentro da cidade de Belém.

O corpo ficou preso nas ferragens, sendo retirado já sem vida por populares, com auxílio do pessoal da ambulância. Há suspeita de que ele

estaria dirigindo em alta velocidade, e com um agravante, chovia na hora do acidente.

Eu e o Fernando estivemos em Belém para dar o último adeus ao nosso irmão Olavo Ratão, meu companheiro de travessuras da infância e responsável pela minha vinda para Boa Vista. Logo após o enterro do meu irmão, dois fatos me marcaram para sempre, um dito pelo seu filho Diego, ainda no Campo Santo:

- Que chato isso, tio.

Guardo comigo, até hoje, o olhar triste do meu sobrinho.

E o outro comentário, esse mais profundo, foi dito pela sua cunhada, logo após o enterro, já chegando à sua casa:

- Era um homem bom, todos que o visitavam sempre eram recebidos com um prato de comida.

Na hora os meus ouvidos se alegraram com aquela revelação, e os meus olhos brilharam quando olhei para o lado e vi a sua sogra concordando com um leve balançar de cabeça. Uma lágrima teimosa rolou no meu rosto, como sendo a lembrança definitiva do meu irmão, Olavo Ratão.

Ele havia se tornado um homem bom.

MEU AMIGO JUCA

Três Passos/RS é a terra da minha mãe e da família Thomaz, de onde eu saí com três meses de idade. Todos os anos, nas minhas férias de verão, eu voltava à cidade para curtir o período, na companhia dos meus pais. Sempre ficávamos hospedados na casa da minha avó. As avós são fundamentais e inesquecíveis na vida de qualquer neto. Hoje, as lembranças tomam conta da minha memória e tem um impacto muito forte, principalmente ao lembrar-me da minha avó materna, Berta Thomaz.

Sempre tinha um sorriso no rosto. Lembro-me, também, dos seus conselhos, cheios da sabedoria que a vida lhe ensinou. E o que dizer dos seus dotes culinários? Biscoitos, bolos, cucas, que ela preparava sempre com muito carinho para agradar aos seus netos. Foi através da minha avó que eu conheci o Juca, um grande amigo que a vida me deu, apesar da diferença de idade.

Quando nos conhecemos, eu tinha doze anos e ele, quinze. Eu sempre tive o Juca como meu ídolo. Todas as manhãs, nós íamos buscar pasto para alimentar as vacas leiteiras. Nosso transporte era uma carroça, puxada por uma junta de bois. Além do pasto, trazíamos também melancias, laranjas e limões. A distância da casa do Juca até o local da pastagem era de dois quilômetros mais ou menos. No retorno para casa, ele pedia para conduzir a carroça e comandar os bois. Sempre a mesma rotina. Íamos ouvindo o canto dos pássaros e sentindo o cheiro do verde das matas. Eu gostava do jeito alegre do Juca viver a vida, sempre com uma palavra engraçada na ponta da língua. Na parte da tarde, batíamos uma bolinha na frente da casa dele. Naquela época eu já tinha um bom domínio de bola, ao contrário do Juca, que usava o seu avantajado físico para neutralizar as minhas jogadas.

O tempo passa, a gente cresce e um dia chega a hora da despedida. Em 1970, no início de janeiro, tive o último contato com o Juca. Mal sabia eu que aquela seria uma despedida derradeira. Após completar dezoito anos, me mudei para Porto Alegre e, posteriormente, para Boa Vista. Já em Roraima, fiquei sabendo que o Juca havia se mudado para São Leopoldo, cidade próxima a Porto Alegre.

Para mim, o tempo nunca passou. Só a saudade faz as coisas pararem no tempo. Pode-se ter saudade dos bons tempos, mas nunca fugir do presente. O meu presente era trabalhar e progredir na vida. Eu tenho certeza que o Juca buscava as mesmas coisas. Um dia, uma viagem...

Seria a viagem derradeira. A maior viagem que um ser humano pode empreender é a viagem sem volta. Um dia, todos nós iremos partir para um lugar distante. Talvez o fim de uma história seja o início de outra. Há tantas coisas tristes e inevitáveis nessa vida. Vivemos na certeza das incertezas, tendo apenas como certo a chegada do outro tempo. Foi assim com o Juca, deixou a nossa cidade por outra, repentinamente, deixou o nosso mundo por outro.

Vinha o Juca distraído pelas ruas da cidade. Mas, ao atravessar uma via de grande movimento foi atingido por um ônibus, que vinha em alta velocidade. Morreu ali. Uma senhora, sem saber que ele já estava em outro estágio, ficou protegendo o corpo, para que os carros pudessem passar sem atropelar

novamente o meu amigo. Embora já não precisasse mais, o socorro esperado não veio com a pressa que aquela senhora desejava. Quando o socorro chegou, já era tarde. O Juca não estava mais ali.

Recebi a triste notícia da morte do Juca por um primo que mora em Três Passos.

De repente, eu lembrei do sorriso do Juca. E aquele riso me transportou para um tempo sem volta. Ouvei o barulho do velho carro de boi carregado de capim. Senti a mesma brisa dos finais de tarde. Vi o mesmo sol que avermelhava a imensidão das lonjuras. Olhei para além do horizonte e só encontrei as minhas lembranças. Belas recordações do amigo que eu idolatrava. De repente, aquele riso imaginário, passou a ser o meu próprio riso. Era um riso saudoso, que lembrava o meu parceiro envolvido em seus próprios sonhos. O Céu está mais feliz. O infinito mais iluminado. Num certo dia, o riso fez-se o pranto. Lágrimas silenciosas rolaram pelo meu rosto. Lágrimas de saudade do meu amigo Juca. O Juca partiu, partiu para sempre. Levou com ele uma história que foi escrita com a caneta do passado, para reescrevê-la nas páginas brancas das lonjuras. Às vezes penso que o Juca está sentado lá num cantinho do céu proseando com a vovó Berta.

A vida continua. O tempo prossegue. Os dias vão passando. Aos poucos, fui aceitando a cruel realidade. A verdade doída e sofrida das perdas. A angústia das ausências.

Eu precisava encontrar uma forma para homenagear, de maneira marcante, o meu amigo. Mas, não sabia como. Um dia ocorreu-me uma ideia. Eu já sabia como homenageá-lo. A partir daquele dia eu também me chamaria Juca. Esta era a homenagem derradeira que eu poderia lhe render. A ideia deu tão certo que, hoje, passados tantos anos da morte do amigo, todos que me conhecem me chamam de Juca, inclusive os meus familiares.

ASSALTO AO BANCO DO BRASIL

Quadrilhas, ou gangues, são denominações atribuídas a grupos de pessoas que têm por objetivo práticas criminosas ou atividades ilegais. Um grupo de ladrões ou de salteadores tem uma posição de subordinação a um determinado e respeitado chefe. Normalmente os ladrões de bancos são perigosos, violentos e letais. Matam com facilidade. São inescrupulosos.

Rorainópolis é uma cidade pacata, situada na Região Sul do Estado de Roraima, próxima à Reserva Waimiri-Atroari, que faz parte também no Estado do Amazonas. Toda tranquilidade daquele lugar foi quebrada no dia 6 de agosto de 2007. Eram exatamente 8h da manhã quando o Banco do Brasil foi assaltado por três marginais fortemente armados. As Polícias, Civil e Militar, fizeram uma varredura na Região Sul do Estado para capturar os três assaltantes do Banco. Por volta das dezesseis horas, a Polícia Rodoviária Federal do Amazonas anunciou a prisão de três homens, suspeitos de serem os assaltantes do Banco. Em poder deles foi apreendida grande quantidade de dinheiro em espécie.

Os fatos relatados a seguir ocorreram algumas horas após o assalto ao Banco.

O Dinho, o Zé Neguinho e eu, estávamos no lugar errado e na hora errada. Dinho é um grande amigo meu. É companheiro de todas as horas. Um belo dia ele liga me convidando para ir com ele até a cidade de Manaus, a fim de comprar um apartamento. A viagem seria de carro particular. Combinamos sair logo na manhã do dia seguinte. O dia amanheceu. Algumas poucas nuvens enfeitavam o céu azulado da Amazônia. Antes de clarear o dia, pegamos a estrada. Logo na saída da cidade, o primeiro obstáculo. Porcos. Porco é a denominação vulgar dada às diferentes espécies de mamíferos (Artiodáctilos), não ruminantes, a que pertence o porco doméstico. Um conjunto de porcos se chama vara. Domesticados, os porcos são criados para fins de abate.

De repente, uma vara de porcos surge do meio do matagal, atravessando a estrada, colidindo de frente com o nosso carro. Descemos para ver o estrago causado pela imprudência dos porcos. Felizmente, o estrago foi só no parachoque. O Dinho e o Zé conseguiram amarrar a peça danificada com o auxílio de um pedaço de arame. Carro consertado, hora de seguir adiante.

Antes de retornarmos à viagem, tivemos que ouvir um comentário do Zé Neguinho: - Atropelar porcos dá um azar danado!

Logo chegamos à cidade de Mucajaí, distante 50 km de Boa Vista. Paramos para fazer um lanche. Antes do desjejum, o Zé percebeu que o Dinho havia vestido a camisa do lado avesso e comentou:- Vestir a camisa virada dá um azar!

Quando entramos na Reserva Indígena o Dinho passou o volante para o Zé Neguinho dirigir um pedaço.

Os Waimiris-Atroaris são um grupo indígena que habita o sudeste de Roraima, e o nordeste do Amazonas. Eles pertencem a uma etnia do ramo lingüístico Karib. Quando chega o anoitecer, a reserva por onde a rodovia passa, é interdita até às seis horas da manhã do dia seguinte. Só passam ônibus e ambulâncias. Os índios impedem a passagem de outros veículos. O tal direito de ir e vir é inexistente naquela localidade. Eles mandam.

O dia ainda amanhecia quando o carro com o Zé no volante caiu em um buraco da estrada. O radiador foi danificado. O Dinho dormia na hora do acidente. Com o impacto, foi jogado de encontro ao teto do carro, batendo levemente a sua cabeça. Quando chegou a ajuda, já passava das onze horas. Levamos o carro acidentado em cima de um caminhão baú, que seguia em direção a Manaus. Logo em seguida surgiu, uma F-250 de cor preta. No primeiro momento, o motorista relutou em dar carona. Após muita insistência, ele concordou em acomodar-nos na carroceria da camionete.

Já passava um pouco do meio-dia quando o motorista da camionete resolveu parar na fazenda de um conhecido seu. Enquanto almoçávamos com o pessoal da fazenda, o Dinho avistou o caminhão baú e deu um grito:

- Olhem lá o caminhão passando com o meu carro na estrada.

- Fique calmo - retrucou o motorista da camionete. Ele deve parar para almoçar e a gente o alcança.

Quando nós chegamos à barreira policial, já próximo à cidade de Manaus, a notícia do assalto ao Banco de Rorainópolis corria solta. A essa altura, todos comentavam o acontecido, inclusive os Policiais Rodoviários. O clima ficou pesado com a abordagem da Polícia. Primeiro, autuaram o motorista da

camionete, já que no Código de Trânsito é proibido transportar passageiros na carroceria dos carros. Depois, um policial perguntou para o Dinho:

- Vocês vão para onde?

- Estamos indo para Manaus. O meu carro quebrou no caminho e tivemos que pegar carona com o seu José, na carroceria da camionete.

Todas as alternativas possíveis passaram pela minha cabeça no momento da abordagem. Pensei com os meus botões: “estamos fritos”.

- Vocês não podem viajar na carroceria da camionete. Eu estou indo para Manaus e vou levar vocês na viatura.

O Dinho subiu na camionete, para pegar a sacola com a grana que levava para comprar o apartamento, acompanhado pelo olhar do policial.

- Alto lá... O que tem dentro dessa sacola? Eu vou dar uma olhada. Assim que abriu a sacola encontrou o dinheiro que o Dinho levava. Dinheiro dele, é claro. Porém, o policial não entendeu assim. Procuravam alguém que transportasse muito dinheiro. Alguém que estivesse fugindo para Manaus. Alguém que tivesse roubado o Banco de Rorainópolis. Na ótica daquele policial, preenchíamos todos os quesitos. Que situação! O Dinho gelou, eu também gelei e o Zé Negão ficou branco. Ao avistar a grana, concluiu que era o dinheiro roubado e, que, nós éramos a quadrilha procurada. Deu voz de prisão ao Dinho.

- A casa caiu!, - gritou a autoridade. Confessem logo que será melhor para vocês.

- Confessar o quê? Nós nem sabíamos do assalto ocorrido contra o Banco do Brasil de Rorainópolis. Eu sou um empresário honesto, - argumentou o Dinho. Esse dinheiro é para comprar um apartamento em Manaus.

- Deita no chão! Deita no chão! Mandou o policial, - agora, cheio de razão.

Logo chegou outro policial, com a arma na mão, aos gritos:

- Pegamos os ladrões, pegamos os ladrões do Banco!

O tumulto foi grande. Nós estávamos sem entender nada daquilo que estava se passando. Antes de levarem o meu amigo preso, ele conseguiu que liberassem eu e o Zé Neguinho, assumindo sozinho a bronca da grana. Aliás, não havia bronca nenhuma, pois a grana lhe pertencia. Estávamos indo a Manaus comprar um apartamento. Dinheiro lícito.

Enquanto o Dinho era algemado e preso, eu e o Zé conseguimos uma carona até Manaus. Quando chegamos à entrada da cidade avistamos o caminhão com o carro, estacionado no pátio de um posto de gasolina. Nossa primeira tarefa em Manaus era consertar o carro danificado para retornarmos, com segurança, para Boa Vista. No dia seguinte, antes de voltarmos para casa, era necessário contratar um advogado com experiência em casos semelhantes, para cuidar da defesa do Dinho. Para os verdadeiros réus existem Leis que acusam, prendem ou absolvem. Para inocentes, e era o caso do Dinho, não há Leis. Lidar com criminosos é fácil perante a Lei. Mas, inocentes? Era o caso do Dinho. Finalmente conseguimos um advogado.

Ele, o Dinho, ficou preso durante sete dias nas dependências da Polícia Federal, até ser transferido para a Cadeia Pública de Manaus, considerada uma das seis piores prisões do País, de acordo com reportagem da BBC Brasil.

Construída, em 1908, para abrigar cerca de cem presos, a Vidal Pessoa, assim batizada, até hoje está instalada no mesmo edifício, abrigando uma população carcerária de aproximadamente mil presos, em um ambiente insalubre e desumano.

Chegando à Cadeia Pública, o Dinho quase foi colocado em uma cela onde estavam mais de sessenta presos, todos agrupados em um espaço de dois metros de largura, por quinze metros de comprimento. Antes de entrar na cela, o Dinho tentou argumentar com o carcereiro:

- Aqui não há lugar para todos dormirem.

- Vão se revezando, - respondeu. Enquanto uns dormem, os outros aguardam a sua vez de dormir.

O que salvou o Dinho de ficar naquela cela minúscula foi um engraçadinho, preso naquela ala, que deu as boas vindas, gritando:

- Oba... Chegou um rabinho novo, moçada!

A gritaria foi geral.

- Eu quero ser o primeiro, gritou outro mais mal intencionado.

“Será que estou vivendo um pesadelo”, pensou o Dinho, enquanto vestia a camisa de presidiário. De repente surgiu uma luz no final do túnel e o carcereiro mudou de ideia.

- Tu não podes ficar aqui. Os presos desta ala são de alta periculosidade. Se eu te colocar aqui, junto com estas feras, talvez tu não consigas ver o dia amanhecer.

- Por favor, deixa o coroa aqui com a gente, gritaram, em coro, os mais exaltados.

- Não, já está decidido. Eu vou te alojar na ala dos maconheiros.

Finalmente, quando já anoitecia, o mais novo hóspede da Cadeia Pública foi acomodado em uma ala com mais quatro dependentes químicos. Na chegada à cela, ficou sabendo das normas que regem a cadeia. A maioria dos presos tem aparelho celular e tudo é cobrado. Usando cinco minutos, o detendo é obrigado a comprar um cartão de quinze minutos. Na hora da revista é uma correria geral para esconder os aparelhos. O Dinho ficou quatro dias em companhia dos maconheiros, até ser transferido para a ala dos crentes. Nesta ala, a única arma utilizada era a Bíblia Sagrada. Devidamente instalado na ala dos irmãos, começou a analisar os últimos acontecimentos, quando uma dúvida cruel tomou conta dos seus pensamentos. O que é melhor? A fumaça dos maconheiros ou o fanatismo religioso dos irmãos.

- Felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.

- Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

- Quem semeia a injustiça colherá a desgraça.

Os irmãos passavam o dia todo rezando e lendo a Bíblia. O Dinho, sem alternativa, era obrigado a rezar com eles.

Na cadeia a barra é pesada. Logo que entra na casa, o detento é obrigado a ficar uma semana trancado na cela. Só consegue alguma regalia na base da propina. O Dinho ficou em uma cela ao lado do campo de futebol de onde podia ouvir a gritaria na hora da pelada. Quase todos os dias uma bola furava no arame que cercava o campo. De posse destes dados, o Dinho chamou o chefe da ala, oferecendo uma bola de Futsal, para poder sair da cela e jogar com o restante dos presos. O chefe concordou com a oferta. Assim, o Dinho pôde sair da cela antes da data prevista. Quem levou a bola, até a casa de detenção foi o amigo e compadre Elias, que reside na cidade de Manaus. A bola de Futsal era pesada e não subia tanto quanto as outras, acabando, de vez, com o problema de toda hora furar.

Aos poucos o Dinho foi conquistando a simpatia dos presos, tendo a sua vaga assegurada nas peladas diárias. A comida do presídio Vidal Pessoa era considerada de péssima qualidade. No café da manhã era servido chá com pão. No almoço, cozido de verduras e carne. No lanche da tarde, novamente, chá com pão. No jantar era repetido o cardápio do almoço. De vez em quando, era servido peixe frito, arroz branco e farinha de mandioca.

O meu amigo Dinho ficou 24 dias preso na Cadeia Pública de Manaus. Perdeu 13 quilos. Só conseguiu recuperar o dinheiro depois de cinco anos. Nunca perguntei se ele comprou o apartamento em Manaus. Nunca ouvi falar se os verdadeiros assaltantes foram recapturados ou não.

Há algumas coisas que é melhor esquecer.

CARNAVAL NO IATE CLUBE

A festa carnavalesca surgiu a partir da implantação, no século XI, da Semana Santa, pela Igreja Católica, antecedida por quarenta dias de jejum, a Quaresma. O Carnaval da antiguidade era marcado por grandes festas, onde a gente da época comia, bebia, participava de alegres celebrações e da busca incessante pelos prazeres. No período do Renascimento, as festas que aconteciam nos dias do Carnaval incorporaram os bailes de máscaras, com suas ricas fantasias e, também, os carros alegóricos.

O Carnaval chegou ao Brasil muito tempo depois, no século XVII, por meio dos portugueses, com o nome de Intrudo, baseado, principalmente, em brincadeiras, nas quais as pessoas sujavam umas as outras, igual ao que se faz atualmente com a brincadeira que chamamos de Mela-Mela. A partir de 1935, surgiu a espontaneidade popular, organizando os desfiles populares e regulamentando horários e trajetos a serem cumpridos à risca. Ganharam destaque, a partir de então, os desfiles das Escolas de Samba, principalmente, no Rio de Janeiro. O Carnaval, aos poucos, tornou-se uma festa competitiva. É gerido, hoje, por profissionais, especialistas, no desenvolvimento das Escolas e do desfile.

O Carnaval é a festa popular mais importante do Brasil e, também, a mais aguardada. Eu sempre gostei de brincar o Carnaval. Houve uma ocasião em que eu e mais dois amigos articulamos um jeito de brincar o Carnaval no

late Clube. Naturalmente, sem pagarmos pelos ingressos. O Paulo, nesse tempo, servia na Base Aérea de Boa Vista e morava lá em casa, enquanto o Geovani, que é meu conterrâneo, era um recém-chegado à cidade.

Primeiro definimos a fantasia. Sempre existem dúvidas na hora de descobrir o que vestir para o Carnaval. Após muita polêmica, ficou decidido que nós iríamos ao baile no late de short, paletó e gravata, dispensando a calça comprida. O objetivo era deixar a nossa fantasia bem chamativa. Imaginamos um terno de calça curta. E, lá fomos nós.

Chegamos ao Clube com um gravador e uma carteirinha falsa de radialista. O Geovani, conforme o que planejamos, ia ser apresentado como radialista a serviço da Rádio Difusora de Passo Fundo. Entrar em um clube da elite sem pagar pelo ingresso é para poucos. Teríamos de ser bons atores para ludibriar o pessoal da bilheteria. Ao chegarmos ao clube, vimos que a sorte estava do nosso lado, pois demos de cara com o Presidente, que era um velho conhecido meu. Sem perda de tempo, apresentei o Geovani como radialista gaúcho, incumbido de fazer uma matéria sobre o Carnaval Roraimense para, posteriormente, ser exibida na rádio Difusora de Passo Fundo.

Iniciamos o trabalho de entrevistas com o vice-presidente do clube. Depois de entrevistar algumas pessoas anônimas e diversas autoridades locais, chegou à vez do Governador de Roraima. Nem de longe ele desconfiou que aquilo tudo não passava de uma encenação acreditando, piamente, na veracidade da entrevista. O Geovani se portou como um autêntico repórter de rádio, fazendo com que as pessoas acreditassem na seriedade das matérias. Cessadas as entrevistas, o pessoal da segurança do Governador pediu a nossa documentação. Foi quando o Geovani apresentou a falsa carteirinha de radialista. Ficamos todos apreensivos na expectativa de que o desfecho nos fosse favorável e, para a nossa sorte, eles engoliram a nossa farsa. Depois do susto chegou a hora da diversão. Para matar a sede, uma cerveja bem gelada. Com a latinha na mão, conversando com uns e outros, me afastei dos meus amigos. Fui até o lado externo do Clube, a fim de dar uma respirada, mas, sem querer, afastei-me um pouco mais que o necessário da claridade, parando em um labirinto, onde a escuridão era total. Envolto em meus pensamentos, escuto uma voz me chamando:

- Euclides, és tu que tá aí?

- Sim, sou eu.

- Eu estou amassando uma gata. Por favor, me dê cobertura. Avise-me se minha mulher aparecer.

Logo reconheci a voz que vinha das moitas. Mas, como eu devia alguns favores a esse camarada, eu fiz o que ele me pediu, me afastando um pouco e indo de encontro à claridade. Não demorou muito para a tal esposa dar o ar da sua graça.

- Gaúcho, você viu o meu marido por aí?

- Acabou de passar por aqui. Deve ter entrado no salão.

Rapidamente, sem pestanejar, ela deu meia-volta indo à procura do marido. Foi só a esposa desaparecer, iniciaram os gemidos dos dois pombinhos. Fiquei apreensivo, torcendo para que ela não retornasse. Finalmente, passados mais de trinta minutos, o casal deixou o esconderijo, me liberando para brincar o Carnaval.

Foi uma noite daquelas! No dia seguinte a diversão estava garantida: ouvir a fita. O Presidente do Clube, por nosso brilhante trabalho jornalístico, nos deu passe livre para as quatro noites seguintes e, ainda, fomos presenteados com um litro de uísque. Uísque de qualidade.

O late Clube continua o mesmo Clube da Elite Social, às margens do rio Branco, como sempre foi. Mas já não possui o mesmo glamour de antigamente, talvez pelo surgimento de outros clubes e casas de show, perdendo o encanto que teve no passado. Mesmo assim, continua alegre e festivo, como foi outrora. Já as animadas noites de carnaval, com confetes e serpentinas, com mascarados e colombinas, com seus blocos carnavalescos, com marchinhas de época como “olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é”, essas não existem mais, ficaram no passado. Morreram no late para sempre!!!

COBRANÇA PERIGOSA

Há cobrador de ônibus, cobrador de ingressos em espetáculos, cobrador disto ou daquilo, mas no meu caso, eu era cobrador de dívidas. Profissão perigosa. O cobrador, sempre que vai cobrar alguém, aborda uma pessoa inadimplente. Os devedores, por alguma razão especial, não gostam quando são cobrados. Outros, não gostam de efetuar o pagamento no prazo combinado, ou seja, não são pontuais. O cobrador é o sujeito que recebe, negocia, prorroga, faz um acordo com o inadimplente. Cobrar era a minha profissão.

Quando eu exercia a função de cobrador externo para uma loja de eletrodomésticos em Boa Vista/RR, por muito pouco não fui atingido por um disparo de arma de fogo.

Tudo começou quando fui encarregado de cobrar uma dívida do Presidente do Sindicato dos Garimpeiros do Estado de Roraima, o Sr. Carlos. Ele havia comprado uma televisão e um aparelho de som no crediário da loja em que eu trabalhava. Ele acabou atrasando o pagamento. Quando me passaram a cobrança, o gerente me alertou que seria uma cobrança arriscada, já que o devedor tinha fama de ser muito valente. A minha tática sempre foi cobrar com educação, e com respeito, para evitar qualquer tipo de conflito com o cliente em débito. Na primeira visita fui recebido por uma de suas filhas, já que o mesmo não se encontrava em sua residência. Deixei com ela uma Carta de Cobrança, convidando o devedor a comparecer a nossa Loja, no prazo de cinco dias, com a finalidade de renegociar a dívida. Passado o prazo estipulado, ele não apareceu em nossa Loja. Retornei à sua residência outra vez e, desta vez, fui recebido pela filha mais velha. Deixei outra Carta de Cobrança, desta vez com uma proposta de renegociação da dívida, com prazos maiores e com uma bela redução nos juros. Mais uma vez nada, ele não compareceu.

Quando retornei pela terceira vez à casa do seu Carlos, fui acompanhado pelo motorista da loja, o seu Clóvis. Chegamos com o firme propósito de recolher a mercadoria. Para nossa surpresa, o senhor Carlos havia tido um atrito com a esposa dele e sumido com as mercadorias. Retornamos à loja de mãos vazias e com um sentimento de frustração.

Mudei de tática e passei a manter contato com o devedor através do telefone fixo da Loja, pois naquela época não havia telefone celular. A minha primeira ligação deu certo e o senhor Carlos prometeu passar em nossa loja no dia seguinte, para quitar uma parte da dívida. Ele não apareceu na data combinada e, para completar a história, não atendeu mais às minhas ligações. Tive que deixar aquela cobrança de lado para me dedicar a outras, menos complicadas.

Os dias foram passando até o nosso gerente receber uma ligação anônima. A pessoa deixou um recado dando ciência do retorno do nosso cliente, seu Carlos à sua residência. Prontamente, pegamos o carro para recolhermos a mercadoria. Lá fomos outra vez, eu e o Clóvis.

Como sempre, o Carlos não estava. Outra vez fomos recebidos pela mesma pessoa da vez anterior. O Clóvis se apoderou da televisão e eu peguei o aparelho de som. Quando a filha do Carlos se deu conta, nós já estávamos dentro do carro, indo embora com a mercadoria. A operação de resgate dos eletrodomésticos se deu na parte da manhã. No final da tarde Carlos invadiu a nossa loja, todo alterado:

- Quem foi o filho da mãe que invadiu a minha casa sem autorização judicial?

Enquanto o gerente tentava acalmar o Carlos, apareceu o Clóvis.

- Clóvis, este é o senhor Carlos, nosso cliente - explicava o gerente. O Euclides recolheu uma televisão e um aparelho de som da sua residência, sem a nossa autorização e, agora, só nos resta devolver a mercadoria e formular um pedido de desculpas ao senhor Carlos.

O Clóvis amarelou quando avistou o revólver na cintura do Carlos. Lentamente, o devedor foi se acalmando com o auxílio do gerente e o Clóvis pôde respirar um pouco mais aliviado. Ainda trêmulo, o Clóvis pôde acompanhar de camarote o desenrolar das negociações. Após meia hora de conversa, ficou decidido que a televisão e o aparelho de som seriam devolvidos ao Carlos.

Eu fui avisado do ocorrido através do Bip, aparelho do tamanho de um celular, muito utilizado naquela época pelos médicos. Logo que o meu Bip foi acionado, eu liguei pra loja e recebi a ordem para sumir do mapa naquela

tarde. No dia seguinte a mercadoria foi devolvida. Passados dez meses daquela confusão, o Carlos conseguiu quitar a dívida e efetuar uma nova compra.

A Loja em que fui cobrador externo por quase três décadas sempre teve o melhor crediário da cidade e uma equipe de especialistas, altamente treinada, possibilitando aos seus clientes realizar os mais variados sonhos de consumo. Aproveitando as facilidades do nosso crediário, o Carlos efetuou uma nova compra e outra vez atrasou o pagamento. Novamente fui escalado para fazer a cobrança. Desta vez, fui orientado a realizar a cobrança, não em sua casa, como sempre fazia, mas, mudando a tática, em seu local de trabalho.

Cheguei ao Sindicato dos Garimpeiros e logo fui recebido pela secretária, que me encaminhou até a sala do Carlos. Entrei no recinto com todo cuidado para não assustar o antes irado devedor. Minha estratégia era utilizar toda sutileza possível e, na maior educação do mundo, fui me apresentando como cobrador da Loja.

- O senhor conhece um cobrador “atirado” de nome Euclides?

- O cobrador atirado ao qual o senhor se refere sou eu, - respondi.

Lentamente, Carlos abriu a gaveta da mesa e pegou um revólver calibre 38. Logo veio à minha cabeça os desafios perigosos da cobrança. Eu estava ali tentando receber uma dívida e não atrás de uma maneira de morrer. Com a arma na mão ele me olhou bem dentro dos olhos. Depois, alisou a arma lentamente, tornou a me encarar e, finalmente, guardou a arma na gaveta, me estendendo a mão.

- Muito prazer, eu sou o Carlos!!!

- Muito prazer, João Euclides!!!

Estava selada a paz entre nós.

MINHA MÃE E O MAL DE ALZHEIMER

Alzheimer é uma doença degenerativa, atualmente incurável, mas que já possui tratamento. O tratamento permite melhorar a saúde, retardando o declínio cognitivo, tratar os sintomas, controlar as alterações de comportamento e proporcionar conforto e qualidade de vida ao idoso acometido dessa doença e à sua família. Foi descrita pela primeira vez em 1906, pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer, de quem a doença herdou o nome. Cada paciente de alzheimer

sofre a doença de forma única, mas existem pontos em comum. Por exemplo: o sintoma primário mais comum é a perda da memória. Muitas das vezes, os primeiros sintomas são confundidos com problemas de idade ou de estresse. A moléstia vai-se desenvolvendo por um período indeterminado de tempo e pode permanecer não diagnosticada e assintomática durante anos.

As lembranças da minha mãe retrocedem no tempo e na minha mente. Eu tinha três anos de idade quando a vi chorar pela primeira vez. Ela havia brigado com o meu pai e foi chorar dentro da patente. Naquela época, não havia vaso sanitário e as necessidades fisiológicas eram feitas na privada, carinhosamente chamada de patente, peça com o formato dos banheiros provisórios de hoje. Naquele dia eu escutei a minha mãe dizer para o meu pai na hora da raiva:

- Eu vou pegar as minhas coisas e voltar para a casa da minha mãe.

Aquelas palavras cortaram o meu coração e, por certo, também o coração do meu pai. Com muito medo de perder a sua companheira e, por respeito a ela, nunca mais brigou com minha mãe. Nunca mais presenciei qualquer tipo de atrito entre eles. Mas o choro da minha mãe ficou gravado, para sempre, no meu coração. Nunca soube o motivo daquela briga. Também, eu era muito pequeno para entender o porquê de os grandes brigarem.

No ano seguinte, chegou a minha vez de chorar.

Jardim de Infância é uma forma criada pelo alemão Friedrich Froebel, nascido em 1782, que foi um dos primeiros educadores a se preocupar com a educação de crianças. Ele criou um espaço singular para que um tipo especial de educação fosse realizado, denominando o espaço de Kindergarten, ou seja, jardim de infância, em português. Com quatro anos de idade, a minha mãe me colocou no Jardim de Infância, para que eu pudesse, segundo ela, ter os meus horizontes ampliados. O meu primeiro dia no Jardim foi, particularmente, difícil e angustiante. Quando ela chegou comigo na escola eu comecei a gritar, provocando o maior escândalo. Não queria ficar lá de jeito nenhum. Ao vê-la ir embora saí correndo atrás dela. Aquela semana foi complicada. Eu me via num ambiente diferente do que estava habituado. Menos mal que o choro e os gritos já são esperados pelos educadores. Com o passar dos dias, a rejeição ao Jardim da Infância foi diminuindo. Consegui me adaptar à nova realidade.

A neve foi outra lembrança marcante dessa mesma época da minha infância. Quanto encanto e quanta magia produzem aqueles flocos gelados que caem flutuando como se brincassem no espaço. Eu tinha dez anos, quando abri a janela e me deparei com aqueles flocos formados por cristais de gelo.

A neve é uma ocorrência meteorológica que consiste na precipitação de flocos formados por cristais de gelo. O fenômeno pode apresentar intensidade leve, moderada ou forte, podendo receber a denominação de nevasca quando se trata de uma tempestade de neve. Cada floco de neve é composto por água congelada em uma forma cristalina. A forma e a disposição de cristal de gelo dependem das condições de temperatura e de pressão no momento de sua formação. Naquele dia memorável, ao abrir a janela do meu quarto, eu estava diante de um dos mais encantadores fenômenos da natureza. Ao me deparar com esse fenômeno eu não me contive e saí gritando, chamando por minha mãe:

- Mãe, mãe, vem aqui, ligeiro... Olha! Está caindo geada!

- Não é geada, meu filho, é neve.

Descobri, posteriormente, que geada não cai, como a neve. Geada é o resultado do sereno que congela em noites de baixas temperaturas. Tão bela, mas, às vezes, tão nociva quanto a neve.

Foi uma festa na pequena Vila de Selbach. Passou o dia todo nevando. As pessoas saíam de suas casas, enfrentando o frio, para fazer bonecos de neve. Era muito lindo e muito divertido.

Outra lembrança viva da minha infância, que tem relação com a minha mãe, eram as pescarias do meu pai. O velho adorava pescar. Mesmo andando de muletas, ele acompanhava a turma, sendo responsável pelo acampamento, fazendo o papel de cozinheiro. Houve uma ocasião em que o meu pai apareceu em casa com uma carpa de 10 quilos. Uma Carpa como essa, não é para qualquer pescador. A minha mãe sabia, como ninguém, preparar um peixe recheado com carne moída. Preparou a carpa, com todo o capricho e sabedoria. Como sempre, os convidados ilustres eram o Dr. Gilberto Wiesel e a sua esposa, dona Cirlei. Mal sabia eu, na inocência da minha infância, que o Dr. Gilberto e sua esposa seriam, num futuro bem próximo, a minha segunda família.

Houve um dia em que eu achei um jeito de sacanear a minha mãe e, por tabela, um bocado de senhoras. Na época, eu tinha 17 anos. Todos os meses, em dia marcado, as senhoras da Alta Sociedade de Selbach se reuniam para uma comemoração. Comiam e jogavam conversa fora. Eram escolhidas, por sorteio, duas senhoras de cada vez, para preparar os alimentos. A mesa sempre era farta, com tortas doces e salgadas, cucas recheadas e, com os mais variados tipos de salgadinhos. Toda grana arrecadada era revertida em favor de Obras de Caridade. O evento ocorria no principal Clube da cidade. A sacanagem, premeditada desta vez, seria feita através do “Peido Alemão”.

O “Peido Alemão” nada mais era do que uma ampola de vidro, com líquido, geralmente amarelado, à base de enxofre, que, quando quebrada, exalava um forte odor, como se fosse o de um peido muito fedido, atômico. Era muito usado e, às vezes maldosamente, para acabar com qualquer festa ou reunião. Na verdade, era uma analogia ao peido dos alemães que, segundo consta, pela dieta do chucrute e da cerveja, peidam mais que o necessário. Na maior cara de pau, pedi para um dos garçons jogar o peido embaixo das mesas. Também na maior cara de pau, eu fiquei num canto do salão para acompanhar a reação daquelas senhoras idosas. O garçom jogou a ampola. Quando quebrou, parece que tinham, como se dizia popularmente, “cagado no mundo”. A reação das senhoras foi uma comédia. Todas, sem exceção, colocaram a mão no nariz, olhando-se entre si, como que acusando a pessoa que estava ao seu lado. Era muito engraçado olhar aqueles semblantes irônicos e acusadores. Lá no meu canto não contive o riso. Tive de sair para não chamar a atenção das senhoras. Foi mais uma das minhas, segundo eu, brincadeiras saudáveis. Ninguém ficou sabendo quem foi o causador daquela catinga toda e, nem quem foi o mandante. Participaram daquele chá beneficente, além da minha mãe, a esposa do médico, a mulher do padeiro, a mulher do ferreiro, a do comerciante e, várias outras senhoras, da chamada, Alta Sociedade. A Alta Sociedade daquele tempo, diga-se de passagem, não separava as pessoas de acordo com a posição social, econômica ou racial. O comportamento social, ético, moral, religioso e familiar das pessoas é que inseriam ou retiravam os indivíduos das chamadas camadas sociais. Era o sistema comportamental vigente.

A minha mãe, voltando ao assunto da doença, começou a ter os primeiros sintomas do Mal de Alzheimer quando estava com 65 anos de idade. No início da doença, ela sofria de confusão mental, muitas das vezes, desligando-se da realidade. Ela colocava mantimentos que deveriam estar na geladeira dentro do forno do fogão e, produtos da despensa dentro da geladeira. Esquecia-se de fatos recentes, perdendo a flexibilidade dos pensamentos, assim como, adquiriu uma preocupante desorientação de tempo e de espaço. Às vezes, ela não sabia onde realmente estava. Esquecia coisas rotineiras como, por exemplo, qual era o dia da semana. Houve uma ocasião em que a minha mãe foi por duas vezes receber a aposentadoria. No primeiro dia, ela recebeu o valor total. No dia seguinte, ela retornou ao Banco, por não ter lembrado, que já havia retirado o dinheiro no dia anterior. Foi atendida pelo gerente do Banco:

- Dona Hilária, a senhora já recebeu a sua aposentadoria, ontem.
- Não, ontem eu nem saí de casa.
- Procura na sua casa que a senhora vai encontrar o dinheiro.
- Acho que foi o meu filho que veio pegar. Eu vou para casa procurar. E, foi.

O dinheiro, em questão, estava lá.

Após este episódio dispensamos a diarista e contratamos uma acompanhante para morar com ela.

Passados dois anos, iniciou-se a segunda fase da doença. Os neurônios, nesta fase, morrem e a quantidade de neurotransmissores diminui, iniciando assim, a dificuldade em perceber e identificar objetos. Eu solicitei férias do meu trabalho na Loja Perin e viajei até Selbach para cuidar dela. Passei dez dias observando todas as suas reações. Nesta fase da doença, a memória semântica e a memória implícita são afetadas em curto prazo. Durante a minha permanência com a minha mãe, várias surpresas ocorreram. Houve uma situação que prefiro referenciar aqui para que outras pessoas, que lidam com a doença ou com doentes, saibam como lidar e compreender a debilidade do paciente deste mal.

Toda vez que ela fazia as suas necessidades fisiológicas, ela sentava no vaso e, cagava na mão. Depois amassava as fezes, formando bolinhos parecidos com almôndegas. E continuava a brincadeira enfileirando os bolinhos

em frente ao vaso sanitário. Porém, quando questionada, sempre negava ser a autora daquela brincadeira estranha. Definitivamente, ela não sabia o que estava fazendo.

Com o passar dos anos, o quadro se agravava a cada dia, aparecendo novos sintomas, além da confusão mental, a irritabilidade e a agressividade, assim como alterações de humor e falhas na linguagem. Nesse período decidimos trazê-la para Boa Vista, pois ela necessitava de cuidados especiais. Logo que chegou, os problemas de memória eram visíveis, não reconhecendo parentes e conhecidos. A memória, de longo prazo, da minha mãe se agravava, com alterações de comportamento e com ataques inesperados de agressividade. Depois surgiam as crises de choro. De vez em quando chorava.

Logo que chegou a Boa Vista, ela ficou morando na casa do meu irmão, Fernando. Aos domingos, passava o dia na minha casa. Lembro-me do primeiro domingo que fiquei cuidando da mãe. Ela já estava dependente de tudo. Primeiro, dei o almoço para ela; depois, coloquei um colchão na sala. Ela deitou e dormiu, proferindo e executando agressões verbais e físicas. Se não fossem tristes, as atitudes agressivas da minha mãe seriam cômicas.

O Mal de Alzheimer, como todos puderam perceber através do meu breve relato, é uma doença terrível. Porém, pode ter o seu lado divertido. Não para quem sofre da doença, mas para quem cuida do paciente, pois ele volta a ser criança outra vez.

O espelho tornou-se o maior inimigo da minha mãe, à medida que a doença evoluía:

- Eu vou te pegar, sai da minha frente, você já morreu. (Se referindo a uma de suas irmãs, já falecida).

- Clides, vem cá. Tem alguém fazendo gracinha comigo, era outra vez o mal do espelho, atormentando minha mãe.

Tivemos que esconder ou cobrir todos os espelhos da casa. Conforme avança a doença, aumentam as dificuldades para os familiares. A mãe dependia de terceiros para tudo, inclusive para as coisas básicas. Nessa fase da doença, é difícil que alguém esteja, suficientemente preparado, física e psicologicamente, para conviver e cuidar de quem necessita. Contratamos uma empregada exclusivamente para esta finalidade. Exercia as suas atividades de segunda a sábado, folgando aos domingos. Nós decidimos que caberia um

domingo para cada um dos filhos dedicar-se a ela. Somos três aqui em Boa Vista: eu, o Fernando e a Maria. O Fernando é o mais folgado da turma. Empresário bem sucedido, ele pagava uma pessoa para cuidar da mãe, evitando colocar a mão na massa. As atividades de quem cuidava da mãe iniciavam-se com o café da manhã. Depois, vinham as necessidades fisiológicas. Em seguida, era hora do banho, trocar as fraldas e cuidar do almoço. No meio da tarde era servido um lanche e, no cair da noite, o jantar, sempre torcendo para ela não fazer suas necessidades básicas, outra vez. A hora do banho, para mim, era uma diversão. Trocávamos uma ideia em alemão, sempre falando nada com nada, só lorotas e, ela sempre concordando com tudo.

Na segunda etapa da doença, ela adquiriu o hábito de assistir pela televisão à celebração da Santa Missa. A Missa mais importante da Igreja Católica é a dominical e foi em uma destas celebrações que a mãe se aborreceu com o Fernando. Logo que eu cheguei à casa do meu irmão, ela me recebeu visivelmente aborrecida.

- Clides, o teu irmão não tinha o que fazer e veio receber o Bispo só de toalha. Que vergonha! Eu não sabia onde esconder a minha cara.

No meio da celebração do ato solene da Santa Missa, o Fernando apareceu na frente da televisão só de toalhas, dançando e fazendo gracinhas para ela. A sua irritação aumentou de intensidade quando o Bispo se retirou, sem despedir-se dela.

A mãe chegou a Boa Vista na véspera do Dia das Mães de 2004 e faleceu em 23 de abril de 2008, com 73 anos de idade. Ela faleceu nos braços da Luciana, enquanto era banhada. Teve um ataque cardíaco fulminante. A dona Luciana cuidou da minha mãe por três anos seguidos, acompanhando de perto a fase crítica da doença, criando um vínculo muito forte com a Sra. Ana Hilária Junges. No dia da morte da minha mãe, ela não conteve a emoção e o seu abatimento era visível. Afinal, ela trabalhava para que a minha mãe permanecesse viva. A morte, segundo o poeta Eroquês, grande amigo meu, se apresenta com aquela cara de defunta e, arrasta para o outro mundo quem ela deseja que vá.

Véspera do Dia de Finados. A alma da minha mãe veio me visitar. Impossível dar uma definição concreta da alma, pois a alma não é uma entidade

concreta, mas abstrata; não é matéria, é energia. Também não é energia física, é energia divina dentro de nós.

Somos um composto de alma e corpo. Isso explica por que somos tão confusos. A espiritualidade é para a alma aquilo que o alimento é para o corpo. O espírito separa-se do corpo, em caso de morte, para receber a sua recompensa das obras praticadas durante o existir, como se fosse um vento, ou um sopro de vida. Não sei definir o que ocorreu na realidade, se foi a alma da minha mãe ou se foi o seu espírito que veio me visitar. Após a morte da mamãe eu nunca mais retornei ao cemitério para visitá-la. Pois, na véspera do Dia de Finados, o espírito, ou a alma da minha mãe veio me visitar.

Chegando do trabalho, no final do dia, senti um cheiro forte de algo queimando dentro do meu quarto. Verifiquei todas as tomadas da casa e nada de anormal foi constatado. Só uma certeza: havia fumaça no ar, exalando um cheiro forte de vela queimada. Pensei: o espírito - ou a alma - da minha mãe me convida para ir até o túmulo dela. Naquela noite, antes de dormir, eu lavei o quarto. Assim mesmo, a fumaça continuava pairando no ar. Acordei cedo no Dia de Finados de 2008. Sem perda de tempo, tomei café e fui ao cemitério, visitar e rezar no túmulo da minha mãe. Ao voltar para casa, a surpresa: não havia mais nenhum vestígio de fumaça no meu quarto.

Registro: Minhas cunhadas, Heloisa e Marisa, casadas com o Fernando e o Beto, respectivamente, também ajudaram, e muito, a cuidar da minha mãe. Neste modesto texto esterno a minha gratidão a elas.

Seria legal se eu pudesse visitar o céu e rever a minha mãe. Levaria meu livro para ela ler junto com o meu pai, e depois mostrar para o meu irmão Olavo Ratão.

FÉRIAS NA EUROPA

Paris, além de ser capital, é a mais populosa cidade da França. Situa-se num dos meandros do rio Sena, no centro da bacia parisiense, entre os confluente do Marne e do Sena rio acima e, do Oise e do Sena rio abaixo. Tornou-se também um dos primeiros focos europeus do ensino e da arte, além de capital econômica e comercial da França, onde os negócios da bolsa e das finanças se concentram. Paris se parece como todas as metrópoles, cheia de

estudantes, de jovens adultos ativos e de pessoas mais velhas, estas representam a média na faixa etária. Hoje em dia, é a capital mais visitada do mundo e é julgada como uma das menos acolhedoras e mais caras.

Quando chegamos a Paris fazia um frio de quatro graus Celsius. Quem me acompanhou na viagem pelo Velho Continente foi o meu sogro, o seu Olindino Rodrigues (in memoriam). Era o dia dois de junho de 2009. Nesse dia foi o nosso primeiro jantar em Paris. Jantar em Paris é o sonho de quase todo mundo. Eu estava lá. Como quase tudo em minha vida, o jantar não poderia ter ocorrido sem que eu tivesse uma história para contar. O garçom me apresentou o cardápio, escrito, em dois idiomas: inglês e francês. A língua francesa eu não domino e da língua Inglesa, sei só o básico. O pouco que sei, foi suficiente para pedir um prato à base de peixe. Sem um pingão de cortesia, com ares de mal humorado, o garçom trouxe a refeição. Deixou na mesa, virou as costas e foi-se embora. A travessa, que era enorme, continha quatro pedacinhos de peixe cru, uma pequena porção de arroz e quatro rodélas de tomate. O meu sogro olhou para aquela porção de comida e me censurou.

- O que foi que tu pediste?
- Pedi um prato à base de peixe.
- A cozinheira esqueceu de fritar o peixe.
- Agora azar, vamos comer assim mesmo.

A fome era tanta que nós devoramos aquela refeição rapidamente. Fomos salvos pela cerveja. Tomamos quatro latinhas. No final, pagamos 43 euros por aquela refeição.

Na noite seguinte já estávamos mais adaptados ao estilo parisiense e de olhos bem abertos. Dessa vez, decidimos jantar em um restaurante nas redondezas do hotel. Sentamos à mesa e a nossa primeira iniciativa foi dispensar o cardápio e prestar atenção nos pratos servidos nas outras mesas. Não demorou muito e chegou o jantar da mesa bem ao lado da nossa. Pareceu-me, à primeira vista, um prato bem aceitável, com batata frita, arroz, salada mista e filé à parmegiana. Não perdi mais tempo. Chamei o garçom, apontando com o dedo em direção à mesa ao lado. O garçom entendeu o pedido e anotou com sucesso. Estávamos livres da gororoba da noite anterior.

Gastamos 35 euros, bem menos que no outro jantar. Retornamos ao Hotel, saciados e satisfeitos.

San Sebastián é a capital da Província de Guipúscoa, localizada no País Basco espanhol. Rodeada pela Baía da Concha, junto ao mar da Biscaia, a cidade tem cerca de 183.000 habitantes, enquanto a sua periferia possui 400 mil residentes. San Sebastián é a casa do clube Real Sociedad de Fútbol, um dos principais clubes espanhóis. Cidade linda, à beira mar. Os prédios são construídos, no máximo com 12 andares, dando um charme especial à cidade.

Depois de termos ficado durante três dias curtindo as belezas de Paris, seguimos a nossa viagem com destino a San Sebastián. Levamos oito horas de trem de Paris até Hendaya. Achei charmoso, simples e tranquilo viajar de trem. Claro, viajar em trem europeu. Os europeus são elegantes, gentis e educadíssimos.

É tão bom a gente chegar em qualquer lugar e ter alguém esperando para nos receber com alegria e atenção. O Paulo e a sua esposa Dóia, estavam à nossa espera na estação de Hendaya. Após os cumprimentos, seguimos viagem de carro, por cerca de 40 minutos, até chegar ao nosso destino, San Sebastián, localizada na divisa da França com a Espanha.

No dia seguinte não tivemos dificuldade em acordar cedo, para apreciar as audácias da mulherada europeia. Na Europa, o topless faz parte da cultura dos povos que lá residem. Para nós, era uma grande novidade. Por isso, antes de sair de casa fomos alertados pelo Paulo:

- Vocês podem dar uma olhada rápida e logo desviar o olhar, para não dar bandeira. É deselegante ficar olhando por muito tempo. Aqui, isso é muito normal.

Seguimos à risca as instruções do amigo, mas, no dia seguinte retornamos à praia, sem a companhia do Paulo. Eu acho muito lindo uma mulher com os seios à mostra. No Brasil, é pouco comum a prática do topless. Assim, sem muita cerimônia, ficamos apreciando de camarote os seios da mulherada.

A cidade de San Sebastián é lotada de lindas praças. A minha preferida ficou sendo a Praça da Catedral de Del Buen Pastor. Aproveitamos para ir à

Missa. A Missa é a maneira mais perfeita de se conectar e conversar com Deus. A Missa, quando bem compreendida, pode mudar o nosso dia. Eu e o Dino participamos da Santa Missa na Catedral. Na saída, o Dino pediu para ir ao banheiro. Ir ao sanitário é algo normal; anormal é você errar de sanitário. Foi o que ocorreu com ele. Por um descuido, ele invadiu o banheiro feminino, sendo rapidamente enxotado pelas senhoras mais exaltadas. Não deu para entender o que elas diziam, já que hostilizavam o Dino na língua basca.

Todos os dias, pela manhã, eu e o Dino íamos até o supermercado fazer compras. Houve um dia em que nos deparamos com uma promoção de camarões. Eram camarões enormes, do tamanho de um dedo, todos já limpos e tratados. Compramos dois quilos de camarões para serem servidos no jantar. Preço: cinco euros o quilo.

O Paulo e a Dóia convidaram um casal de amigos para jantar com a gente naquela noite. Mesa posta, camarões fritos, era só atacar. Eu devo ter comido meia dúzia de camarões, quando começaram os meus problemas. Primeiro, com um leve inchaço nos lábios, uma sensação de cócegas na garganta, congestão nasal e olhos lacrimejantes. Depois, o inchaço tomou conta da minha face. Todos à mesa se assustaram com o meu quadro. A Dóia sugeriu que me levassem até o Pronto Socorro. Relutei para ir, pedi um tempo. Até então eu não sabia da minha alergia aos camarões. Preferi ir para o meu quarto. Comecei a melhorar lentamente depois que peguei no sono. Dormi por quase uma hora. Quando acordei, já apresentava um quadro de melhora. Passei uma semana com a cara “empelotada”, e bem avermelhada, em decorrência da alergia ao crustáceo. Passados sete dias, consegui voltar à normalidade, sem os sintomas da alergia. Camarões, nunca mais...

Antes de iniciar o retorno para casa, um pulinho em Biarritz, cidade localizada no sudoeste da França, perto da fronteira com a Espanha e ao longo da costa Basca. A cidade é cercada por diferentes praias de areia fina, como a Praia Grande, a costa Basca ou o Porto dos Pescadores. Na média, a temperatura invernal fica em torno de dois graus Celsius. No verão, a média é de 20 graus Celsius. Biarritz é um lugar lindo, com cerca de 30.000 habitantes. Destaque para uma passarela sobre o mar, que leva os turistas a uma gruta

transformada em capela, com a imagem de uma Santa bem ao alto. As águas do mar batem na estrutura de concreto, embelezando ainda mais a paisagem. Ficamos 15 dias em San Sebastián e depois iniciamos o retorno a capital francesa.

Nosso retorno a Paris foi bem tumultuado. Ao chegar à estação de Hendaya nos deparamos com uma greve dos funcionários da ferrovia e só havia uma pessoa para dar informações. Nós compramos a passagem pela internet e receberíamos o bilhete no guichê da Ferrovia. Como não havia funcionários suficientes para atender os passageiros, fomos acomodados em um ônibus com destino a San Jean de Luz, onde pegaríamos outro trem, com destino a Paris. O traslado de ônibus durou em torno de duas horas. Só depois de mais de uma hora de espera surgiu o trem. O embarque se deu de bolo, como dizemos aqui em Roraima, e nós conseguimos acomodação no último camarote, onde havia três leitos disponíveis. Fechamos a porta do camarote para então, finalmente, seguir viagem a Paris.

FRANKFURT AM MAIN

É a maior cidade do estado alemão do Hesse e a quinta maior cidade da Alemanha, com população de aproximadamente 700 mil habitantes, em 2012. Frankfurt é o centro financeiro e de transporte da Alemanha e o maior centro financeiro da Europa. Em Frankfurt estão localizadas sedes de importantes instituições, como a do Banco Central Europeu, do Banco Federal Alemão e da Bolsa de Valores de Frankfurt, além do Deutsche Bank, o Commerzbank e o DZ Bank. Frankfurt Am Main é a cidade natal de Goethe, de Anne Frank e da Escola de Frankfurt, sendo um centro cultural de reputação nacional e internacional. Também é uma das sedes da Biblioteca Nacional. Na Alemanha, existem duas cidades chamadas Frankfurt, mas a Frankfurt que todos conhecem, pelo movimentado aeroporto, centro financeiro Europeu e como uma cidade desenvolvida e organizada, se chama Frankfurt Am Main. O rio que banha Frankfurt é o rio Main, cortando a cidade de ponta a ponta. Nos dias de sol, toda a galera se encontra às margens do rio para aproveitar até o último segundo de sol e calor. Outra maneira bacana de curtir Frankfurt é um passeio de barco pelo rio.

Fizemos o trajeto de Paris até Frankfurt de trem. Compramos a passagem de segunda classe, mas resolvemos sentar na primeira classe. Logo no início da viagem fomos abordados pela senhora responsável pela fiscalização, que veio conferir o bilhete da nossa passagem. Ela, educadamente, ao conferir o bilhete, pediu que nós nos deslocássemos até a classe econômica. Eu, educadamente também, pedi a ela para ficar sentado na primeira classe, até surgir o titular das poltronas. Ela pensou um pouco e acabou concordando com o meu pedido. Felizmente o meu linguajar alemão de Selbach havia passado no primeiro teste. Tivemos sorte, pois não apareceu ninguém para reivindicar os nossos lugares e a senhora da fiscalização acabou esquecendo da gente. As refeições só eram servidas na primeira classe. Comemos e bebemos do bom e do melhor e o Dino todo faceiro ainda comentou:

- É, parece que tu sabes mesmo falar a língua alemã.

O fato mais engraçado em solo alemão se deu logo na nossa chegada em Frankfurt. O meu diálogo com o recepcionista do hotel ia bem até ele me perguntar se queríamos leitos juntos. Como eu não entendi muito bem a pergunta, para não criar polêmica, concordei. O cara olhou para o seu colega e deu uma piscadinha. Na hora, nem estranhei aquele gesto. Quando entramos no quarto, a fixa caiu. Havia colocado duas camas de solteiro, bem pesadas, uma ao lado da outra. No mesmo instante, comentei com o Dino:

- O cara da recepção está achando que nós somos duas bichonas.

No dia seguinte, fui testar o meu lado feminino. Logo cedo saímos para conhecer a cidade. Enquanto o Dino aguardava na frente do hotel, eu fui deixar a chave na portaria. Novamente fui recebido pela mesma dupla do dia anterior. Ao entregar a chave, eu resolvi, por impulso, dar uma desmunhecada, para ver qual seria a atitude dos dois. Para minha surpresa, o que havia piscado no dia anterior deu um gritinho cutucando o seu colega ao lado. Assim, eu pude confirmar o que eu já desconfiava. Eles, sim, eram duas bichonas. Dois rapazes alegres.

Chegando lá fora, comentei com o Dino. No primeiro instante, ele não acreditou no meu relato. No dia seguinte, fomos os dois entregar a chave e os atendentes eram os mesmos. O combinado com o Dino era chegar, chegando. Eu dei aquela desmunhecada e o Dino não conseguiu, ficou no meio do caminho e todos nós caímos na gargalhada, incluindo os dois atendentes. No outro dia eu decidi parar com aquela brincadeira, evitando encontrar os dois bichonas. Passei para o meu sogro a tarefa de entregar a chave na portaria. Ficamos três dias curtindo as delícias de Frankfurt.

No retorno da Europa, num voo de Paris a Recife, eu tomei um pileque de vinho tinto. Foram onze horas de viagem. Descemos do avião em Recife para trocar de aeronave a fim de chegar ao destino final, Boa Vista. Minha primeira providência no Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes - Gilberto Freyre foi tomar um sorrisal. Tivemos que aguardar 10 horas em Recife para só então embarcarmos para Boa Vista, para outra longa viagem. Nossa aeronave fez escalas em Belém e Manaus, até chegar no destino final, Boa Vista-RR. Estávamos novamente em solo macuxi.

PROFECIAS E VISÕES

Profecia é a sensação antecipada de prever acontecimentos futuros. No dia em que eu fugi de casa, como todos já estão sabendo, a minha mãe não acordou, mesmo com todo o barulho que a queda da minha mala ocasionou. Parece que estava escrito que a minha saída de casa teria de ser daquela forma.

A primeira profecia que vivenciei ocorreu em dezembro de 1982. Antes de viajar de férias, achei um tempo para jantar na companhia de amigos. Nosso encontro se deu na Peixada Panorama, local onde hoje se encontra a Orla Taumanan. Estavam naquele jantar, além de mim, o Sérgio, a sua namorada Mara, também o Mário e sua esposa, além da Heloísa Araújo, prima da Mara e do Mário. De repente, durante o jantar, algo de sobrenatural me veio à mente.

- Heloisa, eu estou viajando de férias e vou trazer o meu irmão para se casar contigo.

Ela me olhou assustada, com cara de espanto, e deve ter pensado: “Esta criatura está querendo tirar onda com minha cara, dar uma de profeta”. Mesmo assim, por educação, deu uma risadinha leve, concordando com a cabeça.

Retornei das férias e trouxe junto o meu irmão Luiz Fernando para morar comigo em Boa Vista, esquecendo, momentaneamente, o que havia profetizado naquele jantar. O tempo passou e o que eu havia dito naquela noite ficou esquecido, até o meu irmão chegar com a novidade.

- Euclides, eu estou namorando a Heloísa Araújo.

No primeiro momento levei um susto, lembrando-me do que havia profetizado naquele jantar. Depois do susto, pedi detalhes do seu envolvimento com a Heloísa. Disse-me que quem os havia apresentado fora o Sérgio Ioris.

Namoraram, casaram, e estão juntos até hoje. Dessa união nasceram dois filhos: Emílio Alberto (Advogado) e Luiz Fernando (Médico). Profecia cumprida.

Existem relatos que a origem da previsão pode ser relacionada a um sonho. Todos nós sonhamos, podemos sonhar com pessoas ou sonhar com situações. Alguns sonhos são absurdos, outros até parecem verdade. Algumas pessoas possuem muita facilidade em lembrar-se dos seus sonhos. Foi o que ocorreu com a minha cunhada Heloísa, no dia da morte da minha mãe. Na morte, a alma e o corpo se separam. O corpo é enterrado e volta a ser matéria, perdendo qualquer conexão com a vitalidade. Na noite que antecedeu a morte da minha mãe, a minha cunhada teve um sonho trágico, uma espécie de aviso do que estava para acontecer. A minha mãe teve um infarto fulminante vindo a óbito enquanto era banhada, no meio da manhã do dia seguinte ao sonho. Naquele dia, a minha cunhada acordou assustada e relatou ao meu irmão o sonho da noite passada.

- Essa noite eu tive um sonho horrível... Sonhei que a tua mãe havia falecido e a sua alma se despreendeu do corpo, em forma de um fecho de luz, sumindo no horizonte.

Soprava um vento, que agitava de leve os galhos das árvores quando o Dino, meu sogro, avistou um carro entrando no sítio. Ergueu o olhar e, de cara, reconheceu como sendo a D20 do seu amigo Francisco Feitosa de Melo, também conhecido pelos amigos como Chico Gambina.

Enquanto o carro vinha em sua direção, Dino entrou em casa para vestir uma camisa, a fim de receber o velho amigo. Depois de vestido, saiu de casa para receber o Chico... Chegando lá fora a surpresa, não havia ninguém, carro nenhum.

O Dino passou aquela manhã intrigado com aquela aparição e mal sabia ele que a visita do amigo não fora feita de corpo material e, sim, de espírito. No sítio não havia nenhum tipo de comunicação com o pessoal da cidade, pois ficava distante 50 km de Boa Vista.

Quando eu e o Rui Pinho de Melo chegamos ao sítio no final daquela tarde atípica, encontramos um Dino assustado, relatando o episódio daquela manhã.

Escutamos, com calma, o relato dele, para só depois entrarmos com a notícia do falecimento do Chico Gambina. Coube ao Rui, genro e sobrinho do Chico, dar a notícia:

- O Chico Gambina faleceu hoje pela manhã.

Aos poucos o ano de 2013 vai embora, festas de final de ano se aproximando, tudo diferente e meus pensamentos retornam ao Natal de 2012. Depressão, desânimo, vontade de morrer... E agora, tudo era diferente, alegria recuperada, previsão de um Natal feliz.

E, com a chegada do Natal, recebo um belo presente. Comecei a escrever os textos do meu livro em junho de 2013. Já havia enviado alguns episódios para inúmeros amigos e conhecidos, até enviar os textos para o Fernando Quintella, que gostou dos meus escritos e, de cara, se ofereceu para corrigir o meu livro e auxiliar-me no que fosse preciso. E, novamente, meus pensamentos voltaram ao passado. Quanta diferença de um Natal para o outro: no anterior, tristeza e depressão. Agora alegria, e um presente de Natal inusitado e inesperado.

Eu acredito em vida após a morte. Acredito em sonhos, já que duas vezes fiz a quadra da quina jogando números que foram sonhados. O que aconteceu comigo e com o Fernando pode ser qualificado como uma grande coincidência, ou quem sabe algo sobrenatural, com o dedo do divino.

Foram mais de trinta textos enviados para o Fernando corrigir e só um me foi devolvido.

- Euclides, o assunto é muito rico, requer uma pesquisa ampla com dados mais precisos, - disse-me ele em certa ocasião.

Primeiro fiquei me perguntando por que só um texto foi devolvido, já que havia textos piores que este, e que o próprio Fernando tratou de melhorar? Refiz o texto, acrescentando a data da minha chegada em Boa Vista. Desembarquei no Aeroporto Internacional Atlas Brasil Cantanhede, em 19 de janeiro de 1981. Assim que o Fernando recebeu o novo texto me passou mensagem com uma revelação. E, assim, aconteceu outro fato interessante:

- Euclides, eu também cheguei a Boa Vista no dia 19 de janeiro de 1981, às 19h no avião da, hoje já extinta, Cruzeiro do Sul. Portanto, nós chegamos pelo mesmo voo.

Pareceu tudo planejado. Foi só seguir o que estava escrito em algum lugar. Eu não escolhi o Fernando para me auxiliar no livro, o Fernando foi escolhido pelo destino, para me ajudar na empreitada.

Pois é, ninguém aparece na nossa vida de graça.

P O E M A

Perdi meu pai muito cedo
Nas auroras do destino
Um pouco mais que menino
Tentando tropear a lida
Pus o arreio nos medos
Pra deixar de ser criança
Pois eu tinha como herança
Toda a história de uma vida

O pranto que eu derramei
Vendo meu pai ir embora
Foi cruel naquela hora
Por um parceiro que vai
Prometi pelo que sei
De cumprir o meu legado
Pra cinchar o meu passado
Vestindo meu próprio pai

E assim me bandiei pra luta
Como se fosse um taludo
O mundo meio beijudo
Troteava de atravessado
Mas a crença resoluta
De quem viu de perto a morte
Não pode correr da sorte
Nem de um mundo mal domado

Minha mãe foi muito guapa
Me ensinou o caminho certo
Mas quando o pago é aberto
A vida vai no reporte

E quem tem alma farrapa
Criado lá nas coxilhas
Se mistura nas tropilhas
Que a história leva por diante

“Legado”, poesia de Edison Eroquês Daniel Velho

Aos 18 anos, João Euclides decidiu romper com a rotina e seguir o caminho dos andejos. O choro constante da mãe, devido às repetidas expulsões na escola, foram o estopim. Partiu de casa em segredo, sob o manto da noite, levando apenas seus pertences e a fé em Deus. Caminho sem volta e sem lugar para arrependimentos. Porto Alegre foi o primeiro marco de uma longa caminhada. Foram oito anos na capital gaúcha, até quando seu espírito aventureiro lhe sugeriu novos ares. Trocou a Estância de São Pedro pela terra de Makunaima. Era o dia 19 de janeiro de 1981. Estava em sua nova pátria. Estava em Boa Vista, no então Território Federal de Roraima. Um dia movido pela saudade, pelas lembranças e pela obstinada vontade de escrever, nasceu o sonho literário que hoje já está materializado.